

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

BH/UFC

PERGAMINUM
BH-UFC

R 125 H 335
C 472634
03 SET 2005

SOPRAM BONS VENTOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR:

A análise de um programa de formação de educadores em "ação" no município de Aracati

Joana Adelaide Cabral Moreira

Dissertação apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira - Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre, sob a orientação da professora Eliane Dayse Pontes Furtado - PhD.

Fortaleza - Ceará
2001

SOPRAM BONS VENTOS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR:

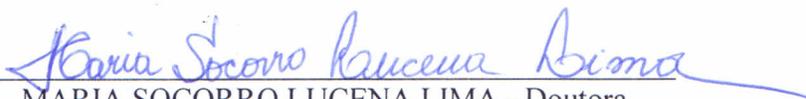
A análise de um programa de formação de educadores em "ação" no município de Aracati

Joana Adelaide Cabral Moreira

BANCA EXAMINADORA:

ELIANE DAYSE PONTES FURTADO (Presidente) -PhD

ANA MARIA IÓRIO DIAS - Doutora



MARIA SOCORRO LUCENA LIMA - Doutora

Dissertação aprovada em __/__/__

Fortaleza - Ceará
Setembro/2001

*Aprendi com a primavera a me deixar cortar,
e sair sempre inteira.
(Cecilia Meireles)*

Aos que amo.

Aos que fizeram esta história em Aracati.

A amiga Betânia, com quem compartilho mais um trabalho.

Aos meus professores e colegas, que me ensinaram a não ter medo de romper com o estabelecido.

As minha orientadoras, pela coragem com que me deixaram compor sem me tolher a criação.

A minha mãe pelo grande exemplo como mulher e educadora.

A meu filho, que me acompanhou em todos os momentos desta caminhada, a princípio como sonho, depois como milagre e hoje como um PEDACINHO VIVO DE MIM.

Ao meu companheiro, pelo amor incondicional com que me apoiou no período mais sublime da minha existência.

A FUNCAP, pelo apoio financeiro.

A inesquecível Verônica de Paula pelas madrugadas que dedicou à orientação dos estudos, que me possibilitaram ingressar nesse curso.

RESUMO

Esta dissertação registra e analisa uma investigação que realizei com professoras das séries iniciais da rede pública do Município de Aracati, no litoral do Ceará, buscando compreender através da natureza das ações docentes desenvolvidas em sala de aula e da própria cultura escolar, a leitura que estas fazem de um Programa de Formação de Educadores em "Ação" que vem se construindo há três anos por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação (SEMÊAR), contando com o apoio de ONG e Universidades Cearenses. A primeira etapa do trabalho é desenvolvida entre o período de elaboração e os dois primeiros anos de execução do Plano Estratégico de Educação do Município, e propicia uma análise da administração coletiva do pedagógico na condução de uma Secretaria Municipal de Educação, refletindo sobre a gestão das unidades escolares, e fomentando a criação de um Programa de Formação de Educadores em Serviço, no triênio 97/2000. A segunda, corresponde à implantação e ao primeiro ano de funcionamento do Curso de Formação de Professores de Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries, que é resultante de uma parceria do Núcleo de Educação Continuada e a Distância - NECAD, da Universidade Estadual do Ceará -UECE e a Secretaria Municipal de Educação de Aracati - SEMÊAR, e se constitui a segunda fase do Programa de Formação Continuada dos Educadores da rede municipal. A metodologia utilizada pode ser classificada como etnometodológica na qual preponderou a observação participante, mas recorri também a instrumentos da etnografia como análise documental, conversas de explicitação e histórias de vida de professores. Ao concluir temporariamente este estudo posso afirmar que já podemos perceber na prática pedagógica do professor aracatiense resquícios de uma postura reflexiva e interacionista. e que o reencontro dos educadores com suas próprias histórias os fez perceber que são a resultante das múltiplas interações vividas e do processo de formação a que foram submetidos durante a sua trajetória pessoal e profissional. Deixei-me seduzir tanto por estes contos, que sem perceber voltei ao passado e me reencontrei com as rodas de história da minha infância sertaneja, e por isso decidi quebrar um pouco a formalidade da redação acadêmica e permear a minha escrita por histórias reais e mitológicas, que possibilitem a você leitor, soltar a imaginação e viajar pelo mundo encantado das narrativas.

ABSTRACT

This dissertation records and analyses an investigation I undertook with teachers from the early grades of the public school system in the Municipality of Aracati, on the coast of Ceará. The study seeks to understand, through the nature of teaching activities performed in class and through the school culture itself, the interpretation given to a Program of Teacher Training “in action” which has been carried-out over the past three years as an initiative by the Municipal Education Department (SEMEAR), boasting support from NGOs and Universities in Ceará. The first step of the study is performed between the period in which the Municipality’s Strategic Education Plan was drawn-up and the first two years of its execution. This dissertation also offers an analysis of the collective administration of pedagogical issues by the Municipal Education Department, reflecting on management of schools and leading to the creation of an in-service Teacher Training Program in the three years between 1997 and 2000. The second step corresponds to implementation and the first year of operation of the Teacher Training Course for Basic Education in the 1st to 8th grades, which is the result of a partnership between the Continued and Distance Learning Centre – NECAD, at Ceará State University – UECE and the Aracati Municipal Education Department – SEMEAR, and forms the second phase of the Continuous Teacher Training Program of the municipal network of schools. The methodology used may be classified as ethnocentric, in which participant observation prevailed. However, I also made use of ethnographic tools such as document analysis, explanatory conversations and teachers’ backgrounds. Upon temporarily concluding this study, it is possible to assert that we are already able to see, in the teaching practice of teachers from Aracati, elements of reflective and interactionist stances and that the reconciliation between teachers and their own backgrounds made them see that they are the result of multiple interactions and of the process of training to which they were submitted during their personal and professional development. I became so involved with these stories that, without noticing, I went back in time and rediscovered the story circles of my rural upbringing and for this reason I decided to break somewhat with the formality of academia and permeate my writing with real and mythological stories which enable the reader to exercise his or her imagination and navigate the enchanted world of narratives.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO.....	22
CAPÍTULO 1 - DIÁRIO DE BORDO	25
1.1 A Escola como Espaço de Formação Permanente da Autonomia, Autoridade e Autoria	25
1.2 A Universidade vai à Escola	40
1.3 Metodologia da Pesquisa	55
1.4 A Formação do Professor Reflexivo e a Pesquisa	59
CAPÍTULO 2 - OS RITUAIS DE UMA SALA DE AULA MULTISSERIADA	66
2.1 Caracterização do Universo Pesquisado	66
2.2 Levantamento e Análise dos Dados Coletados no Cotidiano da Sala de Aula	69
CAPÍTULO 3 -FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ARACATI ESCRITA PELOS EDUCADORES	107
3.1 O Riso como Princípio Educativo	107
3.2 Os Projetos Pedagógicos das Escolas	116
3.3 As Narrativas como Espaço-Tempo de Ensinar e Aprender.....	123
3.4 O Perfil das Escolas Aracatienses Traçado por sua Comunidade Educativa.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	161
ANEXOS	166

APRESENTAÇÃO

Um pouco da história da obra e da autora

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar. Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar (Geraldo Vandré).

Na introdução do seu livro *Vidas de professores*, Antônio Nóvoa nos chama à atenção para a importância de trabalharmos a formação do educador na perspectiva de compreendê-lo em suas múltiplas determinações, especialmente buscando superar a dicotomia entre *eu pessoal e eu profissional*.

A presente obra procura chamar a atenção para as vidas dos professores, que constituíram, durante muitos anos, uma espécie de "paradigma perdido" da investigação educacional. Hoje, sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana (Antônio Nóvoa, 1992:9).

Escrever este texto significa, de alguma maneira, contar a história de vida de uma professora.

É através da narrativa das minhas memórias, como bem fez Darcy Ribeiro (1997), que tentarei explicitar a compreensão que tenho da pedagogia militar que nos formou e que, até hoje, se encontra arraigada nas nossas práticas, por mais que tentemos exorcizá-la dos nossos discursos progressistas. Parafraseando o Autor, buscarei revisitar fatos que contribuíram historicamente nesse processo de aprender "a me ser, eu mesma, comigo".

Faço parte da geração dourada¹ e vivo até hoje as conseqüências disso. Afinal, nascer e receber a educação básica sob governos militares merece, no mínimo, uma boa reflexão.

¹ Expressão usada pela socióloga Laura Dantas, do Instituto Data Brasil, que vem desenvolvendo uma pesquisa para esclarecer o perfil do adulto do século XXI. Refere-se à juventude herdeira do "milagre econômico" dos anos 70 (Veja 25 anos, 1994:121)

Menina de engenho

O Engenho Massapê, minha primeira Pátria, localizava-se nos rincões do sertão central cearense, precisamente em Pirangi, na época, Distrito de Quixadá. Minha mãe, que se mudara para aquele lugar em consequência do seu casamento, trouxe nas bagagens um diploma de professora primária e certa experiência no ramo, adquirida na cidade. Decidiu um dia instalar uma escola rural na sede da fazenda para alfabetizar os filhos dos lavradores da região.

No amplo alpendre da casa grande, a garotada se reunia todas as tardes para conhecer as primeiras letras e as operações matemáticas básicas. Aquilo era como um culto sagrado, raramente alguém faltava, mesmo que tivesse que percorrer distâncias significativas a pé ou em jegue. Todos se reuniam em torno de uma imensa mesa de madeira e minha mãe, dona Lúcia, coordenava os trabalhos. Meu irmão mais velho e eu ganhávamos inclusive tamboretas especiais, em tamanho grande, para que pudéssemos alcançar a mesa e participar daqueles rituais. Recebíamos papel e lápis para rabiscar, mas nos sentíamos orgulhosos, como se estivéssemos no ritmo dos demais. Gostávamos muito daquelas aulas...

Até os quatro anos, vivi naquele paraíso doce como o caldo da cana recém saído do engenho, alegre como o canto dos pássaros nas manhãs ensolaradas do sertão e aconchegante e seguro como os braços de um pai após um grande tombo. Porém, chegou o momento de nos transferirmos para a cidade, a construção do futuro nos aguardava. A formação escolar para meus pais era entendida como a herança mais valiosa que um filho poderia receber.

Quixadá para mim era uma grande incógnita. As montanhas que cercavam toda a Cidade, dando a impressão de um grande forte natural, com uma pedra gigantesca ao centro, criavam uma atmosfera um tanto misteriosa, alimentando por demais a fantasia dos moradores, a contar inúmeras lendas sobre a origem do lugar. Monólitos como que esculpidos por um artista divino, vulcões adormecidos, cemitérios indígenas, sítios arqueológicos, campo de aterrissagem de discos voadores, tudo parecia muito fascinante e, ao mesmo tempo, assustador para três pequenos, como meus irmãos e eu.

O meu mundo já não era tão seguro, os horizontes se ampliaram e os perigos também. Hoje compreendo porque meu pai nos protegeu o quanto pôde de tudo o que estava acontecendo no País na fase mais negra da sua história. Afinal, nasci em 1968... o ano que não terminou. Ou seja, enquanto vivia os momentos mais inocentes e belos da minha vida, jovens que sonhavam em construir um mundo melhor eram torturados e tolhidos das mais diversas formas, por uma ditadura militar, que teve entre seus precursores um cearense, a quem me ensinaram a render homenagens na escola.

(...) A História nos afunilava. Traições se registravam nos próprios quadros do governo. (...) A conspiração envolveu logo os comandos militares. Castelo Branco lança manifesto, conclamando a oficialidade à indisciplina dentro da Doutrina da Guerra Fria, segundo a qual o inimigo principal era interno, o comunismo, que tem que ser erradicado a qualquer custo (Ribeiro, 1997:350-351).

Minha primeira escola regular chamava-se O MUNDO DA CRIANÇA (1972). Era alegre, e acolhedora, pertencia a uma prima de minha mãe que, além de educadora, era artista plástica. Quando vestia a farda amarela com o anãozinho bordado no bolso, me sentia a mais importante das criaturas. Minhas primeiras professoras eram criativas, alegres e abertas ao novo. Até hoje recordo delas com saudades. Lá fiz o Jardim e a Alfabetização. A precocidade com que respondia ao que me era ensinado, somada à metodologia utilizada pela escolinha, me levaram a ler aos cinco anos. Por uma orientação técnica e, obviamente pelo desejo de minha mãe, me colocaram aos seis anos na primeira série do primeiro grau (hoje questiono tanta pressa). Em 1974, fui matriculada no Valdemar Alcântara, o segundo maior e mais tradicional colégio da Cidade, dirigido pelos padres, já que as freiras do Sagrado Coração de Jesus se negaram a me receber, em razão da minha idade. No ano seguinte, convencidas pelo meu boletim, me aceitaram como aluna. Lá permaneci por sete anos. Aquele colégio enorme, de corredores longos e extremamente silenciosos, contrastava com o meu pequeno tamanho e, para completar, meus irmãos haviam ficado com os padres. Mas, logo conquistei o coração das irmãs, e me tornei uma espécie de mascote. Era incluída em todos os eventos: coroação de Nossa Senhora, coral, jogos, desfiles, teatro...e o fato de ter a arte muito presente em minha vida me levou ao

curso de piano da talentosa irmã Teresinha. A música se tornou uma das minhas grandes paixões e hoje lamento que a vida me tenha forçado a deixá-la em segundo plano.

Até então vivíamos a fartura do “Milagre”, de sorte que pagar cursos informais não representava sacrifícios para os meus pais. Mas, como tudo o que se sustenta em pilares sem alicerces, esse momento ruiu, os anos dourados se foram e o País entrou numa de suas maiores crises econômicas.

Não bastando tudo isso, fomos surpreendidos pela morte súbita de meu pai, e viramos uma página difícil da nossa história.

O cata-vento verde-amarelo

Ao assumir o comando da família, minha mãe deu prioridade ao estudo em nossa formação. Acredito que ela também sofreu as influências da Teoria do Capital Humano, muito difundida na época. Ela, que já lecionava em uma escola pública estadual, passou a viajar aproximadamente 180 km todos os dias para cursar a Faculdade de Pedagogia numa cidade próxima, já que a de Quixadá ainda não estava funcionando.

Estudar, estudar e estudar, era a palavra de ordem! Tudo mais poderia esperar, até o desfrute dos prazeres da adolescência. A construção do futuro nos roubara o presente, e, olhando para o passado, acho que me fizeram adulta cedo demais. Tive a juventude mais séria que alguém pode ter, embora nunca tenha me faltado o apoio moral, afetivo e, dentro do possível, financeiro. Aos poucos, fui aprendendo a driblar as dificuldades, a me divertir com elas. Recordo-me de que, num momento de extremo nacionalismo no País, éramos obrigadas a desfilar todos os anos, quando das comemorações da semana da Pátria. Criança, até me divertia e, por que não dizer, enchia o peito de orgulho quando a multidão nos aplaudia ao passarmos em frente ao palanque das autoridades. Fazíamos o maior esforço para nos apresentar melhor do que os meninos do Colégio dos padres. Na mocidade, porém, aquilo tudo começava a perder um pouco do tom patriótico e o desfile se tornava um momento de nos encontrar fora dos horários de aula, especialmente no mês de ensaio que precedia a festa. Como já não dava mais para fazer os trajos com os quais me autorizavam a desfilar no pelotão de frente com um cata-vento verde-amarelo à mão, me valia da altura,

para levar a Bandeira Nacional. No entanto, agora, após tudo o que estudei sobre o que fizeram de nós, não sei se porque gostava de desfilar por sentimento de brasilidade, como tanto frisou o gênio Darcy Ribeiro (1997), ou se por ingenuidade; o que recordo muito bem é que sentia uma emoção especial naqueles desfiles.

O tecnicismo

Em 1982, no início do segundo grau, hoje ensino médio, vivi meu primeiro grande choque com o sistema de ensino oficial. O tecnicismo implantado pelos militares através da Lei 5692/71 (Reforma do Ensino de Primeiro e Segundo Graus) não me deixava opções. Todos os cursos da cidade eram técnicos, tanto os particulares quanto os públicos. Buscando tirar o que pudesse me interessar de cada um, fiz a matrícula no pedagógico do Sagrado Coração de Jesus e no curso de contabilidade do Virgílio Távora, única escola pública de segundo grau da Cidade. No primeiro ano, como a formação era geral, correu tudo bem. Porém, no segundo, a situação se complicou. Foi uma experiência desumana. Logo no primeiro dia letivo, pela manhã, tive uma disciplina de datilografia teórica; em seguida, vieram a contabilidade, as técnicas comerciais, a moral e cívica e muitas outras. Senti um misto de decepção e pavor. Era tanta indignação se misturando na cabeça de uma jovem de catorze anos, que ansiava cursar universidade e virar doutora, que até agora dói ao recordar. Eu não aceitava aquela escola, aquela forma de ensinar, aqueles professores. A minha esperança se voltou para o velho Coração de Jesus, mas o drama se repetiu. A tarde foi inaugurada com a disciplina de Didática Geral, mas era apenas a abre-alas; em seguida vieram a Estrutura e Funcionamento do Ensino, a Didática da Matemática, da Comunicação, das Ciências...e eu ficava cada vez mais convencida de que ali não era o meu lugar. E o pior é que ninguém me fazia entender o porquê daquilo tudo. O ensino se tornara tão fragmentado que não se conseguia conectar suas partes.

Ao cair da tarde, retornei à minha casa, trazendo do meu primeiro dia de aula a dúvida como única certeza, e no peito o sentimento de que jamais me submeteria àquilo. Coloquei minha mãe “na parede”, queria como meu irmão mais velho a oportunidade de buscar a escola de que precisava em outro lugar. A minha ingenuidade não me fazia entender que as normas que regiam o ensino eram nacionais. No entanto, como os colégios da Capital vislumbravam o sucesso dos alunos no vestibular, que é o produto final da

escola empresarial, colocavam um nome técnico no certificado, e ministravam aulas de um curso científico preparatório para o terceiro grau. Após alguns dias de negociação com minha mãe, em que sobraram argumentações, lágrimas e justificativas, eu estava subindo as rampas frias e desertas do Colégio 7 de Setembro, onde estudei dois anos. É óbvio que eu sabia que, mesmo com enormes dificuldades financeiras por que passa uma professora pública para sustentar sua família, ela faria qualquer coisa para que eu realizasse meus sonhos profissionais.

Foram anos difíceis, disciplinas novas, livros, apostilas gigantescas e uma multidão de professores que tinham como única meta nos aprovar no vestibular. Consegui sobreviver!

Ao final de 1984, estava com o “canudo” na mão a caminho da esperada seleção. Apesar de ter feito provas razoáveis, não atingi o perfil exigido. Foi minha primeira reprovação, e, com certeza, não estava preparada para aquilo. Ensinaram-nos, a não saber perder. E doeu muito ver alguns colegas comemorando, enquanto teria que esperar um pouco mais. Não imaginava que aquele concurso pudesse alterar tão radicalmente o rumo da minha história...

As circunstâncias e os recursos cada vez mais reduzidos de minha família me convenceram a fazer as provas também na Unidade da UECE em Quixadá, sendo aprovada em segundo lugar para o curso de Licenciatura em Ciências, no início do ano de 1985. Fui praticamente obrigada a assumir o que me propus.

A universidade

Voltar para a terra natal tão cedo foi uma experiência bastante dolorida. Deixar para trás os novos amigos, as praias, os cinemas, os sonhos de ser médica, fez meu coração literalmente sangrar. Voltei da única forma que não gostaria de voltar para casa, com o peito apertado por achar que ainda não era o momento.

A melancolia e as lágrimas logo foram sendo substituídas pelos risos e descontrações do trotes e calouradas. A minha gente sempre conseguia ser afetuosa e acolhedora.

Era interessante como me sentia à vontade naquela escola; parece que a comunidade, ao construí-la, deixara suas marcas familiares. Para completar, eu ainda era a aluna mais nova que a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) tinha no seu quadro discente. Acredito que, por essa razão, colegas e professores, na grande maioria importados, me dispensavam atenção especial. Era um ambiente muito humano, com muros baixos e a lua entrando pelas janelas. Jardins floridos, sem corredores ou rampas. Até sala de pingue-pongue e piano faziam parte do nosso cotidiano.

Concomitante a tantas mudanças, vivi a emoção de ver o País inteiro festejar o fim da ditadura militar e a retomada da democracia, que tinha como bandeira de frente o movimento pelas “Diretas Já”. Porém, parafraseando Germano (1992), num ato de demonstração do elevado grau de continuidade do regime autoritário dentro da Nova República, o Congresso Nacional frustrou mais uma vez as massas populares, derrotando a Emenda Dante de Oliveira - que instituía as eleições diretas para Presidente da República, em 1985, elegendo através de uma manobra denominada Colégio Eleitoral, Tancredo Neves e José Sarney, Presidente e vice do Brasil. Com a morte de Tancredo, chorei junto com o País. É como se com ele enterrassem os sonhos de liberdade que na minha *consciência ainda ingênua* começavam a germinar.

Acho que foi novamente o *sentimento de brasilidade*, do qual tanto nos falou Darcy (1997) em suas Confissões, que me moveu. Ainda consigo escutar, na voz da sensual Fafá de Belém, o Hino Nacional e a música Coração de Estudante, do Milton Nascimento. Naqueles anos, comecei a entender que o romântico Rei da jovem guarda já não me convencia mais *de que tudo estava igual como era antes e que quase nada se modificou, que só eu é que mudei e voltei. A menina de trança, cantada em verso e prosa por Antonio Marcos, já não queria mais, ver apenas a banda passar em frente ao portão, como bem disse Chico Buarque.*

Apesar de entrar na universidade num momento da transição política, tive entre meus mestres, jovens-senhores que sentiram na pele o peso do coturno dos militares, atropelando seus ideais. Este fato fez uma grande diferença em suas práticas pedagógicas.

O magistério

Ao concluir meu primeiro curso de terceiro grau, por volta de 1988, já estava me sentindo mais gente, começava a traçar o próprio destino. Já me havia me iniciado como trabalhadora, aos dezessete anos, a princípio como funcionária da Secretaria de Saúde do Município. Acho que era uma forma inconsciente de não perder o contato com o sonho da medicina. Mas logo no segundo ano da faculdade, já nutria uma grande atração pela educação. Confesso que resisti muito, mas, ao ser convidada a lecionar no Sagrado Coração, no Valdemar Alcântara e no Virgílio Távora, me senti tentada a aceitar o desafio. Inexplicadamente senti um enorme desejo de visitar aqueles lugares sem atrativos que eu conhecia muito bem. Foi então que troquei a saúde pela educação e dela nunca mais me separei. É como nos disse Sartre: *Não importa o que fizeram de nós, o importante é o que fazemos com o que fizeram de nós.*

Porém, foi uma caminhada tortuosa. Comprei brigas, desobedeci, infringi, mas busquei ao máximo fazer das minhas aulas momentos de construção e prazer. Descobri por quem são elaboradas as leis e as normas que norteiam a educação, e entendi por que estas estão longe de contemplar a dinâmica da relação entre as pessoas e destas com o mundo. Procurei, então, deixar as minhas próprias marcas por onde passei. Trabalhei conteúdos que o currículo oficial não previa, ou seja, fiz do currículo oculto meu espaço de criação. Mais tarde, quando exercia ações administrativas e de supervisão em instituições educativas infantis, reencontrei algumas ex-alunas, e confesso que me senti gratificada pela minha irreverência.

Mas, nem tudo foi sucesso, vivi inúmeras decepções. Só agora é que compreendi que as inovações pedagógicas estão condicionadas, muitas vezes, a variáveis que fogem ao controle da experiência em si, pois há fatores externos como a forma como, se estrutura a sociedade e o sistema de ensino que acabam falando mais alto.

Ao concluir o curso de ciências, pensei em retornar a Fortaleza e retomar os antigos planos. Mas, muita coisa havia mudado, inclusive em mim. Se, de um lado, resistia o velho desejo de desvendar os segredos do corpo humano através das ciências médicas, do outro, havia o fascínio da independência financeira precoce e as possibilidades de descortinar os

mistérios do desenvolvimento e da construção da inteligência dos indivíduos, por meio das ciências humanas e sociais. Mais uma vez, foi uma decisão difícil. No entanto, a clareza de que até os sonhos podem ser provisórios, pois não são únicos, somada à necessidade de ajudar a custear os estudos dos irmãos caçulas, que como eu brigavam pela oportunidade de perseguir seus ideais, me fizeram optar por ficar um pouco mais.

Prestei novo vestibular, desta vez para pedagogia. Fui novamente bem classificada e confesso que nunca aprendi tanto. De Paulo Freire a Gramsci, foram inúmeras noites viajando pela literatura pedagógica. Os debates, as vivências, as assembléias, os movimentos de resistência para não deixar o governo fechar a nossa escola, foi tudo muito rico e inquietante. Nas aulas da universidade, questionava meus professores, que me fizeram entender que revolução em educação não se faz por decretos. Mas sim com determinação política, investimentos, valorização das pessoas que fomentam os processos, e com informação e envolvimento da comunidade. Enquanto lutávamos pelas mudanças macro-socialmente em paralelo, procurávamos investir nas mudanças em nível micro. Chegou um momento em que, além de orientar pedagogicamente o maior projeto público de educação infantil do Município, o já extinto projeto LBA/Prefeitura Municipal, coordenava também o Colégio das Irmãs, além de colaborar com um programa semanal para pais e professores na Rádio Cultura, de abrangência regional. Aproveitei todos os espaços de que dispunha para informar, questionar posturas, debater temas relevantes para a melhoria da qualidade de vida infantil, enfim, defender posições que acreditava.

Como cheguei ao que é hoje meu objeto de investigação

Tive o privilégio de, como educadora, poder conviver com escolas públicas e particulares, o suficiente para compreender que nelas, apesar de possuírem condições materiais extremamente diferentes, os alunos apresentavam dificuldades de aprendizagem bastante semelhantes. Foram questões referentes à aprendizagem dos alunos que me fizeram sentir necessidade de realizar algumas investigações teórico-metodológicas. Podia perceber claramente que algo nas histórias dos meus alunos os havia formado/deformado. Era incrível a dificuldade que sentiam de se expressar, de resolver situações-problemas, e principalmente, de interpretar o que liam e ouviam. Copiar, repetir, decorar, responder questionários parecia sempre mais prático e cômodo. Lutei o quanto pude para levá-los a

questionar a postura da escola e deles próprios, mas, com o desânimo dos colegas, ficou cada vez mais difícil. Decidi, então, recorrer aos teóricos, acreditando encontrar subsídios para ser mais convincente nas tentativas de sedução. Foi nesse momento que compreendi que a questão era bem mais complexa, e que entre inúmeras variáveis estavam, além dos recursos materiais e socioeconômicos, os humanos. Sabendo das minhas limitações, e tendo o cuidado de não perder a noção da totalidade do processo educativo, *elegi como temas centrais para minhas investigações a etapa inicial da educação institucional e paralelamente a formação dos facilitadores da aprendizagem desse grau de ensino.* Recordo a indignação e o espanto dos colegas, quando decidi trocar as salas de primeiro grau maior e segundo grau pelas de educação infantil. Era como se estivesse vivendo um retrocesso profissional. As séries iniciais eram consideradas um espaço para professores que não tivessem competência para lecionar em outros graus. Fiquei apenas um ano em uma turma de alfabetização, mas vivi o suficiente para compreender que os avanços legais conquistados pela Constituição Cidadã de 1988, seguida do Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como do projeto da nova LDB 9.424/96, com relação às funções das escolas infantis, ainda estavam há anos-luz daqueles espaços escolares.

Em 1992, um significativo movimento de mobilização social, tendo a universidade como um dos motivadores, colocou à frente do poder público municipal de Quixadá, um jovem advogado do Partido dos Trabalhadores². Este fato contribuiu significativamente para darmos um salto nas áreas sociais básicas, inclusive na educação infantil. Durante um ano, colaborei com esse trabalho.

Concluído o curso de Pedagogia, e já com certa experiência acumulada, chegara à hora de retornar a Fortaleza. A especialização e o mestrado tornaram-se necessários, para quem almejava colaborar com a formação dos educadores do Sertão Central, através da universidade.

As especializações em Organização e Gestão da Educação Básica (UFC) e Orientação Educacional, Supervisão e Administração Escolar: uma visão globalista do processo pedagógico (UECE), me ofereceram oportunidades de realizar pesquisas com

² José Ilário Gonçalves Marques Deputado Estadual e Prefeito Municipal de Quixadá por dois mandatos, pelo Partido dos Trabalhadores.

maior rigor científico, com relação à formação do educador infantil, além de contribuir significativamente para minha aprovação em um concurso para professora da Universidade Estadual do Ceará, unidade de Quixadá, em meados de 1995.

Dessa vez, tive o sonho adiado por motivos estruturais na máquina governamental do Estado, que até hoje não são claras, quando vivi uma longa espera de três anos e cinco meses para ser contratada.

O mestrado

Enquanto brigava para fazer valer meus direitos, dediquei-me a projetos pedagógicos através de uma ONG e ingressei no mestrado em Educação Brasileira, e foi então que tive esta oportunidade impar de, através da confecção deste texto, revisitar a história da educação brasileira nos últimos trinta anos, através das minhas memórias escolares. Certamente foi um reencontro fascinante, pois refletir sobre o experienciado, fortalece-nos na construção de uma práxis pedagógica revolucionária.

No curso, ao depararmos com a inusitada proposta de estudar a educação brasileira a partir de escritores originais como Manoel Bonfim, Euclides da Cunha, Darcy Ribeiro, entre outros, começamos a compreender que iríamos adentrar caminhos da investigação histórica, até então desconhecidos por nós. Confesso que, a cada leitura realizada e compartilhada com os colegas, fui compreendendo como se entrelaçaram os fios que teceram esse processo fascinante que é a formação povo brasileiro. Outra contribuição importante foi a descoberta de que a história também pode ser compreendida, numa visão crítica e social, tanto através de narrativas de grandes fatos históricos, quanto de histórias de vida.

Viajando por esta literatura, pude perceber que poderia facilitar o meu trabalho de investigação sobre a “Formação do Educador das Séries Iniciais”, se fizesse uma releitura da história da educação, buscando compreender como se entrecruzaram minhas trajetórias como educanda e educadora em contínua formação, concebendo o educador na sua condição social de ser histórico, político e cultural.

A “globalização”

Estamos vivendo sob o signo da “globalização”. Muda o momento histórico, questiona-se paradigmas, mas a distribuição da renda continua a mesma. Fala-se em pós-modernidade e/ou neo-estruturalismo, quando questões básicas da modernidade ainda não foram resolvidas. A mesma ciência que possibilitou a revolução tecnológica, paradoxalmente, coisifica e desumaniza o homem ao tirar-lhe o seu trabalho. Dentro desta nova ordem, a educação institucional ocupa lugar central em todos os discursos, inclusive de grupos antagônicos. É neste momento que o Brasil reedita a teoria do capital humano, com um discurso neo-liberal, que acredita ser a educação a solução para todos os problemas sociais. Inclusive divulga, através dos meios de comunicação, que o problema do País não é falta de emprego e sim de mão-de-obra qualificada para trabalhar. Do outro lado, estamos nós que acreditamos ser a escola, potencialmente um rico espaço de produção e irradiação de cultura e saber, e conseqüentemente uma grande possibilidade de produção de conhecimento e emancipação da classe trabalhadora. E é dentro desta perspectiva que tenho norteando a minha prática de professora-pesquisadora.

Assumi em setembro último minha vaga na Academia, e fui obrigada, mesmo cursando o segundo semestre do mestrado, a ministrar quatro disciplinas diferentes e orientar duas monografias de alunas da graduação. Ou seja, já de chegada, pude sentir o gosto amargo da política perversa a que vem sendo submetida a comunidade universitária. O corte de verbas, iniciado nos anos 70, teve continuidade na chamada Nova República, prosseguiu na breve era Collor e se acentuou significativamente no governo do sociólogo-professor, tornando-se praticamente crônica. As conseqüências disto têm sido catastróficas: degradação salarial de professores e funcionários; sobrecarga de atividades, deterioração de prédios, laboratórios e equipamentos, comprometendo assim o desenvolvimento do ensino e da pesquisa. E o pior é que tudo isso ocorre num momento em que a organização de professores e estudantes se encontra profundamente comprometida. Acredito que permanecer professor no quadro em que se encontra a educação pública, e insistir em buscar alternativas em meio a tantas turbulências, é, no mínimo, uma forma de resistência ou de muita teimosia.

O reencontro

Ao retornar dez anos depois ao antigo Colégio Estadual Coronel Virgílio Távora, para observar alguns alunos meus, em suas Práticas de Ensino, fiquei estarecida ao perceber que a escola onde fui aluna e professora há tantos anos resistia inalterada ao tempo; é como se houvesse ficado adormecida num sono profundo. E o pior é que as novas turmas pareciam réplicas das antigas, que eu conhecia tão bem: professores usando como recursos didáticos a voz, o giz e o quadro verde; e os alunos totalmente dispersos. Este fato só veio reafirmar a hipótese de que estamos cada vez mais fazendo de um espaço potencialmente transformador e produtor de conhecimento um palco de reprodução de histórias escritas por outros e tantas vezes lidas, que as novas gerações de atores já não necessitam nem mais olhar para os *scripts*, pois já sabem tudo decorado. Veio-me de repente à cabeça a canção interpretada por Belchior, que diz: *Apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.*

Mais uma vez, me senti encorajada a investigar os elementos que definem a natureza das ações pedagógicas, desenvolvidas pelos educadores no cotidiano da sala de aula. E quiçá contribuir para a reestruturação de princípios pedagógicos didáticos norteadores de propostas inovadoras de formação de educadores, que estão em serviço, nas inúmeras escolas públicas, dos municípios cearenses.

Ao retornar, pela segunda vez à terra natal, antes do previsto, trouxe na bagagem a esperança de quem deseja contribuir para fazer uma educação que verdadeiramente atenda aos anseios de quem a conquistou.

No pouco tempo que tive de convivência com meus novos alunos, tentei levá-los a refletir sobre o papel político-pedagógico do educador na sociedade em que vivemos, bem como a trabalhar os conteúdos propostos, na perspectiva do interacionismo sócio-histórico. E, com certeza, as leituras e estudos orientados realizados no mestrado me ajudaram por demais.

Os vaga-lumes

Ao concluir provisoriamente este texto, recorro mais uma vez ao inesquecível Darcy Ribeiro, que nos deu uma grande lição de vida, ao se despedir, escrevendo: *Termino esta minha vida exausto de viver, mas querendo mais vida, mais amor, mais saber, mais travessuras (...)*.

Olhando pelo espelho do tempo, vi-me novamente sentada numa grande roda, no alpendre da casa grande do Engenho Massapé, iluminada apenas pelos lampiões e por vidrinhos repletos de vaga-lumes, que meus irmãos e eu capturávamos na noite escura, escutando atentamente as fascinantes histórias de meu pai, dos vaqueiros e dos lavradores do lugar.

Às vezes me questionam por que sempre falo da garotice com tanto lirismo, e não faço o mesmo ao relatar a vida adulta. É que as pessoas não entendem que a criança que existe em mim é bem mais antiga, e forte o suficiente para sobreviver ao rolo compressor dos tempos.

Já na Terra dos Monólitos, o lugar escolhido para as rodas de histórias, era a esquina da casa de minha mãe, à sombra de uma secular ficus-benjamin. Naquele lugar magnífico, conquistei meus amigos de infância da cidade, vivi minhas primeiras paqueras e compartilhei, na mocidade, saudosas luaradas ao som de um violão.

No fundo, sei que todos estes lugares, pessoas e vivências me acompanham até hoje, e é gratificante constatar que recontar esta história me possibilitou um grande crescimento pessoal e profissional. Acredito que esta é uma das razões, que me faz acreditar ser a narrativa autobiográfica um dos mais importantes recursos utilizados na formação do professor reflexivo.

INTRODUÇÃO

A formação do educador em *continuum* vem sendo objeto de inúmeras pesquisas e estudos nos últimos anos, ganhando um significativo impulso com a virada do milênio onde se tornou lugar-comum discorrer sobre a superação do paradigma newtoniano-cartesiano, e a necessidade de avançarmos rumo a um paradigma que nos possibilite redefinir a racionalidade cognitivo-instrumental ampliando-a, no sentido de permitir que as racionalidades moral-prática e estético-expressiva possam ocupar seus espaços em nossas composições. Trato paradigma como propôs Kuhn em sua tese ao afirmar que toda revolução científica é caracterizada por essa mudança de princípios, hábitos de pensar e mesmo de se comportar.

As questões referentes à formação do educador não podem ser analisadas descontextualizadas das questões sócio-políticas e culturais mais amplas, porém acredito que mesmo numa sociedade dita “globalizada”, a saída para os grandes problemas sociais, inclusive os referentes à educação está no incentivo e fortalecimento de experiências de cunho local, onde se dão as microinterações sociais. É por esta razão que ora registro o diálogo que travei com o que eu própria ajudei a escrever e experimentar nos últimos quatro anos pelos caminhos da formação de educadores.

Em tantas andanças, sempre embalada pela irreverência, magia e curiosidade que herdei da meninice, consegui descortinar algumas contradições e a enorme defasagem entre o que se proclama nos gabinetes políticos e secretarias governamentais sobre o investimento na formação profissional e o que se revela nas evidências do mundo real.

Através desta dissertação para a obtenção do título de mestre em educação, tive a feliz oportunidade de ao analisar um Programa de Formação de Educadores em Ação, fazer uma espécie de recuo crítico na minha própria história de vida³, retratando neste quadro com cores mais fortes a trajetória profissional. Neste estudo que realizei na terra dos bons

³ Quero ressaltar que a minha história é semelhante a de muitas Joanas que saem constantemente do sertão para profissionalizarem-se nos grandes centros urbanos. Com este trabalho aprendi que a trajetória pessoal ocupa um espaço bastante significativo na construção da identidade profissional.

ventos⁴, no período de 1997 a 2000, procurei me debruçar sobre um Programa de Formação de Educadores, fazendo uma releitura deste, a partir das vozes dos inúmeros atores que constituem o sistema educativo municipal, principalmente os educadores em serviço nas séries iniciais.

Para realizar esta investigação selecionei uma sala de aula multisseriada, que representa mais de cinquenta por cento das que atendem crianças na faixa etária de seis e sete anos, na rede municipal e nele me debrucei por um período de seis meses ininterruptos. Fiz observação do cotidiano da sala de aula, conversas de explicitação com a professora e análise do material didático utilizado pela mesma em suas ações pedagógicas. Paralelamente acompanhei a professora observada, e suas colegas em muitos momentos do Curso de Formação para Professores de Ensino Fundamental na Faculdade de Pedagogia de Aracati e em especial nas atividades da Disciplina de Ação Docente Supervisionada, que explicitarei com maiores detalhes na metodologia.

A abordagem interacionista sócio-histórica ocupou lugar privilegiado como referencial teórico e metodológico, ao lado da abordagem crítico-reflexiva do professor em ação.

O interacionismo, neste caso, é entendido numa perspectiva das teorias psicogenéticas de Piaget, Vygotsky e Wallon. Ver o conhecimento pelo prisma da interação sujeito-objeto é a grande contribuição de Piaget, porém, Vygotsky e Wallon é que imprimiram dimensão cultural ao objeto e histórica ao sujeito.

Assim, o interacionismo é uma teoria do conhecimento que engloba numa só estrutura dois polos, o sujeito histórico e o objeto cultural, em interação recíproca, ultrapassando dialeticamente a secular dicotomia proferida tanto pelo empirismo quanto pelo racionalismo (inatismo).

Fernando Becker (1993), tenta explicitar a concepção interacionista da construção do conhecimento afirmando que construtivismo significa que a rigor nada está pronto e acabado, e que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como

⁴ Nome pelo qual é conhecida a cidade de Aracati.

algo terminado. Ele se constrói pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força da ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

O interacionismo sócio-histórico, ao defender a idéia de que a aprendizagem é uma construção mediada, provoca uma revisão profunda no papel do educador, pois este assume a função de facilitador do processo de educação institucional, do indivíduo. Neste momento, dá-se uma verdadeira reviravolta nas relações escolares, pois a abordagem que, na escola tradicional, era centrada no professor; na escola nova, no aluno; e na tecnicista, na técnica, na escola construtivista ou interacionista passa a ter como foco a interação do sujeito com o objeto ou com outros sujeitos, mediado pelo professor e pela cultura.

É nesta perspectiva que a Formação do Educador vem sendo revista, visando a proporcionar instrumentos que colaborem para uma reflexão do seu papel político-pedagógico e lhe dêem subsídios para que reconstrua permanentemente a sua identidade pessoal e profissional, tornando-o um eterno investigador das ações dos seus alunos e da própria prática. É por isso que teóricos como Donald Schön (1983-86), António Nóvoa (1992:2), Isabel Alarcão (1995:12), entre outros, defendem o argumento de que é preciso investir numa formação que não separe “o eu pessoal do eu profissional”, principalmente num momento de crise e de mudança que estamos vivendo, quando as situações em que os professores são obrigados a intervir apresentam características particulares. Uma prática de formação que almeje a autonomia deve ter como referência uma perspectiva crítico-reflexiva e dialógica, que facilite a autoformação contínua, tendo como ponto de partida os saberes acumulados pelos educadores em suas inúmeras interações, ou seja, o seu saber real.

No primeiro capítulo deste trabalho, faço um relato histórico da elaboração do Programa de Formação de Educadores em Serviço em questão, retratando o contexto sócio-político e cultural em que se deu este processo de construção coletiva, sublinho os entraves e as negociações necessárias para que o município de Aracati pudesse atender as suas

necessidades locais de aprendizagens, destaquei como foi importante a universidade sair dos seus muros e auxiliar a escola básica em suas carências de cunho teórico, explicitar também a metodologia utilizada na pesquisa e travei um rico debate com os teóricos que tratam da formação do educador. Caracterizar o universo pesquisado, bem como, retratar e analisar as relações que ocorrem nos rituais cotidianos de uma sala de aula procurando dar relevo aos traços construtivistas presentes nas ações da educadora, através da análise da influência do Programa de Formação a partir de situações concretas, é o propósito do segundo capítulo. Mostrar a importância de permear o currículo de alegria e prazer, e anunciar o perfil da comunidade educativa através dos projetos pedagógicos das escolas e de narrativas dos professores é o que compõe o terceiro capítulo. No último capítulo explicito as conclusões a que cheguei no final deste processo e sugiro algumas alternativas tendo como norte experiências que já estão sendo realizadas com sucesso em algumas partes de nosso País.

CAPITULO 1

DIÁRIO DE BORDO

A experiência de registrar por escrito toda a trajetória percorrida na discussão, elaboração e execução do Projeto Educativo da SEMEAR, enfatizando a formação do educador, bem como, a construção e caracterização do meu objeto de pesquisa deram corpo a este capítulo que denomino diário de bordo.

1.1 A escola como espaço de formação permanente de autonomia, autoridade e autoria.

Em recente texto intitulado Propostas Pedagógicas e Curriculares: subsídios para uma leitura crítica, Kramer (1999) nos chama a atenção para o fato de que toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada, falada, escrita, já que fazer história supõe contar história. Narrar a experiência individual e coletiva, relatar as ações realizadas, os obstáculos enfrentados é condição para que se possa pensar criticamente essa experiência.

Antes de ingressar na academia como educadora, dediquei-me profissionalmente a ONG Instituto Participação, que atua na área de desenvolvimento humano e social, e na qual aprendi a trabalhar numa perspectiva interdisciplinar com colegas educadores, psicólogos, sociólogos, entre outros. Foi lá também que comecei a tecer a minha prática tendo como norte uma “pedagogia social”.

Quando surgiu o convite para facilitar o processo de construção de uma proposta educativa para o Município de Aracati, confesso que me senti entusiasmada, era uma grande oportunidade de colocar em prática um pouco do que aprendi nos inúmeros espaços de formação pelos quais passei.

Com o desafio posto, não me sobrava muita alternativa, era hora de somar os saberes que acumulamos nas múltiplas inter-relações vivenciadas, com os saberes de outros que sonhavam como nós com uma educação democrática, popular e transformadora.

Formei uma dupla com uma companheira da ONG, e levando na cabeça a convicção de que iríamos colaborar com a elaboração de um projeto político-cultural para a educação, porém jamais tutelar ou substituir o papel dos profissionais da escola,⁵ e na bagagem algumas informações diagnósticas sobre a realidade sócio-política e educacional local, livros com textos para reflexão e algum material de dinâmica de grupo e arte educação que pudessemos recorrer se necessário fosse, seguimos viagem. E desta estrada ainda não encontramos o final, pois a cada instante surgem novas trilhas, encruzilhadas e atalhos; porém em momento algum sentimos vontade de descaminhar.

Nosso primeiro contato com a realidade local se deu em um encontro de um final de semana na praia de Majorlândia, com todos os integrantes da recém composta equipe gestora e representantes da maioria das escolas municipais (educadores, coordenadores e diretores). Este era o primeiro momento em que o grupo se encontrava para pensar coletivamente como viabilizar um Projeto Político Pedagógico para o Município. Até então estavam tomando ciência da realidade encontrada e estruturando as escolas para o início do ano letivo.

Como colaboradoras entendíamos que o primeiro passo para construir no coletivo, era possibilitar que as pessoas se encontrassem no grupo a partir das suas próprias histórias de vida. Todos os presentes tinham em comum o fato de serem educadores e possuírem experiências diversas na área; no entanto exerciam suas atividades em espaços, realidades e até mesmo em cidades diferentes.

Cuidamos, então, para que as dinâmicas de integração-sensibilização, as dramatizações, as vivências de arte educação, os círculos de debate fizessem parte da composição da metodologia de trabalho que se constituiu reflexivo-vivencial.

⁵ No 1º Seminário Regional do PROGRAMA CRER PARA VER realizado pela Fundação ABRINQ no período de 11 a 12 de junho de 1997 envolvendo todas as ONG's cearenses, em Fortaleza-Ceará, foi sublinhado que um dos principais problemas enfrentados por estas instituições segundo seus integrantes diz

Percebemos que, o ativismo da campanha, a responsabilidade de romper com uma herança política de assistencialismo, exploração e dominação política, as expectativas com relação ao novo, somadas às atividades em que estiveram afogados nas primeiras semanas do ano, os deixara exaustos.

Procuramos então utilizar atividades preliminares que possibilitassem a descontração, a convivência e a elevação da auto-estima da equipe.

No segundo dia iniciamos uma reflexão sobre a Educação no Contexto do Momento: a situação em que se encontrava o Município num quadro geral e especificamente com relação à educação em todos os níveis e modalidades. Era claro o consenso com relação à elaboração de um Plano *Municipal de Educação* onde se pudesse a partir de um diagnóstico, elencar os principais problemas existentes e as propostas de solução, bem como contemplasse novas possibilidades de ações. O coletivo estava tão entusiasmado que anesthesiava a nossa ansiedade. Pois apesar de ter como companheiros de jornada a psicóloga Betânia Moraes com significativa experiência na área de intervenção social (no NUCOM – Núcleo de Psicologia Social da UFC), e eu já ter inclusive colaborado com uma outra administração municipal popular, em Quixadá, tínhamos como gestor da equipe local Augusto Jerônimo um educador-psicólogo que trazia no currículo uma exitosa experiência na gestão da educação do Município de Icapuí. E que apesar de demonstrar determinação e vontade política, ainda estava familiarizando-se com grande parte dos seus colaboradores.

Optamos então por construir o plano por etapas, e concomitante aos seminários de trabalho, as atividades pedagógicas seguiriam seu curso regular. Inclusive neste encontro já foram compostas as comissões que fariam acontecer a primeira semana pedagógica da nova administração. Para mostrar o rosto que pretendíamos dar à educação de Aracati reunimos todos os educadores das redes públicas e particulares. Para tanto, promovemos uma grande mobilização da comunidade local. Após as palestras e as oficinas, os trabalhos produzidos foram socializados numa festiva noite cultural. Aliás, o amor pelas tradições culturais e o respeito pela arte fazem parte do cotidiano dos aracatienses.

respeito justamente as dificuldades que os grupos assessorados por estas, enfrentam quando precisam gerenciar seus projetos sozinhos.

Como produção do nosso segundo dia de encontro, elaboramos o que chamamos de Identidade da Secretaria de Educação e a Missão dela no município, ou seja, sua razão de existir. No terceiro dia realizamos o estudo de um documento elaborado pelo secretário que tinha como tema provisório: Princípios Norteadores para uma Ação Pedagógica em Aracati. E após um exaustivo debate, elegemos os “Princípios Éticos da Educação do Município”⁶.

Entre os encaminhamentos finais do seminário, cada um dos presentes assumiu o compromisso de socializar no seu espaço educativo as produções dessa primeira etapa de trabalho, e colher propostas para as seguintes.

O segundo seminário ocorreu dois meses depois (em março), e neste tempo muitas informações foram colhidas para compormos um diagnóstico mais fiel da realidade. É como se cada pessoa já estivesse mais familiarizado com os ônus e bônus de suas funções e atividades. Esta foi a fase mais sofrida e paradoxalmente mais rica da nossa gestação. Contando com o belo cenário da praia de Canoa Quebrada, fizemos uma análise dos cenários externos e internos do sistema municipal de ensino. Utilizando alguns instrumentais do planejamento estratégico, discutimos passo a passo fatos da conjuntura internacional, nacional, estadual e municipal que interferem direta ou indiretamente nas relações educativas escolares. Confesso que foi emocionante ver professores fazendo a relação entre a globalização e a diversidade cultural local, o plano real e o desemprego das famílias dos alunos; entre a política de desenvolvimento do estado e a degradação das praias e do patrimônio cultural do município; a forma como vinha sendo conduzida a máquina municipal e o atraso de vários meses nos salários dos profissionais da educação... A cada discussão percebíamos o crescimento do grupo, as interações eram por demais ricas para todos, sem esquecer a aprendizagem que o processo estava possibilitando a cada um de nós. Desse encontro também foi produzido um relatório, que subsidiou a terceira etapa.

O terceiro seminário aconteceu no mês de abril, e ocorreu novamente em Majorlândia. Com um grupo cada vez mais sintonizado e empolgado com o processo, resolvemos definir as áreas de atuação da secretaria. Em seguida formamos comissões de trabalho por afinidade ou área de atuação e então traçamos os objetivos, metas e

⁶ Nos anexos encontra-se uma cópia do Plano, com o detalhamentos dos princípios e a relação de todos os envolvidos no processo de elaboração deste.

procedimentos e procuramos prever possíveis cronogramas, parceiros, recursos. Obviamente que essa última parte seria explicitada com maior precisão nos sub projetos. Todo o material foi digitado e somado aos anteriores para ser novamente re-analisado no seminário posterior.

No quarto seminário, última etapa de confecção conjunta, todos os envolvidos no processo tiveram acesso à versão preliminar do documento final e novamente foram discutidos em pequenas comissões e posteriormente no coletivo.

Para selar o compromisso de todos em unir forças para fazer cumprir o Plano de Educação de Aracati, celebrou-se uma grande confraternização com a presença da comunidade educativa, de segmentos sociais representativos, entidades de classe, autoridades políticas e educacionais, entre outros. E sem dúvida foi um momento de êxtase.

Na nossa ingenuidade achávamos que a nossa contribuição estava dada, e podíamos seguir outros rumos. Porém de alguma forma nos tornamos parte daquele mundo, envolvemo-nos com uma causa e não conseguimos nos furtar quando solicitadas pela necessidade de "tirar do papel" algumas metas traçadas. Afinal como nos alertou Marx "(...) práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis)" (in Pimenta, 1994:86).

No início de junho, fomos convidadas a participar de um encontro onde estariam reunidos todos os diretores e coordenadores das escolas municipais e o colegiado da secretaria de educação, para discutirmos a operacionalização e algumas ações previstas no plano. E um dos pontos que mais me chamou a atenção foram as solicitações de informações com relação as mudanças estruturais suscitadas pela nova LDB e pelo Fundo de Valorização do Magistério. Ou seja mesmo considerando a importância destas informações legais, percebemos que mais uma vez os gestores das escolas afogavam-se nas burocracias, e deixavam o pedagógico para um segundo plano. Tentando sensibilizar o grupo, propomos uma reflexão sobre a importância do educador na mediação da aprendizagem da criança⁷. Foi um bom começo. Mas sem dúvida ainda tínhamos muito por fazer, a divisão social do

trabalho na escola é algo internalizado em nós por uma experiência de formação autoritária. Reelaborar questões desse nível exige um esforço e uma decisão de cada pessoa. No entanto estávamos dispostas a refletir conjuntamente sobre posturas que são um verdadeiro entrave ao novo.

As solicitações de caráter pedagógico vindas de todos os recantos do Município, fizeram o colegiado entender que necessitava fortalecer o ainda tímido time do apoio e acompanhamento pedagógico, batizado de GT Alfa, que mesmo tendo uma enorme vontade de acertar, não tinha clareza de por onde começar a atuar. Com as expectativas geradas pelo plano, a comunidade cobrava cada vez mais delas, e isso só aumentava os conflitos.

Após mais um encontro com o colegiado, onde compartilhamos os resultados das avaliações realizadas pelo coletivo da secretaria e das escolas no que diz respeito ao que já havia sido cumprido do plano no primeiro semestre, detectamos entre outras coisas que mesmo tendo avançado significativamente nas mudanças estruturais e na implementação das metas priorizadas em cada área de atuação, precisávamos desprender maior atenção aos educadores. Decidimos que mesmo colaborando pontualmente com os diversos procedimentos realizados na totalidade do sistema pelos inúmeros atores, optaríamos em centrar a nossa atenção na prática pedagógica dos professores da educação infantil a quarta série do ensino fundamental.

Era esse o recorte que me permitiria um aprofundamento maior no tema que me acompanhava há alguns anos, *A Formação dos Educadores Infantis*, o qual elegi em diferentes ângulos, para abordar em algumas pesquisas, e que no momento começou a tomar forma como objeto do meu projeto de mestrado.

Juntamente com a equipe do GT Alfa, fizemos uma avaliação da atuação no semestre que se encerrava, e decidimos atualizar os indicadores das escolas quanto as regiões em que se encontravam, ao número e a qualificação dos professores, quantidade e distribuição dos alunos por instituição e série, bem como, índices de rendimento e evasão. Surpreendemo-nos com a forma como os números eram tratados. Daí iniciou-se a informatização da secretaria. Era necessário usarmos estes indicadores no diagnóstico que

⁷ Sobre esta temática consultar VYGOTSKY, L. S. (1994).

estávamos realizando, pois ele nos auxiliaria na construção do nosso projeto de trabalho, ou seja o *Programa de Formação de Educadores em Serviço*.

Entre as informações obtidas descobri que das 153 educadoras infantis, 89 trabalhavam com turmas multisseriadas em escolas da rede oficial sob tutela da SEMEAR, e que apenas 64 distribuíam-se nas 12 creches que funcionavam sob a tutela da Secretaria de Ação Social - SAS. Mesmo sabendo que lutaríamos por um acompanhamento pedagógico comum⁸ para todas estas instituições, fazia um segundo recorte centrado minha atenção como pesquisadora neste primeiro grupo de profissionais.

Desta vez fomos mais informais na confecção do projeto, com um grupo formado, a princípio, por apenas sete educadores⁹, e um universo de 87 escolas distribuídas em uma área de 1.428 Km², para acompanhar, com um total de 280 educadores (excluindo temporariamente os de creche e os do sistema teleensino que possuíam suas próprias supervisoras). Decidimos em primeiro lugar descentralizar e regionalizar o trabalho, para que convencemos o colegiado a ampliar a equipe. Enquanto o departamento pedagógico estudava nomes de educadores que estivessem dentro do perfil estabelecido, que implicava em ser da região em que iria trabalhar, estar em regência de sala, ter formação pedagógica em nível médio ou superior e principalmente que aceitassem o desafio, tínhamos que responder às demandas da dinâmica educativa.

O segundo semestre também teve início com um "encontro" com todos os educadores do município, onde a temática central era avaliação. Acredito que a escolha do tema teve como um dos fatores a influência das conferências proferidas pelo educador Cipriano Luckesi, na Faculdade de Educação da Região, e sem dúvida os indicadores de rendimento apresentados pelos educadores na conclusão do semestre anterior. Não

⁸ Até então prevalecia um acompanhamento fragmentado, ou seja cada nível de ensino era acompanhado por um grupo de supervisores-professores diferente, que não interagiam, impossibilitando uma visão da totalidade do processo. E o mais grave é que a educação infantil que funcionava em creches (SAS) possuía um tratamento diferenciado daquela que se dava nas escolas regulares (SEMEAR), até porque muitas se misturavam com o ensino fundamental nas salas multisseriadas. Este primeiro grupo recebia inclusive material e assessoria do UNICEF, através de um Programa de Capacitação de Educadores Infantis, e o segundo não.

⁹ Ao chegarmos ao Município já encontramos este grupo formado com o nome de GT Alfa, entendemos que foi composto mais por afinidades políticas do que por competência técnica, já que parte do grupo não apresentava a qualificação mínima para exercer o papel de supervisor.

podemos deixar de sublinhar que os municípios estavam se preparando para receber os recursos do Fundo de Valorização do Ensino Fundamental FUNDEF que seria antecipado em nosso estado, e como infelizmente os órgãos federais avaliam a qualidade do trabalho pedagógico dos sistemas de ensino estaduais e municipais considerando apenas o desempenho dos alunos nas provas, este tema estava bastante em voga no momento.

No entanto quanto mais adentrávamos na realidade dos educadores locais, mais explícito ficava, que não adiantava iniciar a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, pelas modalidades de avaliação, por mais modernos que pudessem ser. Até porque eles precisariam de tempo para reelaborar algumas questões. Não podemos esquecer que a nota como arma de disciplina é uma representação muito forte na nossa educação tradicional.

Compreendíamos que era preciso abrir um canal de diálogo direto com todos educadores, indo aonde eles habitavam e exerciam suas práticas, para desvelar na cotidianidade a sua maneira de ser professor. Como diria Dominicé, "a pesquisa em matéria de educação, concretamente quando se inscreve no terreno da educação de adultos, não pode dispensar o saber do interlocutor"(in Nóvoa,1995:117).

Entre as inúmeras dificuldades que se apresentavam, as de ordem financeira e humana eram as mais evidentes.

O GT Alfa era por demais solicitado pelo CREDE e pela própria SEDUC, em consequência da proliferação de tarefas advindas da reorganização do Sistema de Ensino Público Municipal e Estadual suscitada pela nova legislação. As ditas inovações pedagógicas exigiam assessoria para a implantação dos conselhos escolares, divulgação dos parâmetros curriculares nacionais, introdução dos ciclos básicos de aprendizagem, municipalização da merenda escolar, classes de aceleração de aprendizagem, universalização de telensino, introdução da metodologia de projetos, escola viva, encontros para a escolha do livro didático e muitos outros. Eram tantos os cursos repassados pelo CREDE que seria necessário suspender as aulas o ano todo para que os multiplicadores do município pudessem socializar o que conseguiram pescar em meio a esta correnteza. Porém isso se tornaria um detalhe se levamos em conta que as diárias constituem-se num razoável

estímulo à complementação da renda mensal, de quem consegue levar até o fim a distribuição dos saberes empacotados pela SEDUC. Na verdade o GT Alfa estava se tornando o principal intermediário entre as instituições que coordenam os sistemas de ensino a nível macro e as escolas municipais, e mesmo entendendo a importância deste intercâmbio, esta maneira de fazer chegar as informações estava comprometendo as ações próprias da equipe.¹⁰

Arroyo ao criticar os que acreditam que as inovações pedagógicas só podem vir de cima, defende que

em nossa cultura política, o Estado, os governos ou os grupos técnicos, políticos e intelectuais e, recentemente, até as organizações privadas, definem o que convém à sociedade, às famílias, aos profissionais, sobretudo de educação básica. Este é o primeiro traço: pensar que toda inovação social, cultural ou pedagógica será sempre iniciativa de um grupo, iluminado, modernizante, que antevê por onde devem avançar a sociedade e os cidadãos e que prescreve como as instituições sociais têm de renovar-se e atualizar-se (...). É um estilo que acredita que a inovação só pode vir do alto, de fora das instituições escolares, feita e pensada para elas e para seus profissionais, para que estes troquem por novos, como trocam de camisa ou blusa, velhas fórmulas, currículos, processos e práticas (in Moreira, 1999:134).

Ou assumiríamos todos a postura de professores pesquisadores, ou seríamos mais uma vez engasgados pelas receitas prontas. A SEMEAR criou a sua própria biblioteca, e decidimos estudar as teorias, que nos levaria a aprender e a interpretar as práticas que constituíam o nosso dia-a-dia. Concomitante a isso elaboramos conjuntamente com o GT Alfa e o colegiado uma série de propostas para incrementar a formação dos educadores nas escolas, que foram contempladas no *Programa de Formação em Serviço em Curso*¹¹:

¹⁰ Acompanhar sistematicamente as escolas, principalmente dando suporte pedagógico ao Programa de Formação em Serviço dos Educadores Municipais.

¹¹ Sobre esse tema conferir O Programa de Formação de Educadores em Serviço da SEMEAR, 1997: texto mimeografado.

- a criação da Hora do Encontro (no mínimo uma hora de estudo e reflexão semanal em todas as escolas do município);
- a implementação do Hora Aula (um programa de rádio interativo para alunos e professores);
- o programa Vento Aracati (realização de excursões com os professores para conhecerem outras experiências educativas *in locus*);
- um jornal impresso, o SEMEAR, para divulgar ações educativas;
- encontros bimensais por regiões, envolvendo todos os educadores, coordenadores e diretores para estudo e troca de experiências;
- além da presença do profissional do GT Alfa nas escolas da sua região, no mínimo sete dias no mês;

Em agosto realizamos a primeira série de encontros regionais, como as professoras-formadoras do GT Alfa ainda se sentiam inseguras com relação ao trabalho com grupos, nos propusemos a ajudá-las.

Betânia, Augusto (o secretário) e eu facilitamos os encontros, que foram extremamente vivenciais. A temática central era *O Educador necessário para a construção de uma educação de qualidade para todos em Aracati*, coerentes com o princípio da intereza e da não-separatividade, do “eu pessoal e do eu profissional”, procuramos trabalhar principalmente a auto-estima e a integração do grupo, obviamente sem perder de vista a relação dialógica que queríamos a partir de então manter com eles. Percebemos muita credibilidade com relação ao plano, que após editado foi distribuído para que cada um acompanhasse, cobrasse e implementasse dentro das suas possibilidades. Conversaram com o secretário sobre o plano de cargos e salários e a reposição dos pagamentos atrasados da gestão anterior e o FUNDEF. No final discutimos sobre as ações propostas para a formação em serviço, e chegamos a um consenso.

Nos meses de setembro, outubro e novembro a nossa colaboração se resumiu basicamente aos encontros de estudo do GT Alfa e do colegiado, porque estávamos nos submetendo a seleção do mestrado. Inclusive alguns destes, se realizaram na UFC, sob a coordenação da professora Ana Maria Lório, porque se tratava de um tema que desejávamos aprofundar melhor, que era o interacionismo sócio histórico, eleito como norte teórico-metodológico para ações educativas municipais. O segundo bloco de encontros regionais ocorreu em outubro, desta vez, o GT Alfa contou com a participação do sub-secretário de educação do Município durante todo o trabalho. De acordo com os relatórios, cada escola elaborou um mini projeto com o intuito de realizarem uma *Avaliação da aprendizagem para o sucesso*. Logo pudemos constatar que a proposta da *pedagogia de projetos*¹² divulgada pelo CREDE e UNICEF em seus últimos cursos, já estava incorporada. No entanto Sacristán (1991) ao analisar a modelação dos currículos feita pelos educadores, tranquiliza-nos ao afirmar que o professor ao adotar uma nova idéia, a faz em função de seus construtos pessoais, portanto a interpreta e modela a partir de suas próprias finalidades e forma de perceber as demandas dos alunos e da nova situação.

Em dezembro a secretaria convidou todos os diretores e coordenadores de escola, representantes dos professores e dos conselhos escolares, para propor uma avaliação geral dos trabalhos em todas as comunidades educativas, tendo o Plano Municipal de Educação como referência. Na oportunidade compartilharam as perspectivas de mudanças para o ano de 98 com a chegada do esperado FUNDEF e procuraram sensibilizar a todos para a Campanha *Toda Criança na Escola*.

Da avaliação interna do GT Alfa, o que mais me chamava a atenção é que alguns integrantes do grupo mostravam-se angustiados por não saberem o que fazer quando chegavam às escolas. E pela insegurança queriam levar na cartola um receituário de propostas prontas quanto ao planejamento, ao uso do livro didático que adotaram e não sabiam usar, aos problemas de alunos com drogas, indisciplina em sala, entre outros. Ainda não havíamos percebido que mesmo tendo como norte o Plano de Educação do Município,

¹² Sobre esta temática ler VENTURA, Montserrat e HERNÁNDEZ, Fernando. *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho*: São Paulo: Artmed, 1998.

era necessário realizar planejamento regionais ou mesmo locais para dar conta das especificidades de cada comunidade educativa.

Um ano se passou, e só então pude entender o que alguns gestores municipais queriam dizer quando falavam que o primeiro ano de administração, é para se inteirar da situação e arrumar a casa. Ainda havia um mundo por fazer!

No entanto era explêndido constatar, que aos poucos iam brotando artistas-educadores nos lugares mais inóspitos e inesperados. Eram como a nossa vegetação xerófila, que hiberna durante o verão; mas acorda verde e brilhando ao cair as primeiras chuvas de janeiro. Acho que foi isso que Rubens Alves tentou nos dizer quando escreveu: "Não sei como preparar o educador. Talvez isto não seja nem necessário, nem possível. É necessário acordá-lo" (*in* Brandão, 1986:29).

Iniciamos o ano de 98 com um calendário unificado para a rede pública de ensino, e uma matrícula de alunos. Certamente se fez necessário ampliar escolas, garantir transporte escolar para as localidades de menor demanda e realizar concurso público para o ingresso de novos professores. Vale registrar que o ano letivo teve como abre alas a segunda semana pedagógica integrada, mais uma vez todos os educadores do município participaram de palestras e oficinas pedagógicas durante três dias e os outros dois estudaram internamente em suas respectivas escolas.

O GT Alfa agora contava com dez componentes, inclusive somou-se ao grupo a educadora-especialista responsável pelas creches na SAS. O grupo ficou bem mais heterogêneo e se, isto por um lado era extremamente enriquecedor para todos; por outro, trouxe enormes conflitos nas relações interpessoais. Tivemos que ser bastante cautelosos nos momentos de caos, reelaborarmos novas possibilidades. Afinal dialeticamente pensando, *a desordem pare novas ordens*. Não foi fácil, cada vez mais convencia-me da indissociabilidade *desenvolvimento entre profissiona e desenvolvimento pessoal*.

Não tínhamos clareza da rota certa, só sabíamos que não desejávamos abandonar o barco, e enquanto as tempestades estavam mais fortes decidimos fazer o que fosse possível dentro do ritmo do grupo. Até os encontros para estudo eram boicotados, quando

não eram coordenados por nós. Era como se para alguns fosse permitido aceitar ajuda de fora, mas jamais de um colega recém chegado.

E o pior é que tínhamos muito presente em nossas ações, o cuidado de não tutelar a equipe, pois Foucault nos alerta que

o papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso(1979:71)(aspas do autor).

Após cada um saber a região em que atuaria, elaboramos um calendário para definirmos os dias de campo e o tempo disponível para os estudos de grupo e cursos de aperfeiçoamento.

Planejamos como primeira atividade elaborar um questionário¹³ (para tanto contamos com a orientação da professora Ana Lório), em que todos os professores responderiam questões à respeito da sua prática, das concepções de aprendizagem e desenvolvimento, sugestões de cursos que gostariam de fazer, etc. Com estes dados em mãos, foi possível cada Supervisor do GT Alfa, inteirar-se a respeito de como agir em sua região de atuação. Foi a partir dessas informações que foram escolhidos os assuntos tratados nos encontros regionais de 1998. Os encontros regionais do primeiro bimestre, tiveram como tema central: A Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil e os do segundo semestre constituíram-se em oficinas pedagógicas para as comunidades educativas sobre a elaboração do Projeto Pedagógico da Escola.

No segundo semestre todas as instituições educativas municipais iniciaram o processo de discussão e elaboração dos seus Planos de Escola em parceria com os segmentos sociais organizados das suas comunidades. Nós entendemos que este foi um dos passos mais importantes que a educação municipal deu rumo à descentralização e à construção da autonomia. Tivemos relatos esplêndidos com relação a reconstrução pela

¹³ Em anexo

comunidade da história da escola, da visão de homem, de educação, de escola e de sociedade que desejam. De como a escola deve se organizar no nível pedagógico, comunitário e administrativo. Os desafios a serem vencidos, bem como, o detalhamento de metas e estratégias para atingirem este fim. E por último definiram realizar a avaliação permanente de cada Plano. Certamente participando desse processo, a comunidade se apropria mais da sua escola.¹⁴

No final do primeiro semestre realizou-se o primeiro encontro dos grupos conhecidos como *de Ações Complementares*, nome que logo foi substituído por não corresponder ao que se propõe por *Círculo de Desenvolvimento Pedagógico, hoje Círculo de Desenvolvimento das Aprendizagens*. Este foi gestado a partir da integração de grupos que vinham atuando isoladamente no acompanhamento pedagógico (GT Alfa), artistas nas áreas de dança, teatro, música, artes plásticas, poesia, literatura de cordel, técnicos desportistas nas diversas modalidades, incluindo a capoeira, coordenador do sistema de comunicação escolar, coordenador da divisão de educação ambiental, representantes de secretarias municipais, colaboradores de ONG's entre outros. Após vários encontros concluiu-se que todos desejavam que a escola se constituísse em *um centro de recepção, produção e irradiação de cultura e o processo educativo uma base para o desenvolvimento integral do sujeito e da comunidade*. A partir de então *o círculo* vem buscando integrar todos os programas, projetos e ações em andamento na rede municipal de educação de Aracati, inclusive interinstitucionalmente.

Acredito que todo o esforço de realizar uma prática educativa transformadora no nível municipal, e realmente corresponder às expectativas de um povo que há anos almejava *mudanças para melhor*, terá sido válido se tiver realmente *chegado ao chão das salas de aula*. E só será possível constatar este fato analisando o cotidiano das escolas. Foi com o intuito de colaborar com o avanço deste projeto, que que decidi após um bom aprofundamento teórico, realizar uma pesquisa sobre a relação entre os objetivos propostos no *Programa de Formação de Educadores em Serviço*, e a natureza das ações pedagógicas desenvolvidas por esses educadores em seu que fazer pedagógico. Ou seja, como os

¹⁴ Esse registro está sistematizado no documento *Gestão da Educação. Registro de Experiências Político-Educacionais no Brasil*. Volume I. Nov. 1999. CENPEC. São Paulo.

princípios definidos no Programa estão chegando ao chão da sala de aula. Considero-o de grande valor social, não só por se tratar de uma administração popular em educação, mas principalmente pela oportunidade de divulgar para outros municípios que é possível construir uma educação institucional emancipatória, respeitando as diversidades regionais e principalmente compreendendo educadores e educandos como produtores e irradiadores de saberes e de cultura. Que espaço ocupam os saberes de formação (inicial e em serviço) e as experiências construídas nas inúmeras interações no fazer pedagógico (prática docente) do educador das séries iniciais? Que concepções de aprendizagem e desenvolvimento estão presentes neste "que fazer"? E, principalmente, o que têm feito educadores e crianças neste espaço tão íntimo conhecido por sala de aula? Moreira (1997) sublinha que precisamos desenvolver estudos etnográficos que buscassem entender o que realmente ocorre quando alunos e professores se reúnem e "constroem o campo do currículo".

Vejamos a seguir a que se propõe o Programa em questão:

O Programa de Formação de Educadores em Serviço visa tornar a formação de educadores uma prática pedagógica interacionista e reflexiva, para tanto busca superar a secular dicotomia teoria e prática.

Do ponto de vista sócio-político e cultural, o programa tem como norte a escola como um centro de recepção, produção e irradiação de saber e cultura e o processo educativo uma base para o desenvolvimento integral do sujeito e da comunidade.

Do ponto de vista pedagógico é um programa que compreende o ensino-aprendizagem numa perspectiva do interacionismo sócio-histórico e objetiva formar um educador processual e reflexivo, capaz de tornar-se "um eterno-vir-a-ser", pesquisador permanente da ação do seu aluno e da sua própria prática.

Do ponto de vista humano, se fundamenta na indissociabilidade do "eu pessoal com o eu profissional".

Nos objetivos está explícito o desejo de contribuir para uma prática reflexiva tanto dos educadores como dos supervisores, e a integração entre as comunidades educativas distribuídas pelas várias regiões do município, como veremos a seguir:

- Desenvolver uma ação pedagógica reflexiva e uma ação supervisionada reflexiva da prática pedagógica dos educadores e educadores/supervisores da rede pública municipal de ensino;
- Favorecer o intercâmbio regional e a troca de experiências pedagógicas e culturais entre as comunidades educativas;
- Possibilitar a interação o estudo e a produção de saber entre os educadores, coordenadores e/ou diretores em cada escola;
- Incentivar iniciativas que possibilitem o fortalecimento da autonomia das instituições educativas municipais e seu envolvimento com a comunidade (SEMEAR, 1997:3).

1.2 A Universidade vai à escola

Em um país com estatísticas ainda tão desapontadoras no que se refere ao nível de escolarização dos professores, necessário se faz, o investimento de especialistas, gestores municipais e comunidade em estratégias que possibilitem amenizar num menor espaço de tempo esta dívida social que já se mostrou tão desumana no cenário educacional. Obviamente, que paralelo a estas iniciativas, é preciso intensificar a luta pela elaboração de políticas públicas que garantam uma escolarização em nível médio e superior para os educadores em serviço e os futuros.

Foi nesta perspectiva que entre outras ações municipais, do primeiro semestre de 1999, veio somar-se à primeira etapa do *Programa de Formação dos Educadores em Serviço da SEMEAR*, uma segunda, denominada Programa de Formação de Educadores para o Ensino Fundamental (curso de pedagogia), em regime semipresencial numa parceria com o Núcleo de Educação Continuada a Distância NECAD da Universidade Estadual do Ceará - UECE, para todos os educadores do ensino fundamental que ainda não tinham o terceiro grau (aproximadamente 285). Certamente este foi um passo decisivo, rumo a universalização da formação inicial para os educadores da rede pública municipal.

Um fato singular é que o Colegiado da SEMEAR deixou bastante explícito tanto para a municipalidade como para a academia o seu intuito de organizar todos os passos desse curso na mesma linha de discussão e construção coletiva do Programa em voga, tornando-o de fato, uma etapa da proposta inicial de formação em *continuum* prevista no Plano Municipal de Educação. Para tanto, abrir um canal de negociação permanente com o

NECAD tornou condição básica para a sobrevivência do projeto político-cultural do Município, e este se constituiu um processo muito rico, penso que para ambas as partes.¹⁵

Kramer afirma que:

Construir a unidade na diversidade e contra a desigualdade - eis um desafio para a construção de uma proposta pedagógica que aposte na seriedade e na qualidade, também um pressuposto para orientar essa avaliação (in Moreira, 1999:172).

O primeiro Fórum Municipal de discussão da nova experiência contou com a colaboração significativa do Conselho de Educação do Ceará, professores da UFC e FAFIDAM, unidade da UECE mais próxima, e de onde foi posteriormente escolhido pelo conselho gestor, o coordenador do curso, de colegas voluntários da ONG Instituto Participação e principalmente com representantes da comunidade educativa local.

Logo neste primeiro encontro percebeu-se que aquele momento representava nada menos do que o pontapé inicial para a concretização de um sonho antigo dos aracatienses de edificar sua Escola de Nível Superior. Porém considerando que a negociação para a implantação de um Campus Universitário demandaria um longo período, e levando em conta a necessidade de atender as exigências da nova LDB com relação à formação dos educadores do ensino fundamental II e de dar prosseguimento ao Programa de Formação de Educadores em Serviço que já vinha se realizando há aproximadamente um ano e meio envolvendo também todos os educadores das séries iniciais que ainda não possuíam o terceiro grau, concordou-se que, concomitante à luta pela Faculdade Municipal, iríamos fazer de uma parceria com o NECAD, o que mais se aproximasse do curso de formação em "ação" que almejávamos.

Como estávamos impossibilitados de construir uma nova "grade" curricular, porque a existente já havia sido aprovada pelo Conselho de Educação, centramos nossas energias em encontrar saídas que nos permitissem abrir as correntes que nos prendia ao

¹⁵ É importante ressaltar que mesmo com a abertura da coordenação geral do NECAD para o permanente diálogo, os choques com as coordenações de áreas e equipes de apoio, que viam seus currículos e programas (em anexo) sendo questionados e refeitos, para atender as especificidades locais, constituíram-se verdadeiras batalhas.

"oficial". E foi recorrendo à mesma tradição francesa, que inspirou a criação das licenciaturas breves no Brasil, que nos encontramos com Perrenoud (in Forquin1996)¹⁶, e percebemos que entre o Currículo Formal e o Real, isto é, entre o que se prescreve nos programas e aquilo que é realmente ensinado nas salas de aula, existe um mar de possibilidades.

Nos fóruns que se sucederam, foi decisão unânime do coletivo dos educadores, que o curso deveria ocorrer em quatro anos e durante a semana, incluindo alguns sábados e não em dois anos e nos finais de semana e férias, como constava na proposta inicial da universidade, funcionando, ainda, nos três turnos para se adequar ao horário de trabalho dos alunos-professores.

Uma inovação que considero significativa é que os alunos puderam contar com professores orientadores para estudos complementares, de acordo com um plano individual de estudo no semestre introdutório ao curso onde as dificuldades de acompanhamento foram enormes.¹⁷

Com relação ao leque de disciplinas que compõem o currículo, optou-se em não iniciar com os tradicionais fundamentos da educação, e sim com as disciplinas de produção textual e arte educação, pois se levou em conta a necessidade já explicitadas dos alunos-professores, na primeira fase do Programa, em se apropriarem de subsídios para escreverem e contarem suas próprias narrativas nas demais disciplinas e em suas práticas profissionais diárias. E esta alteração na ordem das disciplinas ocorreu sempre que se fez necessário, respeitando é obvio os pré-requisitos destas. A princípio concordei com os colegas da equipe gestora do curso no Município, pensando particularmente em atender as demandas da nossa clientela. Porém ao me reencontrar com autores que conheci na Disciplina de Educação, Currículo e Ensino e nos estudos do mesmo núcleo, que realizei com as professoras Ana Iório, Maria de Lourdes Brandão e Ana Elizabeth Miranda, para uma conversa mais apurada é que me deparei com a grandeza da nossa atitude. Fazendo um

¹⁶ Sobre esta questão ler autores como MOREIRA, Antonio Flávio (org.). Currículos e Programas no Brasil e Currículo: Questões Atuais. São Paulo: Papirus, 1997 - GOODSON, Ivor F. Currículo: Teoria e História. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995 e SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo um Reflexão sobre a Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

detur pela recente literatura sobre o currículo dialoguei com Tomás Tadeu da Silva, que define a construção do currículo como um espaço onde se entrecruzam práticas de significação, identidade social e poder. E afirma que é por isso que o currículo está no centro dos atuais projetos de reforma social e educacional. Que nele se travam lutas decisivas por hegemonia, por predomínio, por definição e domínio do processo de significação. Reforça seu pensamento dizendo que:

Como política curricular, como macrodiscurso, o currículo tanto expressa as visões e os significados do projeto dominante quanto ajuda a reforça-las, a dar-lhes legitimidade e autoridade. Como microtexto, como prática de significação em sala de aula, o currículo tanto expressa essas visões e significados quanto contribui para formar as identidades sociais que lhes sejam convenientes. No currículo se joga um jogo decisivo. Qual é nossa aposta, qual o nosso lado, nesse jogo?(...) Evidentemente, a resposta é uma decisão moral, ética, política, de cada um de nós (sd:12).

Após estas leituras esclarecedoras pude descortinar os reais motivos de tantas dificuldades enfrentadas, de tantas resistências ao fato de ousarmos escolher professores das unidades da UECE no interior, e inclusive de outras universidades cearenses, ao invés de aceitarmos os ditados pelos coordenadores de área. As razões da represália de só recebermos nossos diários após mais de um ano de lecionada a disciplina, tendo como justificativa a nossa teimosia em alterar a ordem das mesmas, e em muitas vezes os seus conteúdos. As grosserias que escutávamos dos colegas que estando em cargos de chefia, não aceitavam ser desobedecidos por meros coordenadores municipais.

Foi Sacristan (1998) que me fez entender porque as famosas apostilas produzidas pelas coordenações de área e suas equipes para cada disciplina eram tão fortemente defendidas como instrumento pré-elaborado do currículo, a ponto da coordenação geral ceder para que a equipe que fosse ministrar as aulas produzisse textos complementares, porém sem jamais dispensar o material pré-pronto.

¹⁷ Ao ler o primeiro relatório reflexivo da totalidade dos alunos-professores, pude constatar que um número significativo deles fez o ensino médio em cursos aligeirados na modalidade supletivo (logos II).

(...) Sobre o currículo incidem as decisões sobre os mínimos a que se deve ater a política da administração num dado momento, os sistemas de exames e controles para passar para níveis superiores de educação, assessores e técnicos diversos, a estrutura do saber de acordo com os grupos de especialistas dominantes num dado momento, elaboradores de materiais, os seus fabricantes, editores de guias e livros-texto, equipes de professores organizados, etc. O currículo pode ser visto como um objeto que cria em torno de si campos de ação diversos, nos quais os múltiplos agentes e forças se expressam, incidindo sobre aspectos distintos (1998:101).

Adotou-se como ritual no curso, que ao compor a equipe de professores para cada disciplina, este se reuniria para analisar o material existente, e em sendo possível o adotaria em parte, e não tendo opção adotaria os demais textos como complementares, mesmo sabendo que algumas vezes eles iam de encontro à linha de trabalho adotada pela equipe, e eram tidos como de qualidade duvidosa. Estes faziam parte das batalhas perdidas. E novamente Sacristan (1998:153), quem nos alerta que "enquanto não se for consciente da interação recíproca entre regulação administrativa do currículo, meios tradutores do mesmo, mecanismos de consumo, qualidade cultural dos meios e dependência pedagógica dos professores, será difícil melhorar a prática".

Ainda sobre a divisão dos papéis entre quem decide o que será ensinado, quem produz o material didático e o executor das tarefas em sala, percebemos uma clara contradição entre os discursos acadêmicos progressistas e a necessidade de controlar a prática. Porém Moreira e Silva (1995:28) retornam ao debate para reforçar "que educação e currículo estão profundamente implicados em relações de poder", no entanto, o fato do "oficial" ser contestado não é demonstração que o poder deixou de existir, mas apenas que o poder não se realiza conforme suas intenções. E é por isso que continuamente enfrentamos nossos pequenos embates diários.

Concomitante aos debates do fórum permanente de discussão do Programa de Formação dos Educadores de Aracati, travou-se com a coordenação da equipe da Ação Docente Supervisionada do NECAD, algumas conversas sobre a proposta do Município

para articular o estágio dos alunos-professores, ao sistema de apoio e acompanhamento pedagógico da SEMEAR, contemplado no programa de formação em serviço em voga.

Quanto aos princípios da ADS, estávamos completamente de acordo, até porque esta disciplina foi projetada tendo como referencial teórico e metodológico a abordagem crítico-reflexiva do professor em ação. Como podemos constatar nos seguintes trechos do documento norteador da ADS (1999)¹⁸

O Programa de Licenciatura Breves da Universidade Estadual do Ceará desenvolve cursos de Formação de Professores do Ensino Fundamental (1ª à 8ª série), adotando uma proposta curricular que integra estudos e pesquisas sobre o processo educativo associados a uma ação docente supervisionada.(...) A ação docente supervisionada deverá ser exercida, não apenas como momento da aplicação dos conhecimentos adquiridos na formação acadêmica, mas principalmente como um processo de investigação na ação, mediante o qual o professor-aluno mergulhará no contexto da sua sala de aula para compreendê-la criticamente. Nesse mergulho, individual e coletivo, o professor-aluno deverá refletir sobre os seguintes aspectos: normas, crenças e apreciações tácitas subjacentes aos seus processos valorativos; estratégias e teorias veiculadas explícita e implicitamente nas situações reais; sentimentos provocados nas diferentes situações enfrentadas e papel que o professor assume dentro do contexto institucional em que atua (Schön, 1995). (...) Em síntese, a ação docente supervisionada, deverá partir dos problemas concretos da prática docente, articulando-a crítica e criativamente com o conhecimento científico-técnico adquirido na academia e, assim, contribuir para a formação do professor-aluno reflexivo.

O professor-aluno reflexivo constrói o próprio conhecimento e a prática profissional refletindo na e sobre a ação, pela apropriação da formação acadêmica para a prática docente.

¹⁸ UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Ação Docente Supervisionada - sistemática de trabalho. (redação preliminar). Fortaleza, 1999.

OBJETIVOS:

- Articular o cotidiano *da sala de aula* do professor-aluno com os estudos teórico-práticos desenvolvidos na formação acadêmica, visando ao aprimoramento das competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) indispensáveis a uma prática docente mais pertinente e integrada às necessidades e realidade social do educando;
- Analisar, discutir e orientar a prática docente do professor-aluno, buscando a formação do professor investigador *na sala de aula expressa* na atitude de reflexão na e sobre a ação, recriando uma nova realidade através do diálogo que estabelece com essa mesma realidade;
- Refletir sobre a (re) construção da identidade do professor-aluno, na perspectiva de ressignificar práticas que atendam às demandas de uma sociedade mais igualitária.

OS MOMENTOS DE AÇÃO:

A ação docente supervisionada compreenderá três momentos interrelacionados: observação e descrição, mediação e de síntese. O momento de observação e descrição buscará registrar, de forma sistemática e contínua, as práticas macro existentes nas diferentes situações nas quais ocorrem o ensino e, também, as ações desenvolvidas na prática docente do professor-aluno em sala de aula.

A mediação é o espaço por excelência do confronto das práticas dos educadores envolvidos nos diferentes grupos de trabalho da ação docente supervisionada. É o locus onde palavras, vontades, fazeres, desejos, vivências dispõem de um suporte teórico-prático que lhes permite progressivamente a elucidação e articulação das relações e dos fenômenos humanos na direção de um desempenho mais qualitativo.

O terceiro momento consta de uma análise da pluralidade dos saberes elaborados e/ou repensados ao longo da formação e da experiência docente, bem como da prática social curricular, pedagógica e institucional. Concretiza-se este momento na realização de seminários temáticos e na elaboração de um memorial.

A consonância que tínhamos quanto aos princípios teóricos-metodológicos da ADS não se estendeu aos passos da execução da proposta. Penso que o fato de o Município já possuir uma caminhada no processo de discussão coletiva e de realização de um Programa de Formação em Ação do seu quadro de docentes realizado pela SEMEAR, praticamente nos obrigou a adequar a proposta do NECAD, à realidade local, tornando a formação superior uma segunda etapa do "Programa em Curso". Portanto como assessorávamos a SEMEAR e pertencíamos ao quadro de professores da Universidade em questão recebemos a missão de (re) elaborarmos o modelo de execução da ADS, e coordenarmos conjuntamente com a companheira Betânia esta disciplina do curso.

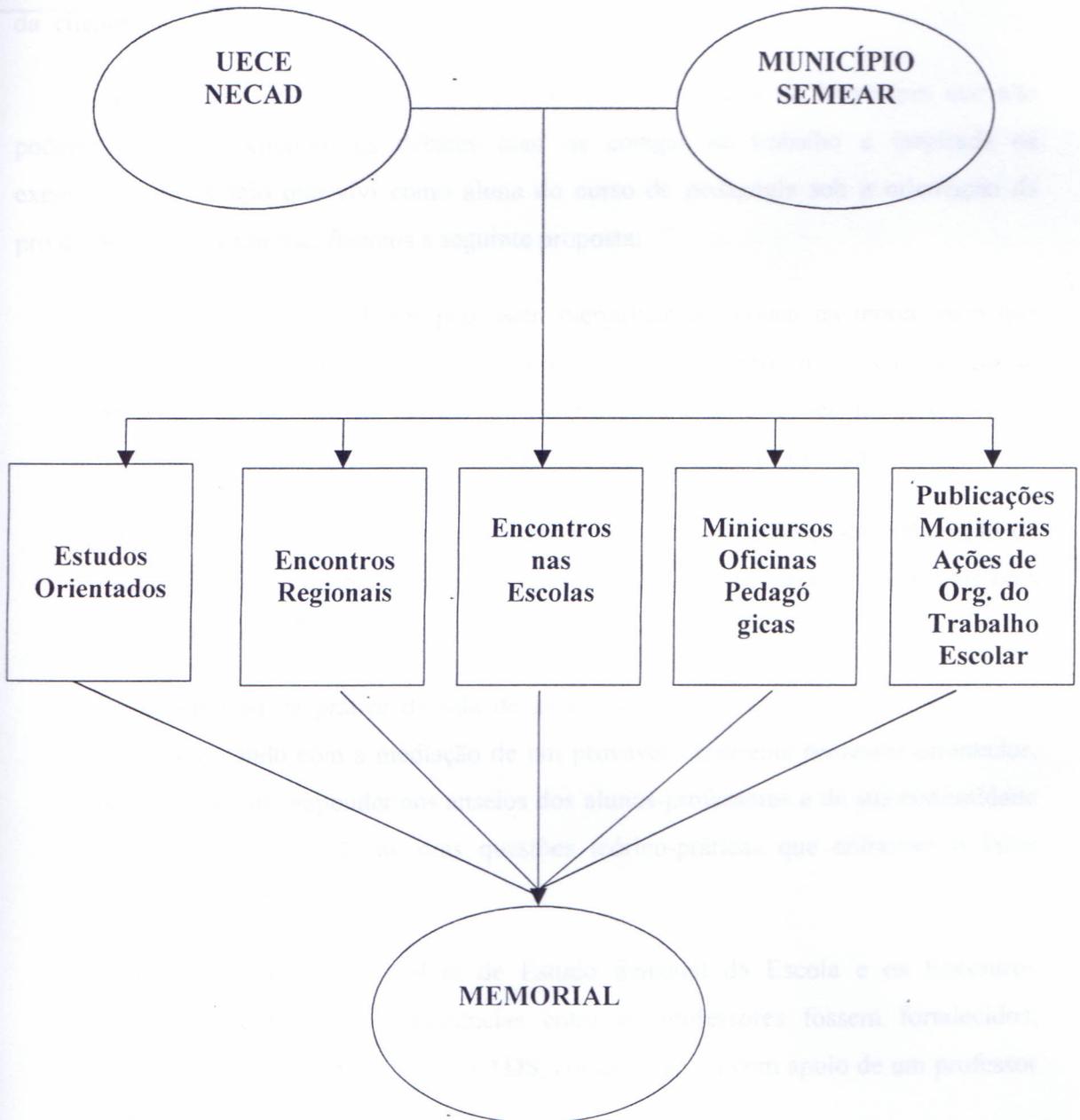
Em Aracati como nos demais Municípios que o NECAD atua como agência formadora, a ADS será composta de três etapas interrelacionadas. No entanto nos diferenciamos dos demais no que diz respeito a constituição destes momentos de ação: o primeiro que é denominado de *observação e descrição*, consiste em propiciar aos alunos-professores oportunidade de tornarem-se autores dos seus próprios textos, através de um rico exercício de produção textual sobre suas práticas, elaborando diagnósticos sobre a escola onde estão fazendo o estágio, relatórios reflexivos bimensais para compor o diário reflexivo, pequenos artigos, entre outros. Para tanto dedicamos todo o primeiro semestre da disciplina a estudos orientados na área de produção textual. Concomitante a isso consideramos tanto a regência de sala de aula, como norte para as reflexões sobre a prática do aluno-professor, como também os encontros de estudos semanais nas escolas, os encontros regionais para estudos e trocas de experiências entre as escolas, assim como a organização e operacionalização de minicursos, oficinas pedagógicas entre outras atividades que contribuam para a organização do trabalho escolar. Tudo isso porque entendemos que a ação do educador vai além da sala de aula, se estendendo para todo o entorno da instituição em que trabalha. Por isso é necessário que a formação em serviço lhe possibilite desenvolver atitudes e habilidades necessárias para realizar atividades capazes de que contemplar e envolver toda comunidade educativa da sua região e se possível do Município. Sem dúvida os encontros com o professor-orientador para as *Mediações* individuais e coletivas constituem o segundo momento da ação, que na realidade é a

culminância da reflexão *na e sobre a ação*. Enquanto nas demais localidades estas mediações ocorrem mensalmente, neste caso ocorrem quinzenalmente.

O Memorial que foi pensado para ser a *Síntese* dos momentos anteriores, onde teoria, prática e reflexão se misturam em uma grande práxis pedagógica, simbolizando a capacidade do educador de não só construir, refletir mais principalmente deixar registrada a sua autoria, se construirá durante todo o curso contando com a colaboração das demais disciplinas. Porém será trabalhado de forma mais sistemática no último ano do curso, onde os alunos-professores contarão com o apoio não só dos seus professores-orientadores, como também das coordenadoras da ADS local e de especialistas na área da língua materna, para auxiliá-los no registro dos momentos mais relevantes da sua trajetória enquanto aprendiz, ser social e profissional.¹⁹

Tentamos sintetizar a nossa visão da ADS no seguinte esquema:

AÇÃO DOCENTE SUPERVISIONADA



¹⁹ Ver nos anexos a estrutura de funcionamento da ADS proposta pelo NECAD e a executada em Aracati.

No tocante aos objetivos propostos pelo NECAD para a ADS, começamos a divergir quanto a sua limitação quando contemplava apenas o cotidiano da sala de aula, afinal a ADS foi pensada a princípio para começar no segundo semestre e permear o curso inteiro, e ao nosso ver para articular a formação acadêmica com a formação em serviço, precisaria atingir toda a comunidade educativa, caso contrário não acompanhará a evolução da clientela.

Tendo como referencial todo um projeto político-cultural do Município que não poderia ser comprometido, os debates com os colegas de trabalho e inspirada na experiência de estágio que vivi como aluna do curso de pedagogia sob a orientação da professora Socorro Lucena, fizemos a seguinte proposta:

- a princípio que os alunos pudessem mergulhar um pouco na teoria, para que compreendessem como construíram a sua identidade profissional, qual a relação entre as questões sociais mais amplas e o cotidiano da sua escola, como integrar teoria que estavam aprendendo no curso com a prática da sala de aula;
- incentivamos a produção das suas próprias narrativas através da elaboração de pequenos artigos, textos, sínteses, resumos, relatórios com o apoio dos professores da área de produção textual;
- a observação da prática da sala de aula é válida como uma fase da ADS, mas mesmo contando com a mediação de um provável experiente professor-orientador, não dá conta de responder aos anseios dos alunos-professores e de sua comunidade educativa com relação as suas questões teórico-práticas que entravam o fazer pedagógico diário;
- orientamos para que a Hora de Estudo Semanal da Escola e os Encontros Regionais de troca de experiências entre os professores fossem fortalecidos, tornado-se espaços de regência da ADS, contando agora com apoio de um professor especialista na área pedagógica;

- pensamos que além das publicações, as iniciativas de organização do trabalho escolar como assessoria ao conselho da escolar ou de pais, bem como aos grêmios estudantis e as monitorias realizadas pelos alunos-supervisores da SEMEAR, também pudessem compor a ADS;

- entendemos que a análise coletiva do que fazer pedagógico, somada as demandas de temas levantados a partir do diagnóstico realizado na escola como atividade inicial do estágio, bem como dos relatórios reflexivos bimensais, são subsídios suficientes para organizados em grupos por instituição de trabalho ou afinidade com o assunto, oficinas pedagógicas ou minicursos para a comunidade educativa;

- após um retorno à observação em sala, até para que orientador faça um paralelo entre a situação inicial e a atual, dedicaremos o último ano da ADS a elaboração escrita do Memorial, como culminância de um rico processo de construção e/ou (re)significação pessoal e profissional.

O quadro a seguir demonstrar numericamente como está se desenvolvendo o processo de construção da ADS no Município de Aracati:

Carga Horária ADS: 600 h/a
Professor-aluno

1º SEMESTRE: 1999.1 (abril, maio, junho e julho).

- Estudos Orientados em Áreas Específicas

Período: 4 meses – 40h/a

2º SEMESTRE: 1999.2 (novembro e dezembro)

- Orientação do Diagnóstico da Escola
- Orientação do primeiro Relatório Reflexivo
- Estudos Orientados

Período: 2 meses – 40 h/a

3º e 4º SEMESTRES: 2000 (fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro).

- Planejamento de ensino
- Execução do plano de ensino
- Relatório reflexivo
- Mediação individual e coletiva

Período: 10 meses – 200 h/a

5º SEMESTRE: 2001.1 (março, abril, maio e junho).

- Planejamento e estudos orientados sobre Projetos Educativos
- Execução dos Projetos Educativos (na hora de estudo na escola, encontros regionais, semana pedagógica, entre outros espaços).
- Relatório

Período: 04 meses – 64 h/a

Obs: a carga horária neste semestre se adaptou a realidade dos projetos educativos.

6º SEMESTRE: 2001.2 (setembro, outubro, novembro e dezembro).

- Planejamento de ensino
- Execução do plano de ensino
- Relatório reflexivo
- Mediação individual e coletiva

Período: 4 meses – 80 h/a

7º e 8º SEMESTRES: 2002 (março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro).

- Estudos Orientados sobre Memorial individuais e coletivos
- Produção do texto do Memorial
- Revisão da produção escrita
- Apresentação do Memorial

Período: 8 meses – 176 h/a

Certamente esta proposta, como as demais que têm surgido no decorrer da nossa caminhada, ainda há de suscitar muitos debates, porém acredito que a vontade coletiva da comunidade educativa aracatiense, de definir os rumos da formação que deseja para os seus educadores, mais uma vez prevalecerá.

Para fundamentar a proposta que na verdade não é nova, mas sem dúvida é a que melhor atende ao processo de formação em ação que esta se realizando em Aracati, recorreremos novamente a Lima (2001), quando ressalta que compreende o profissional do magistério como um intelectual em processo contínuo de formação, que tem na teoria o elemento básico para realizar uma ação coerente e transformadora, ou seja, sua práxis docente. E reforça o seu ponto de vista dizendo que essa formação, que envolve além dos saberes adquiridos na prática cotidiana e na história de sua vida, ainda necessita da fundamentação teórica necessária para a reelaboração destes saberes e a melhoria da qualidade docente.

Na verdade, penso, que há um pouco de ingenuidade na crendice de que podemos com alguns pontuais encontros-dialógicos de mediação mudar a prática de alguém. Mas como o real se impõe, a prática do estágio nos demais municípios mostrou que realmente se fazia necessário ampliar o campo de ação da ADS e a própria proposta inicial da universidade foi redimensionada, incluindo os minicursos²⁰, que batizaram de projetos educativos, penso que para não perdermos o hábito dos modismos em educação. O que importa é que crescemos juntos e quem saiu por vencedor nesta luta foram os alunos-professores.

Uma outra reflexão que faz sentido aqui, é que acreditava que faria um corte epistemológico na realidade educativa, e realizaria minha pesquisa, em seguida escreveria minha dissertação e ponto final, porém mais uma vez a dinâmica social e as demandas que vão surgindo na nossa relação com a escola não nos permite cruzar os braços. Aprendi com esta experiência que na pesquisa de campo, realizamos uma permanente troca e não podemos nos esquivar desta, em nome de uma falsa neutralidade científica diante dos fatos. A cada dia pude constatar como os educadores estavam deslumbrados em poderem estudar

²⁰ Modalidade de estágio realizada pela professora Maria do Socorro Lucena Lima com alunos dos 7º semestre de Pedagogia da FECLESC-Quixadá.

e analisar sua prática à luz das teorias e principalmente se sentirem pesquisadores da prática dos seus alunos e das suas próprias, como sugeriu Donald Schön (in Nóvoa, 1992).

Ao deparar-me com diretores de escolas, supervisores e professores realizando tarefas ou debatendo sobre um novo tema estudado na disciplina A ou B, e principalmente relacionando o assunto com o seu cotidiano, é que percebi a importância da interiorização da Universidade, e principalmente a riqueza que está se fomentando no interior do estado através das novas modalidades de ensino. Nos relatórios reflexivos, que analisaremos com mais profundidade no terceiro capítulo deste trabalho, deparei-me com depoimentos que expressam o prazer e a realização de finalmente estarem cursando a desejada faculdade, como exemplo cito alguns fragmentos das falas de alunos-professores (1999)²¹:

Quando chegou o primeiro dia de aula eu nem acreditava que estava voltando a estudar e que eu era uma nova universitária. Fiquei toda orgulhosa, minha vontade era grande de aprender mais e poder passar para meus alunos a minha vida pessoal

(Atena)

(...) o curso de pedagogia, pela riqueza dos que o compõem, faz reaparecer em todos o desejo de dar continuidade a um processo de autoformação profissional e determinação pessoal de chegar ao objetivo proposto.

(Ártemis)

O curso de Formação de Professores desencadeou várias mudanças que vêm influenciando no meu procedimento didático-pedagógico, dando-me uma nova visão a respeito do trabalho executado em sala de aula.

(Deméter)

Concluindo temporariamente este texto, quero sublinhar que penso ser imprescindível em um país com as dimensões territoriais do Brasil, que a Universidade vá aonde o educador está, e se junte a ele, como tem feito as ONGs e outras organizações comprometidas com a melhoria do ensino e da qualidade social da formação dos nossos cidadãos. Uma outra consideração imperativa, é a importância do Município que se propõe a fazer parcerias com qualquer entidade educativa, possuir o seu plano de educação

²¹ Todos os professores citados receberam nomes de divindades da mitologia Hindu, Babilônica, Persa, Egípcia, Escandinava, Celta, Grega e Romana.

definido, este fato, faz toda a diferença no que se refere a não engolir pacotes que por ventura venham prontos de gabinetes distantes. Sem dúvida, esta é uma parceria aonde não pode existir compra de saber e tecnologia, mas sim uma construção compartilhada coletivamente com todos os atores envolvidos neste auditório social. Por fim quero sublinhar que vejo com muita esperança a atitude dos que fazem a Universidade, que são muitas vezes acusados de não pisar no "chão da escola", de elaborarem uma proposta de formação onde a escola e seu entorno seja o ponto de partida e de chegada dos estudos, reflexões e práticas, inclusive redimensionando suas visões e atitudes, para melhor atender aos anseios e necessidades dos que fazem o ensino básico em nosso estado.

1.3 Metodologia da Pesquisa

Fundamentada na literatura recente sobre formação do educador e em especial sobre a formação continuada, que dá relevo à importância da reflexão, da pesquisa e da valorização dos saberes docentes, bem como, a importância desta formação na mediação da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças (entre outros autores: Nóvoa (1992); Sacristán (1991); Perrenoud (1993); Forquin (1993); André (1998), Kramer (1994), defini os princípios nos quais orientei a escolha da metodologia deste trabalho.

Por tratar-se de uma pesquisa educativa de cunho etnográfico, adotei uma abordagem etnometodológica²² onde analisei os atores em suas microinterações sociais, buscando compreender como vêem a si mesmos, como representam o mundo que os cercam e como relacionam as suas experiências com a formação em ação. Segundo André (1998), por meio de técnicas etnográficas (...), é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados no cotidiano do seu fazer pedagógico.

²² ("definida como a ciência dos etnométodos, isto é, procedimentos que constituem o raciocínio sociológico prático").

(...) conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações de interações que constituem o seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados (1998:41).

Recorreremos, nesta abordagem qualitativa, a uma associação das seguintes técnicas de coleta de dados:

- observação participante;
- conversas de explicitação;
- fragmentos de histórias de vida dos professores;
- estudos documentais.

A observação participante foi realizada em todo o auditório social em que se realizou o programa investigado, porém direcionei os “spots” para as duas escolas-amostra da pesquisa. Na primeira, participei de todas as atividades realizadas por um período de um semestre e assisti diariamente às aulas de uma turma multisseriada, onde se encontravam crianças no intervalo etário de 6-7 anos. Registrei todas as atividades e falas, em especial as das professoras, e, paralelamente fui realizando as conversas informais de explicitação, solicitando que as docentes interpretassem fragmentos de suas falas e explicitassem as razões pelas quais escolheram uma ou outra atividade. Isto me forneceu elementos para entender a racionalidade subjacente ao trabalho do professor. Já na segunda, observei através das atividades das disciplinas de Ação Docente Supervisionada e de Didática a relação que as professoras, anteriormente observadas, fazem entre as teorias estudadas no Programa de Formação em Ação e suas ações diárias cotidianas.

No caso de diretoras e/ou coordenadoras e as supervisoras/professoras, registrei as suas participações na “Hora do Encontro” (dia de estudo semanal nas escolas) e nos encontros regionais bimestrais (quando todos os educadores, supervisores e diretores/ ou

coordenadores se reúnem para troca de experiências e reflexões de temas pedagógicos), para compor o contexto em que se constrói os saberes dos professores.

Com relação à história de vida dos professores, utilizei os relatórios reflexivos (285) que fazem bimensalmente para compor o diário reflexivo da disciplina de estágio que permeia todo o curso de formação.

Nas conversas de explicitação, utilizo este termo porque mesmo tendo como referência os princípios da entrevista de explicitação utilizada por Vermersch (1994), cujos objetivos são: primeiro fazer um levantamento de novas informações que possibilitem uma análise mais detalhada de situações, erros e dados da pesquisa, segundo, a flexibilidade e apropriação da experiência por parte dos sujeitos pesquisados e por último, formar o outro para que ele se informe e permita que outros se informem, tive que me afastar um pouco dos passos sugeridos pelo autor, e ser um tanto informal na utilização deste recurso metodológico para garantir um número de informações que só a entrevista parcialmente dirigida permite. Utilizei temas em que gostaria de esclarecimentos ou de aprofundar algo como: projeto pedagógico, currículo, formação em ação, planejamento e avaliação e deixei que falassem quase que livremente, e fui fazendo intervenções no sentido questionar o implícito. Recorri também à explicitação de conteúdo na história de vida e nos relatórios reflexivos das professoras pesquisadas.

A análise de documentos serviu para complementar os dados colhidos pelas outras fontes, como, por exemplo, a lotação de todas as escolas por idade e nível de escolaridade dos alunos, os relatórios que as supervisoras fazem de cada encontro regional, as sondagens que antecedem as intervenções em campo, o próprio Programa de Formação de Professores em Serviço, o projeto do curso de Formação de Educadores para o Ensino Fundamental, entre outros.

Os sujeitos da pesquisa são todos os atores que participam do programa investigado, especialmente a equipe de supervisores/professores que atuam na área onde se localiza a primeira escola-amostra, e as comunidades educativas de ambas. A referida escola de ensino básico foi escolhida, a partir de critérios como: a participação dos professores em todas as etapas do projeto em estudo, a participação da coordenadora na discussão e

elaboração do plano de educação municipal, bem como, a existência de alunos dentro da faixa etária de escolarização inicial.

A duração da pesquisa de campo na escola de ensino básico, formalmente, foi de um semestre, já que interagia com o universo investigado sistematicamente há mais de dois anos, e já disponha de vários dados, como os indicadores educacionais do Município, a relação de todos os temas discutidos nos encontros regionais, assim como os relatórios dos mesmos, o calendário de atividades da equipe de supervisão nos últimos dois anos, o plano de educação, entre outros. Na Faculdade fiz um corte epistemológico, centrando minha atenção no primeiro ano de implantação e funcionamento do curso de formação de professores para o ensino fundamental.

Segundo André (1998) nas pesquisas do tipo etnográfico é bastante comum que a ênfase seja maior no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais. As perguntas que geralmente são feitas nesse tipo de pesquisa são as seguintes: O que caracteriza esse fenômeno? O que está acontecendo no momento? Como tem evoluído?²³

No estudo em voga, busquei averiguar se havia alguma relação entre a natureza das ações pedagógicas desenvolvidas pelos educadores em suas salas de aula e os princípios norteadores do Programa de Formação em Serviço. E, se necessário fosse, contribuir com a reestruturação didático-pedagógica do programa em curso.

Os relatórios reflexivos e os diagnósticos das escolas em que atuam, realizados por cada aluno-professor mostraram-se bastante adequados e eficientes, principalmente porque ao fazerem parte das atividades da disciplina ADS assumiram um caráter institucional, ficando menos contaminados por fatores como, por exemplo, o desejo de causar boa impressão à pesquisadora. Porque mesmo participando da elaboração, ou da adequação de cada instrumento, não aparecia diretamente no momento de suas aplicações.

Uma outra preocupação que nos acompanhou nesta caminhada foi a de mesmo não definindo as categorias de análise a priori, buscar atender ao máximo as exigências de um

²³ No caso o fenômeno é como o Programa de Formação está chegando ao chão da sala de aula.

trabalho científico. Primeiro definir claramente o meu objeto de estudo, ou seja, o que desejava conhecer nesta pesquisa; em seguida fiz um estudo sobre o estado da arte tanto sobre a formação inicial dos docentes como da formação em serviço, assim como da mediação destes na aprendizagem e desenvolvimento das crianças; definir os procedimentos de controle do processo investigado; tais como quais os registros, quem os faz, em que situações, usando quais estratégias, foi a terceira providência) por último, veio o cuidado com a sistematização e a análise dos dados coletados.

1.4 A formação do professor reflexivo e a pesquisa

*Perscruta-se se a mensagem indicadora de um possível novo paradigma se esconde por detrás da prática da **reflexão**, atitude que nos relança para os valores do humano, que insistentemente teimam em vir respirar à tona da água num mundo vincadamente poluído pelo racionalismo técnico (Alarcão 1995: 12).*

Neste diálogo travado com autores e pesquisadores que atuam no campo da Formação de Educadores, não posso deixar de defender algumas convicções que formulei no decorrer da minha história profissional, porém, procurei me colocar alerta para refazer ou até desfazer alguns preconceitos que foram se cristalizando em mim, por estas tantas encruzilhadas.

O pressuposto de que o adulto tem uma importância fundamental na mediação da aprendizagem das crianças me fez eleger a formação profissional destes, como centro deste trabalho.

Vygotsky (1991) foi um dos autores que chamou a atenção para a importância de um adulto bem instrumentalizado na orientação escolar da criança. Segundo ele, é necessário que não analisemos a aprendizagem e o desenvolvimento potencial da criança pelo que ela é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real), mas sim pelo que ela é capaz de fazer com o auxílio dos outros (zona de desenvolvimento proximal). Para ele, o que hoje se constitui zona de desenvolvimento proximal será, com certeza, nível de

desenvolvimento real, amanhã. O conceito de zona de desenvolvimento proximal vem provocando verdadeira revolução na forma de trabalhar a criança.

(...) o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se foram revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal. Discutirei um estudo de crianças em idade pré-escolar para demonstrar que aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã (1991:113).

Penso que, para exercer sua prática pedagógica numa perspectiva sócio-histórica-interacionista, o educador precisa estar bem fundamentado com relação aos conteúdos culturais e as teorias existentes na sua área de atuação, bem como ser um eterno pesquisador da sua ação e de seus alunos.

Comungo com o educador americano Donald Schön (in Alarcão,1995) que, inspirado no filósofo Jonh Dewey, defende a idéia de que é preciso os educadores darem *razão ao aluno*; reconhecer na criança seu <<conhecimento tácito>>: espontâneo, intuitivo, experimental, cotidiano.

Para tanto, é imperioso que o educador seja investigativo, curioso, atento, isto é, um detetive em busca das razões de cada aprendiz, mediando o seu *conhecimento na ação* com o saber escolar. É esta a postura característica de educador que realiza na sua prática pedagógica uma permanente “reflexão na ação”. Considero sábias as palavras de Schön, quando diz:

O processo de reflexão-na-ação, tal como Tolstoi o descreve, e tal como dar razão ao aluno ilustra, pode ser desenvolvido numa série de <<momentos>> sutilmente combinados numa habilidosa prática de ensino. Existe, primeiramente, um momento de surpresa: um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre esse fato, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. Depois num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação; talvez o aluno não seja de aprendizagem lenta, mas, pelo contrário, seja exímio no cumprimento das instruções. Num

quarto momento, efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese; por exemplo, coloca uma nova questão ou estabelece uma nova tarefa para testar a hipótese que formulou sobre o modo de pensar do aluno. Este processo de reflexão-na-ação não exige palavras.

Por outro lado, é possível olhar retrospectivamente e refletir sobre a reflexão-na-ação. Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu, no que observou, no significado que lhe deu e na eventual adoção de outros sentidos. Refletir sobre a reflexão-na-ação é uma ação, uma observação e uma descrição, que exige o uso de palavras (Schön 83: in Nóvoa 1992).

São idéias que merecem ser refletidas por quem trabalha com a formação do educador. No entanto, o autor sublinha que, inevitavelmente, um educador reflexivo entrará em conflito com a burocracia do sistema escolar. Por isso, aprender a ouvir o aluno deve estar associado a lutar para fazer da escola um lugar no qual seja possível realizar esta escuta.

Penso que assim, a formação de profissionais dotados de tais competências deve se constituir numa prática reflexiva. Deve se dar num processo, no qual o formando possa contar com a ajuda de profissionais mais experientes (tutores), que os ajude a compreender a realidade, possibilitando-lhe uma reflexão dialógica sobre o observado e o vivido. A atuação deste formador exige uma combinação dos conhecimentos própria da profissão (ciência aplicada) ao talento e à sensibilidade de um artista e, ainda, uma boa relação interpessoal com os formandos. Os ambientes de formação devem sempre integrar reflexão e reflexão na ação.

Schön ressalta, também, que as escolas que formam profissionais devem rever nos seus currículos normativos o conceito de epistemologia da prática, pois esta deve aproximar os alunos do mundo real, em situações virtuais relativamente livres de pressões, que lhes possibilitem experimentar, (re) construir, (re) significar, (re) formular o conhecimento, adaptando-o a situações que vão surgindo.

Numa outra modalidade de formação, no caso, a formação em serviço, exige um supervisor reflexivo, que se utilize de estratégias de reflexão/formação, tais como:

Narrativas, análise de casos, observação de aulas, o trabalho de projeto, a investigação-ação e as perguntas pedagógicas. Estas últimas se dividindo em quatro modalidades, que desenvolveremos em outro momento:

- *Descrição: O que faço? O que penso?*
- *Interpretação: O que significa isto?*
- *Confronto: Como me tornei assim?*
- *Reconstrução: Como me poderei modificar? (Amaral, Moreira e Ribeiro 91-92, in Alarcão 1995).*

Contribuindo também com o debate, António Nóvoa (1992) faz um verdadeiro inventário a respeito do processo histórico de profissionalização do professorado, introduzindo, em outro trabalho seu, abordagens com relação à temática, deslocando-a de uma perspectiva excessivamente centrada nas dimensões acadêmicas (áreas, currículos, disciplinas etc.) para uma dimensão mais voltada para o terreno profissional. Daí afirmar que:

A formação de professores ocupa um lugar central neste debate, que só se pode travar a partir de uma determinada visão (projeto) de profissão docente. É preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas atuais de formação de professores. E situar a nossa reflexão para além clivagens tradicionais (componente científico versus componente pedagógico, disciplinas teóricas versus disciplinas metodológicas, etc), sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores (1992:19-23).

Segundo o autor, para que se possa re-significar a formação de professores, a fim de que desempenhem o papel que lhes cabe neste momento de transição histórica, é preciso tomar como referência o resgate da autonomia, da reflexão e da autoria de suas práticas.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também identidade profissional (ibdem,2).

Para Nóvoa, as ciências da educação têm colaborado para desqualificar os saberes experienciais e as práticas dos professores, quando a pedagogia científica legitima a razão instrumental através de esforços de racionalização do ensino. "A lógica da racionalidade técnica opõem-se sempre ao desenvolvimento da práxis reflexiva" (ibidem).

Como estou tentando levantar um estado da arte sobre a formação do educador das séries iniciais, mesmo havendo buscado os autores referidos para subsidiar o meu trabalho, decidi ouvir outras vozes de grande importância neste cenário, cujas concepções, reforçam as opiniões dos anteriores:

Vejamos o que nos diz Cruz (1996):

Penso que, entre as habilidades e competências que precisam ser desenvolvidas, contribuindo para instrumentalizar o educador a realizar um trabalho de maior qualidade, destacam-se a observação (das crianças e de si mesmo) e a possibilidade de descentração do próprio ponto de vista, esforçando-se em compreender a perspectiva da criança, o que envolve a possibilidade de questionar o pensamento da criança, procurando realmente entendê-lo, problematizá-lo, instigá-lo(...) (1996-84).

Madalena Freire (1992) também discorreu sobre a importância da formação do cidadão-educador, em debate realizado no México com outras importantes autoridades no assunto, que citaremos a seguir:

(...) A formação do professor é algo que deve ser construído com muita paciência, passo a passo. A paciência do educador que se envolve na formação de outro educador é essencial, para que esse outro educador, pouco a pouco, vá aprendendo a discutir coletivamente sua própria prática, e vá aprendendo a crer em si mesmo como construtor desse processo. Construir o educador responsável por sua própria prática - e, portanto, como sujeito - é algo que se dá como um processo histórico lento, porém perdurável (in Ferreiro, 1992: 24).

Ana Teberosky (1992) é enfática quando fala da formação do educador em serviço:

(...) As pesquisas sobre a formação de professores tem demonstrado que o lugar onde os professores aprendem o seu ofício é a escola, e fundamentalmente, a sala de aula. É ali que se deve dar a oportunidade de desenvolver o currículo de formação, porque se trata de um saber que se aprende na prática, um saber que necessita desse espaço para que um professor observe o trabalho de outro, para que discuta com o outro. É difícil compartilhar a prática, mas acredito que seja possível (...) (ibidem: 21).

Já a educadora Marília Duram (1992), insiste na reflexão teórica sobre a prática como fundamental para o crescimento do educador:

(...) Os professores costumam pedir receitas que lhes indiquem exatamente o que fazer cada dia e todos os dias, procurando uma fórmula mágica que resolva imediatamente todos os problemas para eles. O importante é que o professor tenha um referencial teórico, que reflita sua prática para descobrir qual a teoria que está por detrás dessa prática (...) a capacitação não pode voltar-se para o "como fazer" desligado de uma teoria (ibidem: 22).

Entretanto, Margarida Gómez Palácio(1992), destaca que a mudança na postura do educador deve se dar de forma processual, até porque ele é a resultante das inúmeras interações socioculturais pelas quais já passou:

(...). Não é fácil nem imediato conseguir uma mudança de atitude do professor. É evidente que o professor ensina como foi ensinado, e não basta dizer que é preciso respeitar o processo da criança sem respeitar o processo evolutivo do professor. O professor não se formou somente na Escola Normal; na verdade, todos vamos incorporando modelos ao longo de nossa vida escolar e familiar. O professor não se forma num único curso. Quando o professor chega em sala de aula, aplica o que aprendeu do seu meio, da sua família, das suas relações pessoais, etc. Devemos levar tudo isso em conta, de tal maneira que a assessoria sobre a aplicação de nossa proposta pedagógica não aplique necessariamente a negociação de toda a experiência anterior, porque isso não é possível (...). Mas, sem dúvida, quando o professor consegue compreender o trabalho docente como uma prática criativa e de respeito em relação às crianças, vê a si próprio revalorizado como docente (...) (ibidem: 23).

Para finalizar os resultados sobre o debate, Telma Weisz (1992), chama a atenção do grupo para o fato de o processo de capacitação de educadores, que irão assessorar a alfabetização inicial das crianças, ter como referencial o “saber real” dos educadores:

(...) como se constrói um processo de capacitação? Temos nas mãos uma teoria da alfabetização, temos uma teoria do conhecimento, temos um objeto - a língua escrita - mas sobre o que construímos a situação de capacitação?

O que quero dizer é o seguinte: assim como a hipótese alfabética é construída pelas crianças a partir da hipótese silábica, uma prática construtivista de capacitação (se é que posso falar assim) deve estar apoiada em algum saber, no saber real do professor (...).

Quando a situação de capacitação se organiza em torno de um objeto que é a atividade realmente realizada na classe, todos os problemas de conteúdo podem ser trabalhados, e não necessariamente de forma separada (...).

(...) em algum momento, evidentemente, o professor precisa receber uma informação organizada. Apesar da resistência que possa ter a ler textos científicos, (...), o esforço de lê-los é uma experiência importante para ele, não apenas pelo conteúdo (...), mas também pela possibilidade que passará a ter de ler por si mesmo, de escolher seus próprios textos (ibidem: 25).

Finalmente, podemos concluir que, de acordo com os autores citados, o saber-fazer do educador é produzido nas inúmeras relações socioculturais por ele vividas continuamente, e não apenas em momentos estanques de formação, ou seja, a aprendizagem é sem dúvida processual. Isto nos impulsiona ainda mais no sentido de permanecer uma andarilha da esperança pelos fascinantes caminhos da educação, investigando e colaborando com propostas de formação que se efetivem no dia-a-dia do educador e, principalmente, que pretendam vencer a tradicional dicotomia *eu pessoal e eu profissional*. Concluo então, com uma frase de António Nóvoa (1992):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa 1992:25).

CAPÍTULO 2

OS RITUAIS DE UMA SÁLA DE AULA MULTISSERIADA²⁴

Este capítulo trata da história da comunidade educativa escolhida como palco para minha investigação e dos motivos que levou-me a elegê-la. Mostra também o dia-a-dia de uma sala de aula multisseriada com seus rituais, conflitos culturais e jogos de poder.

2.1 Caracterização do universo pesquisado: a escola e seus atores²⁵

Este capítulo mostra os seis meses de pesquisa que realizei em uma escola de educação básica localizada na periferia do Município de Aracati, com crianças de séries iniciais. Para tanto recorri ao registro em um diário de campo de todos os acontecimentos ocorridos na escola e em especial em uma turma multisseriada.²⁶

A Escola observada chama-se Adolfo Caminha²⁷ localiza-se no conjunto habitacional COHAB na BR 304, na localidade de Alto da Cheia no Município de Aracati, mas precisamente na divisa deste com o estado de Rio Grande do Norte. Ela é considerada de porte médio, pois tem aproximadamente 200 alunos.

De acordo com história contada pelos moradores da localidade e registrada no Projeto Pedagógico da Escola,²⁸ que contou com 35 participantes entre funcionários, pais de alunos e representantes de setores significativos da localidade, por volta de 1945, já existia uma pequena comunidade com um total de seis casinhas de palhas. Como nos períodos de cheia do Rio Jaguaribe a cidade ficava completamente inundada, era neste alto que se abrigavam as famílias de Aracati, já que naquele momento ainda não existia a

²⁴ Sobre esta modalidade de análise consultar MCLAREN, Peter. *A Vida nas Escolas*. Porto Alegre: Artes Médica, 1997.

²⁵ Só observamos a escola de ensino básico, já que o nosso interesse era observar a professora-aluna em "ação". A escola de formação superior foi analisada por outros instrumentos.

²⁶ Fiz uma adaptação do registro em diários que Peter McLaren (1997:48) fez em escolas da periferia canadense e americana nas quais segundo ele fala das lutas em que estudantes em desvantagem e os professores que com eles trabalham enfrentam diariamente, e que não só atravessa as fronteiras destes países mais ocorrem numa variedade imensa de cenários - cidades de grandes e pequenas, subúrbios e áreas rurais.

²⁷ Filho ilustre de Aracati, que era escritor e poeta.

²⁸ Cópia mimeografada do Projeto Político Pedagógico da Escola.

Majorlândia. Isto fez com que mesmo sendo registrada com o nome de Escola de Ensino Fundamental Adolfo Caminha, ela sempre foi batizada pelos comunitários de Alto da Cheia, inclusive fazendo confusão em alguns documentos oficiais. A escola Adolfo Caminha (Alto da Cheia) foi construída em 1985 e começou a funcionar em 1986. Na verdade sua construção fez parte de um grupo de prédios que foram feitos com verba do Banco do Nordeste para funcionar como creche, e isto lhe garantiu uma arquitetura generosa, no que se refere amplitude dos espaços. Salas grandes e arejadas e uma fresca área de lazer entre os cômodos, banheiros adaptados para crianças, uma cozinha, um depósito e uma sala de coordenação, onde funciona precariamente uma secretaria e um almoxarifado. O clima é agradável durante todo o dia, acho que isso se deve a proximidade com o mar. No ano de 1994 foi anexado a este prédio um outro contendo mais duas salas de aula, uma secretaria, uma cantina, 1 depósito e três banheiros.

Por volta de 1981, começou a ser construído no local a primeira etapa do projeto habitacional conhecido por COHAB, até então a vegetação de mata fechada era cravada apenas por uma fábrica de nome Ribeiro Almeida de suco de caju e cera de carnaúba, que hoje acrescida de outra fábrica, a D'fruta (1986) de doce e suco, garantem emprego para a maioria dos pais das crianças que estudam na escola. Somente em 1989, construiu-se a segunda etapa do conjunto pela Caixa Econômica Federal.

O conjunto habitacional ao ficar pronto era entregue aos moradores com água e luz. Depois a prefeitura ficou fazendo a coleta de lixo. O calçamento e as ruas também fazem parte do projeto de infra-estrutura do conjunto.

A área física da localidade ainda se encontra bastante arborizada, prevalecendo na vegetação a carnaúba e o cajueiro. O clima é tropical, pois está bem próxima do oceano Atlântico.

Os serviços públicos oferecidos à comunidade são: O Programa saúde da Família - PSF que inclui um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e um agente de saúde, que acompanha as crianças pesando e observando o seu crescimento, e, em termos educacionais, uma escola municipal atendendo as crianças do pré-escolar à 6ª série.

Quanto à atividade econômica, predomina a prestação de serviços nas fábricas existentes, que com a extração das frutas e pó de cera de carnaúba, produzem sucos, polpa de frutas, doces e cera. Os moradores do conjunto têm preferência por esse trabalho porque moram próximo e têm os direitos assegurados.

Com a criação da associação do bairro, foi construído com o apoio do projeto São José, um centro comunitário que funciona como local de lazer, pequenos eventos, e serviços de utilidade pública como atendimento médico e pagamento de algumas contas.

De acordo com o diagnóstico realizado pelas professoras-alunas da escola, esta funciona atualmente os três turnos, sendo pela manhã 2^a, 3^a e 5^a séries e à tarde pré-escolar e 1^a em uma sala e 4^a em outra. A noite funciona alfabetização de jovens e adultos e reuniões do Conselho escolar.

Atualmente ela conta com 209 alunos e 10 funcionários, distribuídos em 1 coordenador, 5 professores e 4 auxiliares de serviço.

O recurso financeiro para a manutenção da escola vem do Governo Federal (FNDE), e a prestação de contas é feita ao Conselho Escolar e aos comunitários através de reuniões na própria escola.

A escola funciona em um regime quase familiar, e promove eventos como encontros de pais e mestres, celebrações de datas comemorativas, confraternizações, quermesses entre outros eventos. A comunidade participa bastante da vida escolar, colaborando inclusive com a compra de materiais ou pequenos reparos, já que os recursos do Fundo de Desenvolvimento, só podem ser gastos em materiais que estejam na tabela que eles enviam, mesmo que outros é que estejam faltando. Vejamos o que nos diz a professora Vênus (1999)²⁹, no diagnóstico elaborado sobre a sua escola:

(...) Não dispomos de sala de leitura, mas temos vídeo, pátio e uma pequena quadra. Os equipamentos e materiais didáticos existentes e em funcionamento estão em ótimas condições e são bastante satisfatórios. Para superarmos as necessidades materiais que

²⁹ Vênus é o nome fictício que dei a professora observada.

ainda existem, temos as ações comunitárias locais com movimentos na escola.

Fiz a minha primeira visita a escola no dia 10 de junho de 1999. Era uma tarde ensolarada em Aracati. A escola já vivia o clima festivo do mês junino e do final de semestre. Fui recebida calorosamente pelas professoras pré II e 1^a série, a da 3^a série e por uma auxiliar de serviço, conversamos, expus meus propósitos e, a princípio, senti que havia um misto de interesse e receio no ar. Afinal todos nós temos medo de ser investigados. Mas não tinha pressa, decidi que aos poucos iria adentrando aqueles muros e decifrando as relações que se davam em seu interior.

Convidaram-me para conhecer os alunos. Ao chegar à sala das crianças menores os encontrei cantando uma canção, que fiz questão de cantarolar junto, e isto os fascinou. É como se achassem que eu não poderia conhecer a música deles, e este fato já nos fez mais próximos. Mas nem por isso deixaram de me afogar com uma enxurrada de perguntas. Após um breve bate-papo perguntei se eles concordavam que eu participasse das aulas, e como sempre as crianças que adoram novidades ficaram entusiasmadas e responderam positivamente.

Conversei mais uma vez com a professora Vênus, e em seguida me dirigi a uma escola do centro da cidade onde a coordenadora Ísis, participava de um curso promovido pelo UNICEF sobre violência na adolescência. Acertamos alguns detalhes e como já havia feito uma investigação documental na secretaria de educação, me senti pronta a iniciar as observações.

2.2 Levantamento e Análise dos Dados Coletados na Observação da Sala de Aula

Segundo McLaren (1997), a função do diário é fornecer alguma visão da vida escolar como ela é vivida pelos estudantes e professores, para tanto retrata a multiplicidade de significações que constituem as contínuas demonstrações ritualísticas da vida escolar, fornecendo a fundamentação cultural para modos de dominação e resistência. Interrogando permanentemente o que ele chama de *estado de estudante, estado de lar, estado de esquina*

e estado de santidade. Para o autor através dos rituais é possível perceber-mos o modo pelo qual as mensagens ideológicas e as práticas materiais se unem na seleção de ícones que são apresentados aos alunos, no discurso dos professores, no uso da oração, na distribuição do mobiliário e na utilização de gestos autoritários. Da mesma forma podemos desvelar como o capital cultural dominante entra em conflito com o patrimônio cultural que as crianças trazem de suas vidas para a escola.³⁰

Convido então o leitor para adentrar comigo neste espaço mágico chamado sala de aula, e analisar as experiências que se seguem sob a luz da combinação da abordagem crítico-reflexiva do professor em ação, do interacionismo sócio-histórico e da teoria do ritual e desempenho explicitada anteriormente.

Quarta-feira, 23 de junho

Esta foi a minha segunda visita a escola e me surpreendi ao observar o nome Alto da Cheia pintado na entrada. Na verdade ali estava representado que de alguma forma haviam se apropriado do nome inicial, e não importava o que tinha sido estabelecido posteriormente pelas autoridades políticas.

Nesta ocasião fui recepcionada pela coordenadora, que com muita satisfação abriu os armários repletos de material para me mostrar, sublinhando que foram comprados com os recursos que vem do Fundo nacional de Desenvolvimento da Educação FNDE para as Unidades Executoras dos Conselhos Escolares administrarem. Na conversar que se seguiu, demonstrou um pouco de descontentamento com o fato de terem o leque de compras limitado por regras pré-estabelecidas pelo governo, inclusive sendo obrigadas a comprar materiais desnecessários, enquanto falta outros de fundamental importância no momento, já que precisam gastar a verba dentro do prazo determinado pelo órgão financiador. Deu exemplo de alguns materiais para realizarem pequenos serviços básicos, como um ferrolho quebrado, uma dobradiça, uma carteira, que os deixa meses esperando por uma ação da SEMEAR, ou que precisam ser socorridos por campanhas junto à comunidade. O que mais intrigou, foi ver os livros e jogos intactos, guardados como relíquia em um armário

³⁰ Gostaria de sublinhar que mesmo valorizando todos os momentos ocorridos em sala durante as observações, elegi como parâmetro a proximidade ou a distância das ações educativas com relação aos

apertado e o zelo com que cuidavam do som, comprado com apoio da comunidade, da televisão e do mimeógrafo. Até porque é comum o roubo de televisores e peças das antenas parabólicas na cidade.

A professora Vênus fez questão de mostrar as músicas novas que havia pesquisado para ensinar as crianças, bem como as aprendidas na disciplina *arte educação* do curso de formação superior, que cursa juntamente com as colegas e com a coordenadora. Ao ver apostilas do curso sobre as mesas e o entusiasmo com que falavam sobre este, resolvi entrar no assunto, travamos uma longa conversa e senti o quanto aquele momento estava sendo importante tanto para suas vidas pessoais como profissional. Pude ler nas entrelinhas que apesar do pouco tempo de que dispunham para se dedicarem aos estudos já que todas trabalham dois expedientes e estudam no terceiro, tinham montado um grupo de estudo com as colegas que moravam no bairro. Sugeri então que usassem a hora do encontro na escola e estudassem um tema do curso que fosse relevante para o crescimento dos trabalhos da escola.

Quinta, 12 de agosto

Hoje estão em sala 21, das 23 crianças. No momento da minha chegada, a professora Vênus realizava a primeira atividade da tarde: primeiro contou a história da barata e em seguida cantaram uma canção como o mesmo tema, tinha um refrão que dizia:

A barata diz que tem sete saias de filó

É mentira da barata, ela vai pro xilindró...

Num terceiro momento, realizou-se uma exploração do texto cantado, na rodinha:

Perguntou: _ O que é filó?

Respostas: "em coro" _ É a mulher que diz na televisão, ô coitado.

A professora então lembrou do mosquiteiro de filó, para explicar que se trata de um tecido.

Perguntou novamente: _ Quem lembra de outra canção folclórica

Respostas: _ A da sereia, a do saci pererê (neste momento dois meninos naturalmente começaram a pular como saci).

A segunda atividade foi colar as figuras que a professora distribuiu em papelões, onde depois ela escreveu os nomes e os colocou no varal. A seqüência foi a seguinte:

1. A VI ÃO
2. BAR CO
3. GA TO
4. E LE FAN TE

As letras foram escritas compassadamente no quadro verde, ao lado das gravuras enquanto as crianças acompanhavam atentas. Sempre posterior à pergunta: _ Qual é a letra que a tia vai desenhar?³¹

Por fim colocou no quadro uma figura inédita: _ O que é isso aqui?

Responderam em coro novamente: _ SOR VE TE

Enquanto isso, Juninho e um outro coleginha brigavam num canto da sala. A professora reclamou e em seguida distribuiu uma folha com um peixinho para Juninho recortar. O conflito então logo se resolveu. E o garoto recortou seu peixinho com capricho. Após a conclusão da primeira parte da tarefa a turma toda foi convidada a limpar a sala. Como de costume a tarefa de varrer foi prontamente assumida por uma menina. Aos poucos foram retornando aos seus lugares para ouvirem as instruções correspondentes à segunda fase da atividade:

Neste ínterim Thiago, que é novato na escola³², decidiu apanhar o lixo com as mãos. Parece que foi uma maneira que encontrou de participar. Mas finalmente a pá chegou, e ele

³¹ Limitações pedagógicas como pedir que as crianças desenhem letras, escrever pausando entre as sílabas, eleger palavras fora do contexto da aula para trabalhar a leitura, combinadas as inúmeras tentativas de agir construtivamente por parte da educadora, revela-nos o conflito vivido por ela, entre a herança da formação inicial tradicional que recebeu; e o desejo de realizar sua prática de forma emancipatória provocado pelos estudos e vivências da nova experiência de formação em serviço. Penso que ainda levará algum tempo para superar completamente o antigo.

então resolveu brigar por ela, sendo necessária mais uma vez à intervenção da professora para resolver o embate.

À medida que os recortes eram presos no varal, a professora foi escrevendo os nomes no quadro com a ajuda das crianças.

_ Quem acha que começa com A? Todos levantaram a mão.

_ Tia tem U, ela escreveu ao lado do A. Mas Iasmim corrigiu: Tem que apagar o U. Então vamos sem U, disse a professora.

_ Oh! tia, faz verdadeiro, disse impaciente o pequeno Edmar.

Ela então escreveu a palavra completa:

AVIÃO com a letra de *script* maiúscula e cursiva minúscula.

_ Vamos conta quantas letrinhas. 1, 2, 3, 4, 5. A Priscilla vai escrever o número. Cinco é uma letra ou um número?

_ Um número, todos responderam.

_ Qual o amigo da sala que tem o nome começado com o "A" de avião?

Respostas:

- Ana Priscilla

- Ana Paula

- Ariadne

- Ana Cláudia

Agora vamos cantar a música do aviãozinho de papel. Ao avisar que iria pegar o disco. A turminha aplaudiu.

A professora então fez a seguinte observação: _ estão com sono! Então vamos

³² Após não ter obtido êxito na tentativa de se adaptar a uma escola particular no centro da cidade, foi levado para a escola do bairro.

cantar para acordar.

No final da tarde, receberam um desenho do Saci para completarem e pintarem e colocarem seus nomes.

Os pais começaram a chegar, e a professora começou o ritual da despedida.

Quinta, 26 de agosto

Cheguei à escola às 13h 50min, as crianças se encontravam divididas em grupos, fazendo recortes em livros, jornais e revistas de palavras iniciadas pela letra "P", para colarem na folha.

As 14h a professora avisa que vai a coordenação apanhar a tarefa da pré-escola. A atividade é pintar o soldado, em homenagem à data comemorativa do mês. Foram distribuídos livros, tesoura e cola para um primeiro grupo, e para o segundo grupo lápis de cor.

Neste momento a atividade foi realizada de acordo com a faixa etária dos grupos.

Percebi que as crianças conversavam entre si. Neste pequeno intervalo a professora dirigiu-se ao local onde estava sentada e me falou que na semana anterior, tinha feito um bingo de letras com todas as crianças, inclusive me mostrou uma sobra das sementes de acácia que foram usadas como marcadores das cartelas. Segundo ela algumas crianças ainda enfrentam dificuldades em distinguir as letras de script. O que mais me chamou a atenção neste bate-papo é que pelos exemplos citados ela conhece as dificuldades de aprendizagem de cada criança. Inclusive lembrou que a Ana Cláudia acreditava misturar letras com números quando confundia "Q" e "P".

Observei que durante os trabalhos em grupo ela, acompanha a todos orientando e incentivando insistentemente.

Yasmim trouxe a sua tarefa para eu apreciar, e fez questão de ler algumas palavras para mostrar que já sabia ler.

Sexta, 27 de agosto

Aracati acordou alegre, era dia de feira e a cidade estava bastante movimentada.

Passei a manhã na SEMEAR planejando cuidadosamente o Programa de Ação Docente Supervisionada dos professores-alunos do curso de Formação de Professores em Licenciatura Plena para o ensino fundamental. Após me deliciar com um baião de dois com carne de charque, me desloquei para o bairro da COHAB. O traslado se deu pela BR 304 em direção a Mossoró.

Ao chegar à escola, do portão escutei os gritos das crianças: é a tia Joana, a tia Joana chegou. Estavam sentados na rodinha para rezar.³³ A professora saiu um pouco para se despedir da mãe de Thiago, que sempre vem deixá-lo na escola e faz recomendações. No grupo conversam assuntos diversos. De repente uma vozinha balbucia: _ A tia Joana vai ficar triste! No momento não entendi, mas depois é que descobri que esse era uma das estratégias usadas para manter a ordem.

Ironicamente no momento de começar a esperada oração, passou um carro de som, e algumas crianças mais levadas começaram a se rebolar.

Após a oração, cantaram a música do anjinho:

Eu tenho um amigo

Que é muito bonzinho

Ele sempre, sempre, me acompanha.

Em seguida a professora mostra num livro, a figura de um pato e de um homem, e começa a explorá-las com as crianças (figuras geradoras).

_ Agora vamos cantar a música do pato pateta...

Thiago para variar fica o tempo todo brincando/brigando com o colega ao lado. Até rasgar o chapeuzinho de soldado do outro (Davi). Elaine é convidada a trocar de lugar com Davi.

³³ A religiosidade é um dos traços mais marcantes no Município de Aracati.

_ Vamos cantar novamente, convidou a professora.

_ O que é galo?

Elaine responde: _ um calombo, tia. E os colegas completaram.

_ Tia estou com sede, falou alguém no grupo. Ela respondeu: _ ficam com sede porque falam demais. _ Mas a tia manda a gente cantar, retrucou um dos garotos. E cantar cansa? Perguntou a professora: _ cansa porque é grande. E porque é grande, perguntou novamente? _ Porque tem muitas letras, uma criança respondeu. Sem perder o ritmo do diálogo a professora falou: e por falar em letras, com qual delas começa a palavra PATO. _ Com "P". _ Vamos desenhar um "P", no ar e no chão. A professora vai chamando o nome e eles vão escrevendo na ordem. Ela mostra a letra no livro e relembra que desde de Segunda-feira estão estudando o "P".

Agora cada criança deve pegar o seu envelope das letrinhas. Uma vizinha diz: _ tia eu esqueci... outros aproveitam para também dar a sua desculpa para a falta, e pedem para escrever no caderno. Mas a professora ressalta que não aceita as justificativas, pois estas estão se repetindo.

Um fato que me chamou a atenção foi que nos momentos de indisciplina a professora sempre lembrava: _ vocês disseram que seriam bonzinhos com a tia. É assim que vocês são bonzinhos? Isso me fez concluir que haviam conversado a esse respeito no intervalo das minhas visitas. Até todos arrumarem os envelopes entre as pernas e a folha mimeografada sobre a carteira, levou algum tempo. Em seguida a professora ia desenhando as figuras que eles tinham em suas tarefas e em seu interior ia escrevendo o nome de uma outra. Ex: PANELA (figura), nome escrito (PATO) para chamar a atenção, e eles logo que perceberam foram fazendo a correção. Os que se encontravam mais adiantadas em relação ao nível da leitura e escrita, iam ajudando os dos níveis anteriores ao seu.

A atividade seguinte foi desenhar o pato pateta, algumas crianças disseram que não sabiam desenhar. Mais uma vez os pequenos recorreram à ajuda dos mais velhos.

Sempre que tinha uma oportunidade a professora dava flechas da sua apreciação a respeito das disciplinas da faculdade. Na verdade naquele momento esse curso era sem dúvida algo de muita grandeza na vida daquelas professoras.

A minha xará de quatro anos, a Joanhinha filha da professora³⁴ e a caçula da sala resolveu mais uma vez minha vizinha de carteira.

Cada vez me surpreendia mais com a necessidade que tinham de mostrar as suas produções, era como se necessitassem das nossas aprovações. Todos os desenhos foram expostos no mural.

Foi pedido que colocassem sobre a carteira o livro, porém para surpresa minha, só os ditos da 1ª série os possuíam. Ao perceber a dificuldade que teriam para fazer a tarefa, Vênus convidou a todos para sentarem no chão. A diretora e a auxiliar de serviço trouxeram o som. E uma canção com o tema do pato começou a tocar, eles surpreendentemente ouviram atentos. Era incrível como gostavam de música. Elaine pediu a palavra, e disse que quando estava no Boqueirão havia assistido a um filme com aquela mesma canção. Foi então ameaçada de ir para a coordenação, depois a professora relevou. As demais crianças acompanharam a música com palmas. No meio do grupo um dos alunos falava insistentemente: *— Era bom se fosse a musica tocando e a gente comendo.* E seguiu fazendo gestos seguindo o ritmo tocado. A professora então começou a ler as frases da música e as crianças a repetirem.

— O que é bicar? As crianças respondiam alegremente. E livremente foram se levantando e dançando como patinhos. Algumas até arriscavam com os colegas do mesmo sexo um forró, mas respeitando o ritmo da música. Era claro que o preconceito ainda não fazia parte do mundo deles.

Chegou o esperado momento do lanche, fila e finalmente estavam a saborear a deliciosa sopa de letrinhas.

³⁴ Como não havia turma de Educação Infantil para crianças de quatro anos, e a mãe trabalhava na escola o dia todo, Joanhinha foi aceita na turma multisseriada de cinco a sete anos.

Refletindo o Observado

Deste primeiro mês de investigação da sala de aula podemos fazer as seguintes apreciações:

1. Que a professora ao orientar as suas aulas por temas geradores, dá oportunidade às crianças de descobrirem a linguagem que existe nas canções, histórias, dramatizações e letras escritas.
2. Que mesmo procurando transformar as expressões artísticas, como letras de músicas cantadas ou dramatizadas, em situações de aprendizagem, possibilitando a descoberta dos usos sociais da leitura e da escrita; contraditoriamente muitas vezes após a exploração oral destes textos, realizava atividade escritas usando palavras completamente alheias ao assunto em questão.
3. A percepção do enorme espaço que a televisão ocupa no imaginário das crianças. Especialmente em uma realidade em que os pais trabalham o dia todo, em empresas que não possuem creches para os filhos dos funcionários. Estes como não querem deixar as crianças na rua no período em que não estão na escola, encontram na telinha a única companhia para as crianças nas suas ausências.
4. A perspectiva interdisciplinar com que a professora muitas vezes trabalhava os conteúdos, especialmente os referentes à escrita das palavras também foi marcante. Ao escrever palavras e frases, explorava juntamente com as crianças seus tamanhos, e quantidade de letras necessários para escrevê-los. Em outros momentos ao cantar uma canção discutia com as crianças o significado das palavras, entre outros.
5. A forma construtiva de possibilitar a interação das crianças com as linguagens pictográfica e escrita foram outra estratégia que me chamou a atenção, especialmente quando consideramos que se trata de uma classe extremamente heterogênea.

6. Outro fato por demais surpreendente era a forma como planejava as atividades desafiadoras, que propiciavam as crianças vivenciarem as situações de conflito cognitivo, tão defendidas por Piaget. Certamente após a reorganização dos esquemas já existentes ou a construção de outros, a aprendizagem se dava de forma mais consistente sem a necessidade de excessivas repetições ou as famosas 'decorebas'.
7. A presença permanente dos trabalhos em grupos, que além de facilitar a interação entre as crianças, possibilitava aos que se encontravam em níveis mais elevados, auxiliarem os pequeninos.
8. A forma dúbia e mal resolvida de solucionar as pequenas indisciplinas das crianças também foi diagnosticada. Por vezes recebiam uma atividade alternativa para fazerem, já que não se interessavam pela que os demais estavam realizando; contraditoriamente, em outras situações recorria as chantagens emocionais tais como: a tia Joana vai ficar triste, o papai do céu vai brigar, entre outras.
9. Marcante também era a forma como a religiosidade estava impregnada nas práticas educativas, além da oração diária, as canções religiosas eram permanentes. Já que este fato também não era um privilégio desta escola apenas, penso que a presença marcante de congregações religiosas atuando na formação inicial, tanto na rede pública como privada seria um dos responsáveis por este fato. Inclusive o diretor dos dois maiores colégios públicos da cidade, é um Irmão Marista.
10. Em razão das turmas multisseriadas existirem de fato em 50% das escolas municipais, mas não de direito nas estatísticas oficiais, isso tem provocado alguns contratemplos que prejudicam o fazer pedagógico da educadora, como por exemplo, o fato de metade da turma receber livros e a outra não, metade se sentar em mesinhas e a outra em carteiras para adultos, etc.

11. Com relação à formação da educadora propriamente dita, que é meu objeto principal de análise nesta pesquisa, percebi que apesar de haver uma clara intenção de colocar em prática o que já estudou no Programa de Formação em Ação e em outras fontes, sobre a concepção interacionista de construção do conhecimento, a maneira como põe em prática a transposição didática que faz, ou melhor a (re)construção do seu aprendizado, se caracteriza ainda por ser bastante dúbia. Ou seja a mesma professora que alguns momentos se porta como uma verdadeira facilitadora do processo de ensino-aprendizagem das crianças; em outros momentos faz chantagens, se coloca de forma por demais autoritária e até mesmo tradicional com relação ao processo de alfabetização.

Quinta, 09 de setembro

São 13:30h e estou mais uma vez registrando cenas do cotidiano de uma sala de aula. Ao chegar observei que a professora recolhia as tarefas de casa. Nestas ficava muito clara a divisão das crianças em três níveis, pois as tarefas eram diferenciadas. Para o primeiro grupo o desafio era colar pedacinhos de papel na letra "I". Para o segundo grupo a cópia do alfabeto e pintar a letra "B" nas palavras. E para o terceiro ligar palavras que rimam, passar frases da letra *script* para a cursiva e pesquisar e colar palavras que terminassem em "ÃO".

A professora fez questão de me mostrar todas as tarefas do dia anterior dando relevo à prática de trabalhar as letras e as famílias através de figuras de objetos, cujos nomes contenham as letras, que deseja explorar. Primeiro forma os objetos com o corpo, e só depois é que escreve seus nomes. Quando possível trabalha com o grupo todo, faz pesquisa e canta sobre as letras trabalhadas.

O início das atividades daquela tarde deu-se da seguinte forma, primeiro a professora mostrou o desenho de um lápis e perguntou sua função. Colou a figura no quadro e escreveu as frases:

O [desenho do lápis] ESCREVE

O lápis escreve

Após a briga da Elaine com uma das colegas por causa de um broche, a professora disse que o contato das crianças com a comunidade faz com que os hábitos adquiridos sejam trazidos para a escola.

Ocorreu em seguida uma explicação sobre as letras das cartilhas e livros (script) e a letra da professora (cursiva). E escreveu a frase *o lápis escreve* com letra cursiva.

Ao concluir fez uma análise junto com os alunos das duas frases, e concluíram que algumas letras mudavam, como: s/i/l/e/r e v.

_ Agora vamos formar uma frase para a figura BOLO.

Iasmin pegou o giz e escreveu: O bolo é gostoso com os dois tipos de letra, mas deixando a figura no meio da frase.

_ Vocês estão vendo a palavra bolo? Perguntou a professora.

_ Não, porque ele está desenhado, disseram em coro!

_ Fabiana foi convidada a escrever a frase incluindo a palavra do desenho. Os colegas foram citando as letras, e ela timidamente foi colocando no quadro. Observei que como estava insegura quanto à correção das palavras, escreveu letras minúsculas. Como parou no 'G' de gostoso, a professora lembrou, ontem estudamos ele.

_ Agora é o pato

Wesley foi convidado para escrever a frase (5 anos). Com a ajuda dos colegas foi colocando as letras com desenvoltura, e quando foi criticado por Aline, reclamamos para a professora.

_ A figura geradora seguinte foi o telefone.

O telefone toca, foi a frase elaborada por Aline sem dificuldade.

A casa é bonita, foi a elaboração de Elvis. Concomitantemente em um canto da sala algumas crianças brigavam. Como Elvis teve dificuldades, Lúcia disse para ele escrever com a sua letra. E rapidamente fez a frase com a letra de script maiúscula (forma):

Ao distribuir os cadernos para copiarem o que escreveram no quadro, a professora percebeu que Ana Paula já havia copiado tudo em uma folha avulso. Enquanto acompanhava as crianças que apresentavam mais dificuldades, a professora apontava alguns lápis.

Enquanto isso na sala da administração a coordenadora estudava na apostila da faculdade, ao mesmo tempo em que ensinava a tarefa do filho, já que não tinha outro tempo, pois sua carga horária no magistério era de a diária somada às 4h/a em que faz o curso superior à noite.

As auxiliares de serviço assistiam televisão, pois não tinham merenda para fazer há uma semana. De acordo com informações da SEMEAR entre a licitação, a compra dos produtos e a distribuição nas escolas às vezes há atrasos de alguns dias.

Ao terminarem a cópia, Aline sugeriu que escrevessem o alfabeto e a tia acatou a idéia. Foi então que Wesley gritou:

_ Tia me dá minha tarefa de casa para eu copiar o alfabeto. Eu copio direitinho.

Não pude deixar de lembrar de Vygotsky com sua teoria sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal: o que a criança faz com ajuda hoje, pode fazer sozinha amanhã. Na verdade ela precisava de uma fonte de pesquisa. No caso uma tarefa feita anteriormente, com o auxílio de alguém.

Neste momento a professora lembrou que podiam pesquisar na página 44 do livro. Mas uma das meninas já havia se antecipado. Mas como estes não estavam ao acesso de todos, e alguns tinham dificuldade de dividir como os colegas, o alfabeto foi escrito na lousa pela professora com a ajuda das crianças.

Em um dos lados da sala Rodrigo e Gerson Ariano discutem; em outro Joantina e Thiago não param. A professora resolveu o primeiro conflito e quando se dirigiu a Joana

ela disse que não tinha nada, nada para fazer. E a professora-mãe perguntou pelo joguinho das letras, que ela logo dirigiu a atenção. Thiago tanto fez que recebeu um quebra cabeça para montar em um lugar especial da sala.

Quando me preparava para sair da sala fui informada pela professora que um dos temas da reunião de pais e mestres³⁵ que assistiria na semana seguinte, seria a respeito das tarefas de casa. Estas estavam vindo muito arrumadas, e provavelmente estavam sendo feitas pelos irmãos mais velhos que cuidavam das crianças enquanto os pais trabalhavam fora. Pois não surtiam o mesmo efeito das atividades de sala, segundo observação da mesma.

Infelizmente tive que me retirar porque a tarde já se aproximava do fim e ainda iria viajar 200 km para chegar em casa. Enquanto presenteava meus olhos com o por do sol entre os coqueiros e as dunas que contornavam o caminho de volta, senti uma inusitada melancolia, parece que as crianças daquela escola já ocupavam um significativo espaço na minha vida.

Segunda-feira, 20 de setembro

São 14:15h de uma bela tarde de primavera.

Hoje vinte e cinco crianças estão na sala, os menores estavam nas cinco mesinhas e os maiores em dezesseis carteiras. A decoração da sala se constituía de um cordão com pegadores que chamam de mural, ao lado do quadro verde havia recortes de produtos com rótulos, mas o que mais me chamava à atenção era um saco para letras todo aplicado em tecido com as vogais.

As tarefas também se dividiam pela faixa etária uns copiavam a tarefa do quadro (mais velhos) e os demais receberam a folha mimeografada. As tarefas eram pesquisar, recortar e colar figuras de animais que possuíam penas cobrindo seus corpos, e a outra era para copiar frases do quadro, porém o tema gerador era o mesmo. Era interessante perceber como cada criança ia produzindo de acordo com seu ritmo. Por exemplo, a pequena Joana

³⁵ Na reunião foi entregue as provinhas e os boletins.

recortou uma bela mulher, antes do animal e fez a sua colagem. Outra observação que fiz é que mesmo a tarefa sendo a mesma, o grau de complexidade e exigência era diferenciado.

Priscilla, Yasmin, Gerson e Davi fizeram questão de me mostrar as suas criações. Achei fantástico quando Jefferson corrigiu o seu nome no caderno, é que ele percebeu que a tia tinha colocado um 'f' a menos.

Yasmin por iniciativa própria foi pegar a vassoura, e voltou acompanhada pela auxiliar de serviços gerais que inspecionou a atividade e retornou para a sala da coordenação para assistir a novela "A Indomada".

A professora convidou o grupo que já concluiu a tarefa para limparem a sala, e eles deixaram tudo em ordem rapidamente.

A tímida Ana Carolina silenciosamente colocou o seu caderno na frente dos meus olhos para que eu o apreciasse, confesso que fiquei feliz com a iniciativa dela, já que o tempo todo ficava retraída no seu cantinho. Após ouvir atenta meus comentários, se afastou com um sorriso maroto nos lábios.

No recreio receberam jogos pedagógicos para brincarem: de letras, números, bingos, dominós, e fantoches de dedo. Os que trouxeram o lanche de casa merendaram, os demais ficaram com fome, pois ainda não havia chegado a merenda escolar.

Após o relaxamento, a tarefa era pintar figuras de animais que rimam com Sapo. Ex: pato, rato, gato...etc. cada tarefa pressupõe um ritual: apontar lápis, formar equipes, distribuir as caixas com lápis em cores, tirar dúvidas, atender aos enredos, entre outros. O segundo item da tarefa era para transformar frases de uma letra maiúscula de script em minúscula cursiva. Quando alguns demonstrassem dificuldades, a professora orientou que pesquisassem na fichinha que eles tinha feito no verso de caixas de creme dental.

No final da tarde a realidade era a seguinte: enquanto alguns terminavam a tarefa, os outros, os mais adiantados apanharam seus saquinhos das letras e formavam palavras para

eu ver. Destes, alguns ainda misturavam letras e números³⁶(nível pré-silábico), outros juntavam letras misturadas e tinham até crianças alfabéticas.

A auxiliar de serviço, acho que por não querer ficar no final do expediente começou a arrumar a sala antes da aula acabar, mas tão rapidamente; resolveu parar e esperar.

A correção da tarefa foi feita no quadro, e o nome de cada figura foi escrita em letra de forma (script maiúscula), em seguida houve uma leitura em grupo das palavras: gato, prato, rato pato. Devido o interesse da turma, resolveu colocar outras palavras que não estavam na tarefa, e pediu o auxílio deles.

Iasmin , MACACO

Aline sugeriu SAPATO

No final a professora entregou a tarefa de casa, sublinhando que os bonzinhos sairiam primeiro. A auxiliar de serviço que volta à cena bancando a chefe de disciplina, não se cabia de pressa. E ameaçou a inquieta Elaine de mandá-la para a coordenação.

Às 16h e 45 min a professora começou a explicar a tarefa de casa. A das crianças menores de seis anos tinha três questões. A primeira era para colocar a letra que faltava nos nomes das figuras. A segunda era para colocar as letras do alfabeto nos quadrinhos e a terceira e última era uma pesquisa de palavras que iniciassem com as letras Bb, Gg e Pp.

Elaine continuava com suas peraltices, foi quando a auxiliar de serviço falou que se seu marido não fosse tão chato, a pegava para criar, pois em consequência da mãe dela só viver perambulando pelas ruas é que ela é criada sozinha e por isso não tem limites. E continuou dizendo que não bateria nela só puniria não permitindo que assistisse à televisão sempre que fizesse algo errado. Elaine pediu à professora para ir ao quadro e toda contente apontava as palavras e os demais liam. Enquanto isso a mestra procurava no armário a tarefa dos demais.

³⁶ Sobre este assunto ver AZENHA. Maria da Graça. Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro. Editora Ática: São Paulo, 1998. e GROSSI. Esther Pillar. Didática do Nível Alfabético. Paz e Terra, Rio de Janeiro:1996.

Quando os maiores receberam as tarefas, já não havia mais tempo para explicações, despediram-se e saíram apressados para casa. Assim se deu mais uma tarde na Escola pesquisada.

Na saída os comentários sobre a Elaine, era o tema da conversa entre todos os profissionais da escola.

_ Ela não tem mais jeito, dizia a auxiliar de serviço.

_ É falta de compreensão dizia a professora, o Vagner tem uma vida semelhante à dela...

Terça, 21 de setembro.

Minha recepção foi mais uma vez bastante calorosa!

São 13:00h e as crianças iniciaram mais uma tarde de aula. A novidade é que cada criança carregava além do material do dia-a-dia, um pequeno embrulho com sementes, para utilizarem em uma atividade.

Como era de costume na rotina da sala entregaram as tarefas, e se prepararam para a oração. Foi quando uma mãe adentrou na sala para saber informações sobre o comportamento do filho Geilson, pois seu primo Jeffeson havia dito em casa que ele estava fazendo travessuras na escola. Calmamente a professora amenizou o fato, explicando que era coisa de criança mesmo, pois eram todos muito ativos, mas que não havia nada de anormal nisso.

Fora as salas de aula, o restante da escola permanecia fechada, pois as responsáveis por estes setores ainda não tinham chegado.

_ Tem gente que parece que ainda está em casa, exclamou a professora Lúcia, olhando na porta de sua sala. E continuou: _ como nos comportamos na escola?

_ Quietinhos, fazendo o que a tia manda, responderam em coro.

Ao sentarem na rodinha todos queriam ficar ao lado da professora.

_ A tia está de olho disseram sorrindo algumas crianças.

Ao fazer a chamada viva, concluíram que só faltavam o José Filho e o Wuesley que estava doente.

Ainda na rodinha finalmente rezaram o Pai Nosso, e em seguida cantaram a música do coqueiro alto, após grande insistência de Elaine, além de outras, sempre a pedido, como o trezinho do Chinês, o coração bonito, o anjo da guarda, o pinóquio, a aranha, o jacaré.

As 13:20h a diretoria foi aberta, e chegou também o José Filho.

Agora vamos cantar a música dos animais, orientou a professora. O Ilibum tá, tá , tá

Elaine insistiu para cantar, mas quando foi indicada disse que estava com vergonha. Então todos gritaram vergonha, vergonha...Foi então que a professora entrevistou e convidou a todos para fecharem os olhos. E após cantar uma música de relaxamento, para mudar de atividade é mais uma vez surpreendida por Elaine que cantou a música da aranha faceira.

Todos recebem o nome de um bicho, e quando Elaine tenta cantar outra canção, Aline continua explicando a característica do animal que representava, _ tem pelos e nós o estudamos ontem.

Ana Paula: _ miau, miau.

Ariadne: _ au, au.

Júnior: _ mon...

Fabiola: _ piu, piu.

Ítalo: rugiu como o leão.

Jeffeson: _ relinchou

Joana: _ có, có, có.

José Tavares: _ miau ...

Valdízio: _ bééé

Lúis Davi _ Leão

Arnon: _ mon...

Raiane: _ au. Au.

Aline: silêncio

Ana Claudia: _ mééé

Ana Caroline: _ quá, quá, quá.

Elvis: _ relinchou.

Elaine: finalmente miau.

Fabiana: _ mééé.

Vagner: _ moo

Elaine: _ piu, piu.

Yasmin: _ au, au, au.

Agora vamos lembrar o bichinho que cada um imitou.

Elaine mais uma vez pede para cantar, e a professora aproveitou a oportunidade e cantarolou com a turma a seguinte estrofe:

Pegue a chavinha e feche a boquinha.

O bate-papo que se seguiu foi sobre as sementes que eles pesquisaram e trouxeram de casa. Ao serem questionados sobre o motivo das atividades, alguns disseram que era por conta do dia da árvore. Após distribuir o material necessário todos foram convidados a desenharem uma árvore. E ao instigá-los a dizerem nomes de árvores que dão frutos, obteve o seguinte resultado: abacate, uva, abacaxi, pé de acerola, maracujá, Jaca, caju, goiaba, laranja, banana.³⁷

_ Quem possui estas fruteiras em casa ou na casa da avó?

Priscilla gritou: _ na minha casa não tem disso não!

_ Agora vamos pensar em árvores que não dão frutos.

_ Essa árvore onde a tia Joana coloca o carro dela em frente à escola, falou Aline. Essa árvore só dá sombra.

³⁷ Percebemos que o fato de algumas árvores possuírem os nomes semelhantes a dos seus frutos, faz com que as crianças não façam a distinção entre estes.

O enredo era uma constante, mas a professora chamava a atenção sem perder a calma. que lhe era peculiar.

_ Até a tia Joana vai desenhar, sublinhou tia Lúcia, e todos ficarão admirados como que se perguntando como eu poderia saber desenhar se era adulta.

O desenho que fiz foi motivo de festa e de uma maior aproximação com as crianças.

A princípio quiseram imitar o desenho da tia Joana (modelo), mas depois como já tinham a habilidade fizeram suas próprias obras de arte.

Todas as criações foram coladas num canto da sala. Percebi que alguns fizeram o coqueiro como eu, mas pode ter sido pela influência da vegetação praiana.

Elaine foi à diretoria e não satisfeita com a quantidade de lápis de cor que circulava na sala, pegou algumas caixas por iniciativa própria. Foi repreendida pela ousadia de ser sempre diferente dos demais.

A professora desenhou no quadro um belo cajueiro e escreveu ao lado a palavra ÁRVORE. E fez uma exploração do tema gerador numa perspectiva interdisciplinar, com a ajuda das crianças: _ Quantas letras possui a palavra? _ Quantos pedacinhos tem cada letra? _ Vamos ver as famílias que usamos para formar a palavra?

No final da atividade a auxiliar de serviço entrou e eles voltaram a cobrar a merenda.

Enquanto alguns se dispersavam, Raiana gritou "R" de Raiana tia! A professora então releu a família do "R".

Mostrando a diferença entre "A" e "AR", que respiramos a professora consegue mais uma vez a atenção de todos. Agora é a vez da letra "I" e do "IR" verbo. Então um dos garotos lembrou que se trocasse o lugar das letras formaria "RI" de sorrir.³⁸

³⁸ Era fantástico como bem colocados em situações- problema (mediação), os alunos não só encontravam a resposta correta como faziam novas descobertas.

_ Por fim pediu que pesquisassem na sala um objeto cujo nome se iniciasse com o pedacinho "AR".

Juninho gritou eufórico: _ armário.

Rodrigo então descobriu que no meio da palavra armário tem outro "AR".

Ao concluírem esta etapa, os mais jovens foram convidados a escreverem as palavras do quadro no caderno e os mais velhos a buscarem em seus livros mais palavras que sejam formadas com as famílias de ARVORE.

Recomeçou mais uma vez a peleja dos lápis, uns não trouxeram, outros estavam sem ponta, mas todas as dificuldades foram prontamente resolvidas, pela professora.

Os momentos das tarefas eram sempre empolgantes, mas o barulho e as solicitações de ajuda eram uma constante. Só a tranquilidade da professora fazia com que tudo terminasse bem.

O recreio mais uma vez foi na sala, com jogos pedagógicos confeccionados pela professora.

No segundo período da aula, foi distribuído fósforo para que escrevessem novas palavras com as famílias estudadas, desta vez sem ajuda do livro. O interessante é que cada caixinha tinha o nome de uma criança. Esta atividade os deixou empolgados, e enquanto faziam ouviam no som uma canção sobre a árvore. O que me chamou a atenção é que passavam de uma atividade para outra com muita naturalidade, acho que isso se deve ao fato de ter o mesmo eixo temático. Começaram a explorar a letra da canção que acabaram de escutar na vitrola. Ela era mais ou menos assim:

Uma árvore tão grande, encontrei no jardim.

Só que ela era tão triste, e cantava assim.

Sou uma árvore tão velha, ninguém gosta de mim,

Já dei frutos, já dei sombra, menino olhe pra mim. (refrão)

Não chore amiguinha, vou sempre voltar.

Você não está sozinha, pare de chorar.

No debate que se seguiu, a professora indagou se a canção era alegre ou triste. Quando Fabiana respondeu, explicou como compreendeu o texto.

O diálogo que se seguiu foi o seguinte:

_ Para se plantar uma plantinha na terra, do que precisamos?

_ Tem que molhar a terra. (Ariano)

_ Colocar estrumo (Aline)

_ Precisa de sol (Ana Cláudia)

Ao concluir a professora explicou que iria colocar mais uma música e depois iriam ver a árvore do quintal da escola e que tivesse trazido a sementinha iria plantá-la.

A terra está fofinha agora eu vou plantar.

A minha sementinha, eu tenho que cuidar,

Uma semente de feijão, ela é pequena assim.

Mas se eu não cuidar dela, ela morrerá assim.

Na segunda vez que escutaram a música, já cantaram sozinhos.

_ Agora vamos dramatizar, convidou a professora. E os olhinhos deles chegaram a brilhar.

Ana Priscila colocou a água na terra. Jeffeson colocou um pouco do estrumo que tinha em um saco. Raiane enterrou uma semente de feijão. Neste momento decidiram que fariam com os próprios corpos: E Jeffeson foi ser a semente e ficou deitado na posição fetal. A maioria das crianças viraram os raios do sol. Priscilla faz de conta que agou a semente, que desabrochou devagarinho. O aplauso foi geral.

A culminância se deu no pátio com todos plantando sementes, e o mais interessante foi a forma como dividiram o material com quem não havia trazido. Na despedida selaram o compromisso de visitar diariamente o pequeno pomar.

Quinta, 30 de setembro

Em mais uma tarde de pesquisa na Alto da Cheia, fomos informados que a reunião de pais e mestres prevista para esse dia, havia sido transferida porque os boletins dos alunos não ficaram prontos.

A atividade que as crianças estavam realizando era uma dobradura para confeccionarem um pavão. No quadro estava escrito o nome da ave. O interessante é que a coordenadora da escola estava auxiliando a professora na tarefa.

Aline fez questão de me comunicar que das sementes plantadas só germinou a da Priscilla, que tinha usado um saquinho furado com terra adubada para o plantio. E continuou me atualizando com as novidades, afirmando que Elvis, Iasmim e ela própria estavam lendo tudo.

No intervalo foi aquele corre-corre para receberem o lanche, a merenda era sempre motivo de festa.

No relaxamento, ouviram canções suaves no aparelho de som e montaram jogos de encaixe em grupos. Quando as músicas foram ganhando ritmo foram se levantando para dançar e formando pares naturalmente, sem medo, preconceitos ou vergonha, inclusive Valdízio e Edmar dançaram forró felizes da vida. Rodrigo como sempre assumiu o papel de maestro com dois lápis nas mãos e Joanelha imitava uma bailarina. Um fato curioso é que os meninos mais atraídos pelo movimento optaram na maioria pela dança; já as meninas quase todas preferiram o raciocínio dos jogos pedagógicos.

Quando a auxiliar de serviço trouxe água atendendo a uma solicitação da professora, automaticamente correram todos para a fila. Refrescados, recolocaram os jogos nas caixas e voltaram para os seus lugares.

No final da tarde fizeram uma visita ao pomar e com o pavão em punho encerraram mais um dia de atividade.

Refletindo o Observado

Na verdade a investigação nos leva a descobrir gestos, resoluções e práticas que geralmente passam despercebidas. Neste segundo mês de registro do dia a dia de uma turma de crianças, temos mais algumas considerações a fazer:

1. Observamos que em alguns momentos, funcionam três turmas em uma mesma sala. Na verdade o trabalho por níveis de desenvolvimento, que ela mostra conhecer, disputa espaço permanente com a tradicional seriação. Inclusive em duas das conversas de explicitação que tivemos, ela verbalizou que sente dificuldades para atuar em uma classe de crianças com idades tão distintas, já que no outro turno sua turma é seriada. Mas como é uma necessidade da comunidade, vale a pena o esforço. Uma outra reclamação dela é com relação às orientações, pois precisa somar o que recebe para a educação infantil (como cursos, materiais didáticos, planejamentos) com o das séries iniciais do ensino fundamental, já que nem as supervisoras da SEMEAR referem-se à multisserie.
2. O trabalho com o concretô, especialmente com o corpo, quando realizava atividades envolvendo a escrita de palavras ou números, e explorava além do sentido as quantidades contidas em cada uma, facilitava por demais o desempenho das crianças. Ao invés de utilizar as tradicionais caligrafias, a professora pedia que as crianças fizessem as letras e os números usando o próprio corpo, em outros momentos propunha que escrevessem com o dedo na areia do pátio ou usassem tubos de desodorante cheio de água para escreverem na área descoberta, onde o sol e o vento funcionavam como apagadores a cada etapa da atividade concluída.
3. Havia uma explícita preocupação de Vênus em fazer com que as crianças compreendessem a função social da leitura e da escrita, facilitando assim a compreensão de algumas mensagens. Até porque para muitas daquelas crianças alguns portadores de texto servem apenas para embrulhar as compras nos dias de feira.

4. A clara confusão no trato da educação para autonomia, quando solucionava algumas pequenas indisciplinas com sanções expiatórias (castigos, ameaças...) e outras com o incentivo a cooperação,³⁹ deixando claro que este é um tema que merece atenção no programa formação em curso.
5. A oportunidade dada igualmente a todas as crianças de irem ao quadro verde ou de expressarem suas idéias e desejos, sem sombra de dúvida é uma variável que contribui diretamente para o fortalecimento da auto estima destes pequenos cidadãos. Principalmente porque quando um não consegue resolver sozinho a situação-problema, os demais se põem prontamente em seu auxílio, confirmando assim que esta é uma prática habitual na turma.
6. A presença constante de atividades que exigem pesquisas em livros, revistas ou mesmo em outras fontes, mesmo enfrentando a escassez de material, já que, para o Governo Federal, livro só após a idade da razão, mostrou-se extremamente prazeroso e estimulante para os educandos.
7. O cuidado de, usando, na maioria das vezes, o mesmo assunto, cobrar dificuldades diferenciadas na resolução das tarefas propostas.
8. A naturalidade com que compartilhavam o material mesmo tendo que esperar muitas vezes que o outro terminasse de usar, somado à leveza com que tornavam a arrumação dos espaços utilizados parte das atividades, também me chamou a atenção.
9. Transformar o pátio em um laboratório natural para a experiência com as plantinhas, e acompanhar com seriedade todas as etapas do processo foi uma idéia genial.
10. A ausência de preconceitos com relação ao gênero demonstrada na naturalidade em que meninos dançavam o forró alegremente, vem a reforçar a nossa

³⁹ Sobre o tema a formação da autonomia moral da criança na escola, consultar a dissertação de mestrado de RABELO, Maria Lucimeire, UFC (2000), que em síntese, diz que a escola pode contribuir significativamente para a formação de crianças e jovens mais investigadores e autônomos, porém, para tanto, precisa transformar-se em um espaço de relações democráticas.

desconfiança de que somos realmente nós os adultos que os contaminamos com preconceitos de toda ordem.

11. No tocante à professora observada, percebemos que apesar de apresentar inúmeras limitações no que diz respeito a formação do juízo moral das crianças; colocava-se na maioria das situações de forma afetiva e comprometida em contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento de todas as crianças. Mesmo fazendo questão de deixar claro que não recebe orientação específica para trabalhar com turmas multisseriadas e que a sua prática é resultante de uma adequação que faz somando as suas experiências com as teorias aprendidas nos cursos que faz.

Quarta, 06 de outubro

Estávamos em pleno horário de verão, e ainda não havíamos nos acostumados com a novidade. As crianças aguardavam eufóricas o filme uma aventura na África, atividade que ainda fazia parte da tela de sucessos⁴⁰ da semana da criança.

A coordenadora fez questão de explicitar sua insatisfação com o excessivo número de reuniões promovidos pela SEMEAR na sede do Município: 6ª feira (Educação Infantil), 3ª feira (Ensino Fundamental I) e 4ª feira (Ensino Fundamental II - telensino), como as professoras ou trabalhavam com multisseriadas ou com turmas diferentes em dois turnos, tinham que deixar as atividades da escola mais de um dia, prejudicando o andamento dos trabalhos.

Enquanto o filme não começava, as crianças fizeram uma memória do grupo, e falaram do álbum que estavam confeccionando sobre as brincadeiras que mais gostavam. Descobriram então que, antes do filme, haveria um festival de desenhos do pica-pau, ficaram atentos e riram o tempo todo. Viram o filme e após o lanche brincaram com balões coloridos.

⁴⁰ Elenco de filmes escolhidos especialmente para serem exibidos na Semana da Criança

Quinta, 28 de outubro

Neste dia, ao chegar à escola, encontrei as crianças colecionando suas tarefas e grampeando com a ajuda da professora. Percebi um clima diferente, era quase de euforia, foi então que me informaram, aos gritos, que Juninho estava fazendo seis anos e por isso sua mãe traria um bolo para cantar os parabéns na sala.

De repente entra Vagner (7 anos) literalmente rebocado pelas duas auxiliares de serviço, que em alto e bom tom pedem a professora que não o mande mais apanhar nada na coordenação, pois segundo elas não entendiam nada que ele falava. O olhar de constrangimento da criança me marcou profundamente.⁴¹

A sala estava decorada com novas faixas com o nome das crianças e com novos jogos pedagógicos confeccionadas pela professora. Ela pediu as crianças que tinham o livro para abrirem na história da Emília, do Sítio do pica-pau amarelo do Monteiro Lobato, contou a história e pediu as crianças para procurarem e sublinharem a palavra vovó. Obviamente que em grupos, já que os livros eram insuficientes.

Na hora do lanche, finalmente chegou o esperado bolo, acompanhado por refrigerantes. Um círculo se fez e todos ficaram atentos, enquanto a coordenadora colocava a vela. O silêncio só foi quebrado quando começaram a cantar um animado parabéns, suas faces pareciam iluminadas de satisfação. Sem que ninguém mandasse, correram para a fila dos cumprimentos, mas tiveram que esperar enquanto o aniversariante entregava os primeiros pedaços para a professora e para a tia Joana.

Ao final da festa me despedi e viajei.

Refletindo o Observado

Realmente a investigação nos obriga a ter em conta a diferença e a diversidade. É isso que nos permite captar as atitudes racistas e discriminatórias, e, por outro lado, as solidárias e afetivas. Esta etapa me fez repensar sobre a ética na pesquisa. Até que ponto, na

⁴¹ Como ficava difícil como pesquisadora abrir uma discussão sobre o ocorrido sem provocar mais constrangimentos, decidi sugerir que a questão das "diferenças" fosse também estudada no Programa de Formação, pois envolveria todos os profissionais da escola.

nossa posição como agente externo, temos o direito de interferir diretamente em situações que consideramos injustas. No entanto acho pertinente pontuar algumas questões:

1. Trabalhar com as crianças, tanto a cultura padrão através dos filmes, como a cultura popular, ao resgatar as brincadeiras e canções folclóricas é dar ao currículo real um tom que atenda às necessidades de aprendizagem das crianças.
2. A forma desrespeitosa e discriminatória com que as profissionais de apoio trataram o pequeno Wagner, e o constrangimento que senti ao perceber que ninguém iria reprová-las deixou-me num grande conflito. Confesso que o olhar de descontentamento daquela criança, que queria apenas ser útil como os demais pegando um material para a professora, acompanha-me até hoje. Porém já coloquei o tema na relação de encaminhamentos que farei a coordenação geral do curso de formação e a SEMEAR, após a conclusão deste trabalho para compor os temas que ainda serão estudados pelos alunos-professores, nos encontros de mediações da ADS e no acompanhamento pedagógico das supervisoras às escolas.
3. Contraditoriamente nunca pensei em ver tanta familiaridade e afetividade nas relações cotidianas de uma escola, principalmente nesta turma que era a dos caçulas. Parecia até que conheciam os estudos de Wallon sobre a importância da afetividade para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.
4. A forma centralizadora com que técnicos da SEMEAR determinaram as datas dos encontros, mais uma vez desconsiderando que existem as multisséries obrigando assim professores a se deslocarem até duas vezes na mesma semana para a sede, deixando as crianças aos cuidados de outros funcionários ou até sem aulas quando não havia quem ficasse com os mesmos. Desrespeitando inclusive um princípio básico da gestão que era só suspender aulas em casos de extrema necessidade. Para evitar tantas suspensões nas aulas é que o Município criou em cada escola a Hora do Encontro, para estudos semanais e os calendários anuais (regulares e de safra), onde deveriam constar a previsão de todos os encontros e reuniões.

5. Detectei que havia uma forte ligação por laços de amizade ou parentesco entre alunos e professores e entre estes últimos e os demais servidores da escola. Isto se por um lado é bastante rico por facilitar o envolvimento de todos com as questões relevantes da comunidade educativa; de outro se torna por demais perversa quando colabora com o corporativismo, levando um professor a permitir que um colega de trabalho exponha uma criança a situações constrangedoras, porque é um vizinho ou mesmo parente, como ocorreu diversas vezes com a pequena Elaine ou de uma forma mais grave com o menino Vagner.

Quinta, 18 de novembro

Nesta tarde quente do verão aracatiense só não estava mais quente porque a escola em observação recebe a brisa vinda da praia de Majorlândia.

Cheguei quase na hora do lanche, e mais uma vez a merenda havia acabado.

Wesley veio me mostrar que no livro que herdou de seu irmão o pai tinha encontrado uma bela história.⁴²

Aline também me abordou para dizer que na minha ausência desenhara muitas historinhas.

Quando perguntei por Elaine, a colega Aline respondeu que faltara porque era uma menina de rua. Quando indaguei por que? A resposta desta vez veio em coro: _ é menina de rua, porque vive na rua.⁴³

Após o recreio e o lanche de alguns, as crianças receberam jogos pedagógicos e foram brincar em grupos. Wesley, Yasmim, Fabiana e Ana Carolina divertiam-se muito formando palavras novas no bingo de letras. Quando mudei a seqüência das letras de

⁴² Era interessante como o fato de serem distribuídos livros didáticos somente para as crianças em idade de 1ª série, fazia com que os demais sentissem desejo de possuí-los também.

⁴³ Percebi então que atitudes discriminatórias com relação a pequena Elaine, não era mais um "privilegio" apenas dos adultos da escola.

"MALA", Yasmim gritou eufórica formou "LAMA". Foi ai que Aline disse com firmeza: _
nós já sabemos ler!

Na hora da Higiene bucal, a diretora fez a fila e todos receberam o flúor para fazer bochecho.

Ao travar mais uma conversa com a professora Vênus, para explicitar alguns fatos e atitudes observadas no processo alfabetização das crianças, fui informada que no intervalo entre a minha última visita e a atual (doze dias), muitas crianças começaram a ler, e que ela havia confeccionado uma ficha para cada uma delas. Foi então que compreendi porque não se cabiam de vontade de me mostrar de diversas formas que liam e escreviam.

A ultima hora da tarde letiva foi dedicada ao exame de audição, já que o de vista fizeram na semana anterior, que os profissionais da escola estavam realizando nas crianças com a orientação do MEC.⁴⁴ Na verdade o motivo deste exame segundo a diretora da escola, é que o governo quer diagnosticar se as crianças que não se alfabetizam nas 1as séries estão com alguma deficiência física.⁴⁵

Após o exame receberam a tarefa de casa, ouviram as explicações e se despediram.

Neste mesmo dia tive uma conversa de explicitação também com a coordenadora, D. Ísis que fez questão de me explicar que o problema da multisserie estava próximo de ser resolvido por que a Fábrica Da Fruta estava construindo uma creche para os filhos dos funcionários. Fez questão de me comunicar com orgulho também que no final de semana anterior o "Programa Prefeito nos Bairros" havia contemplado a comunidade com um dia todo de atendimento de todas as secretarias (atividades assistenciais) e a inauguração de uma quadra de esportes.

⁴⁴ É impressionante como o professor virou um faz tudo, até uma audiometria que é própria do fonoaudiólogo e o exame de vista do oftalmologista é obrigado a fazer, utilizando os kits e as instruções que recebem do MEC.

⁴⁵ Assistimos mais uma vez a transferência de responsabilidade para o educando do fracasso do sistema de ensino.

Refletindo o Observado

A investigação etnometodológica nos obriga a relativizar as evidências do senso comum. Cada ator costuma buscar uma boa maneira de exercer o poder, de expressar os sentimentos, de negociar, enfim de avaliar. Porém cabe ao pesquisador procurar reconstituir com maior fidelidade possível às tramas e as relações cotidianas. Deste podemos fazer os seguintes comentários:

1. Constatamos o quanto a falta da merenda influi nas atividades pedagógicas da sala. Como já sabemos, com fome não há concentração.
2. O fato de Elaine ser de família desestruturada segundo a própria professora, e passar o dia nas ruas, é uma criança muito trabalhosa. E pela forma como os colegas se dirigiram a ela, como menina de rua, me fez concluir que isto já está incorporado no imaginário coletivo da comunidade educativa como um todo. Porém percebi que da parte de Vênus um certo esforço para trabalhar com ela as regras de convivência no grupo.
3. O desejo das crianças em mostrar que já sabiam ler, veio reforçar a minha desconfiança de que se apropriar da leitura e da escrita, e extremamente importante, para os filhos da classe trabalhadora.
4. As atividades compensatórias como exames de vista realizado por leigos, com equipamentos inadequados, tentando camuflar a falta de garantia de direitos básicos como saúde e educação. As crianças não se alfabetizam não é por carência de lentes, mas sim por falta de uma política séria e consistente que lhes garanta acesso e permanência com sucesso na escola.
5. Vi com muita simpatia a colaboração da coordenadora da escola nas atividades com os alunos. Por várias vezes ajudou a professora Vênus no acompanhamento individual das atividades das crianças em sala, contribuiu na organização das atividades recreativas e nos eventos festivos e assumiu a regência de duas turmas quando as professoras precisaram se deslocar para a sede por ocasião de reuniões com a equipe técnica da SEMEAR.

6. No que diz respeito a formação da professora em questão, em inúmeras ocasiões tive a oportunidade de constatar a dificuldade que o educador ainda enfrenta no trato com o 'diferente'⁴⁶. Ou seja ainda temos muito arraigado em nós o protótipo do aluno ideal, e quando experienciamos situações em que nos defrontamos com crianças provenientes de famílias diferentes do que idealizamos como estruturadas, acreditamos que são menos capazes ou inferiores as demais. E nisso justificamos a nossa incompetência para trabalharmos com o diferente.

Segunda, 06 de dezembro

As 13:00h cheguei a escola do Alto da Cheia, iluminada novamente pelo forte sol da tarde aracatiense. Era Segunda-feira e as crianças estavam ansiosas por aula. No bate-papo da rodinha da acolhida foi feita a chamada viva. Faltaram a Fabiana, o Vagner e a Joana. Em seguida fizeram a oração e cantaram a canção do anjinho da guarda. Aproveitando o momento ensaiaram a canção da festa do natal.

Após o recolhimento das tarefas de casa, todos receberam um papai Noel xerografado para completarem o desenho e realizarem uma pintura. No decorrer da atividade uma vozinha quebra o silêncio: _ tia vai Ter merenda? Era Valdísio que já estava sentindo fome. Com pesar a tia respondeu: _ infelizmente não, mas logo depois a merendeira veio avisar que ainda havia um pouco de mantimento para fazer o lanche da tarde. O "oba, oba" foi geral!; Ana Lúcia empolgou-se tanto que finalmente tirou o dedo da boca. Yasmim e Aline concluíram sua arte e vieram olhar para a caneta que eu usava para fazer os meus registros, é que ela tinha uma carruagem que subia e descia de acordo com a posição que colocava, então fizeram questão de registrarem seus nomes, em meu caderno. Valdísio viu o celular na sala da coordenação e resolveu me investigar sobre seu uso. Procurei atender a todos!

Após o recreio, no círculo cada criança recebeu uma letra do alfabeto. O Objetivo da atividade era levar as crianças a entenderem a seqüência das letras no alfabeto. A

⁴⁶ Uso o termo 'diferente' para representar características de indivíduos que social, cultural e psicologicamente estão fora dos padrões de normalidade existente no imaginário da nossas comunidades educativas.

professora disse: _ a tia Joana é o "S", e todos vibraram. Foi um jogo bastante empolgante para todos.

Às 16h as crianças menores foram liberadas e as de sete anos puderam receber atenção especial no que se refere à leitura. É que no ano seguinte as demais permaneceriam na mesma turma, mas estas passariam para outra turma e uma nova professora.

Terça, 07 de dezembro

São 13 horas e 30 minutos, de uma terça-feira véspera do feriado de Nossa Senhora da Conceição. A atividade do primeiro tempo de aula foi um treino ortográfico. No quadro estavam as letras do alfabeto escritas aleatoriamente. Quando a professora ditava as palavras e eles tinham alguma dúvida na escrita pesquisavam no quadro verde. No decorrer da atividade a merendeira chegou na porta, e Valdízio indagou: _ tem merenda? Ela balançou a cabeça e saiu, e ele meio desapontado continuou fazendo sua atividade. _ Agora a palavra é sabido, disse a professora. SA de sapo, BI de bila e DO de doce. Todas as palavras, foram corrigidas no quadro, e foram escritas com as letras cursiva e de *script*, e foi uma gritaria. Uns diziam o meu está igual a esse (*script*), e outro falava o meu é igual a esse outro (cursivo), e assim foi até a conclusão de todas as palavras. A oportunidade de confrontarem a sua escrita com a do quadro foi muito rico e possibilitou muitos conflitos cognitivos e descobertas.

Para relaxarem, receberam lápis de cera para fazer uma pintura natalina, a agitação do final de ano e o cansaço já começavam a se fazer presente naquela turminha.

Na hora do lanche só quem trouxera de casa se deliciava enquanto os demais ou pediam um pouco ou procuravam controlar a fome.

No segundo tempo jogaram com um baralho que possuía metade de figuras e pedacinhos de palavras, para serem completadas por outras cartas. Os jogos sempre eram um sucesso.⁴⁷

⁴⁷ Sobre esta temática ver VYGOTSKY (1994)

Refletindo o Observado

Ao concluir esta análise posso afirmar com toda segurança que pesquisar o cotidiano da escola nos faz no mínimo instigados a lutar para desconstruir o que está posto e fazer uma sociedade melhor. Mas ainda quero sublinhar algumas questões que considero relevantes:

1. Encheu-me de entusiasmo conviver com a magia de uma comunidade de pequenos cidadãos tão puros, criativos, construtivos e principalmente felizes, em pleno processo de desenvolvimento e aprendizagem, tendo o lúdico como um dos principais instrumentos desencadeadores desses processos.
2. Paradoxalmente doeu como uma faca cortando a minha carne ver que a burocracia e a falta de respeito às comunidades escolares, faz com que algumas crianças fiquem mingando uma porção de comida àquelas que são um pouco menos marginalizadas que elas.
3. Que sem dúvida sopram bons ventos na formação do educador de Aracati, pois o cotidiano da escola estudada possui em muitas de suas iniciativas, princípios sócio-interacionistas e críticos-reflexivos, que fazem parte da abordagem teórico- metodológica do Programa de Formação dos Professores em Ação. No entanto temos clareza de que estão apenas engatinhando nesta caminhada tão árdua que é a construção de uma práxis pedagógica verdadeiramente emancipatória e revolucionária. Os maus ventos do arcaico e do tradicional, que aprendemos em nossa formação inicial, brigam constantemente com a possibilidade real de construção do novo.

A seguir, destaco, ainda, pontos que considero relevantes das conversas de explicitação com as professoras da escola observada sobre questões relevantes como: projeto pedagógico, currículo, formação em ação, planejamento e avaliação.

- O projeto pedagógico

A visão teórico-metodológica construtivista esteve presente em muitos momentos das nossas observações, inclusive na discussão e elaboração do Projeto Pedagógico da escola. Sem dúvida sem esta, não teria sido possível construir este projeto junto com a comunidade educativa.

Outro fator bastante presente em todas as atitudes e ações é, a vivência cooperativa da comunidade. Vejamos o que nos diz sobre isso a professora Vênus (1999) em seu diagnóstico da escola:

O nosso Projeto Pedagógico foi elaborado pelos professores, coordenadora e conselho escolar. Procuramos seguir a linha construtivista, com orientações de a SEMEAR, atingindo melhores resultados na aprendizagem.

A escola deve ser acolhedora, prazerosa e que forme o cidadão com a participação de todos.

As festas e reuniões são feitas com o apoio dos pais e alunos. São realizadas nas datas comemorativas mais significativas com frequência de dois em dois meses,

Quando convocam mutirões de limpeza, todos ajudam em prol do bem comunitário.

- O currículo

Ficou explícito em atitudes e palavras que existe uma grade curricular oficial, vinda da SEDUC, onde constam a carga horária, o leque de disciplinas obrigatórias, a parte diversificada e os dias letivos. Fomos informadas também que todos os professores receberam os Parâmetros Curriculares Nacionais e chegaram a estudar alguns volumes com o apoio do GT Alfa.

No entanto, a orientação que os professores recebem das supervisoras tem como norte uma concepção teórico-metodológica construtivista, e isto lhes permite fazer do currículo real algo vivo e dinâmico.

Um fato que veio a confirmar a hipótese inicial de que os Parâmetros Curriculares Nacionais não haviam sido incorporados pelos professores, é que no diagnóstico das professoras da escola investigada, bem como das demais, em momento algum houve qualquer referência a estes, quando falavam do currículo ou das orientações pedagógicas.

No caso da turma observada o interessante é que a professora sempre se referia as duas orientações recebidas, uma para a educação infantil e outra para o ensino fundamental, porém quando colocou no papel, só apareceu a referência ao segunda.

Na verdade comungo com Kramer (1994) quando denuncia que os currículos precisam ser produzidos por aqueles que irão colocá-los em prática:

A imensa distância existente entre aquilo que se produz academicamente sobre a escola (o que se sabe sobre ela) e a escola concreta só irá implodir quando todos-aqueles-que-em-escolas-trabalham reconhecerem que as palavras não podem ser concebidas fora das vozes que as pronunciam. Em síntese: cada palavra carrega a questão da autoridade e da autoria, o que implica considerar os professores como sujeitos sociais do seu trabalho, sujeitos que podem conquistar sua autoridade e sua autoria. O grande desafio de nossa escola básica se tornar uma escola pública popular passa pela compreensão de que novas propostas, novas alternativas curriculares não são simplesmente implantadas, mas coletivamente construídas(1994:191).

Ou seja, enquanto adotarmos propostas elaborados por técnicos muitas vezes importados, que não conhecem a realidade das escolas, ou mesmo nunca entraram numa sala de ensino básico, jamais teremos um currículo que verdadeiramente possa ser implantado pelos nossos educadores.

- A formação em ação

Embora a formação do educador de um modo geral prenda-me a atenção, desde a primeira monografia que escrevi elegi a temática da formação em serviço como foco principal, por entender que é ela que mantém o educador atuante, sintonizado e

permanentemente renovado. As leituras de teóricos como Donald Schön e Alarção (1995) deram-me subsídios para compreender a importância do educador ser um pesquisador das suas próprias ações e das ações de seus alunos, vieram também reforçar a minha desconfiança de que é necessário o educador intitular-se um aprendiz vitalício e buscar incessantemente investigar e fundamentar o seu que fazer cotidiano.

O orgulho com que os alunos -professores falam da Formação em Serviço e exibem os textos e apostilas que carregam a tiracolo, como se fossem troféus, é algo extraordinário:

Todos os professores participam de cursos de aprofundamento, aprimoramento, seminários e planejamentos fornecidos pela SEMEAR. E agora estamos cursando a Faculdade de Pedagogia e o curso de educação à distância da Fundação Demócrito Rocha. Somos professores atuantes, ativos e voltados para uma educação de boa qualidade.

(Professora Vênus, 1999)

- O planejamento

Penso que já existe um esforço por parte da equipe do GT Alfa em fazer um trabalho de supervisão reflexivo, pois segundo as professoras da escola estuda, o planejamento ocorre na sede do Município, pois fazem parte da região 7. Na ocasião cada escola apresenta uma experiência que se destacou naquele mês, e isto provoca uma rica e construtiva construção coletiva.

No período da tarde retornam as escolas de origem e fazem o plano da unidade, que registram nos cadernos. Até porque cada escola e até cada sala apresenta especificidades e ritmos próprios. Vejamos o que relatou a professora Vênus (1999):

O planejamento é feito mensalmente, organizado pelo GT &, em forma de troca de experiências, com participação dos professores e registrados nos cadernos de planos. Os planejamentos nos orientam, dão idéias que nos ajudam a aplicarmos os conteúdos na sala de aula.

(Professora Vênus, 1999)

- A avaliação

Quando conversei com a professora Vênus e a coordenadora Ísis sobre o processo de avaliação fui informada que na semana dividiam a turma ao meio o pré ficava com uma e a 1ª série com a outra para fazerem as provinhas. Porém foi impressionante como souberam precisar o crescimento e as dificuldades de cada um nominalmente. Parece que pela farta convivência comunitária conhecem profundamente as crianças, e só fazem provinhas para dar uma satisfação aos pais. Até porque só os mais velhos irão mudar de sala. No ano seguinte os do pré-escolar é que se responsabilizarão pelos rituais de iniciação à escola dos pequenos novatos. Como nos lembra Freitas (1994):

O poder dos testes e exames para afetar indivíduos, instituições, currículos é um fenômeno perceptivo: se os estudantes, professores ou administradores acreditam que os resultados de um exame são importantes, importa pouco se isso é realmente verdadeiro ou falso - o efeito é produzido pelo que os indivíduos percebem ser
(1994:271)

CAPÍTULO 3

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ARACATI ESCRITA PELOS EDUCADORES

Este capítulo parte da percepção que tive da importância do lúdico e do belo na formação da sociedade aracatiense e chega a história da educação do município contada através das narrativas dos seus educadores.

3.1 O riso como princípio educativo

Recorro a uma narrativa da mitologia clássica como metáfora para discorrer sobre uma temática tão esquecida pelos nossos teóricos e educadores que é a alegria na escola, da qual nos falou Snyders (1998)⁴⁸.

Acredito que os antigos nos ensinam com suas histórias e seus arquétipos a nos contrapor à racionalidade técnico-instrumental tão presente no cotidiano das nossas escolas, quando possibilitam nos reportar a uma época em que a inteireza preponderava na relação homem-natureza-cultura, a ponto de em muitos casos confundirem-se em sua definição. Poetas e romancistas com seu poder criador falam-nos de um mundo fascinante onde realidade e magia somam-se para retratar representações coletivas, valores e crenças de sociedades que nos antecederam.

Segundo Larossa (1998), ri-se muito pouco na escola. O que ocorre na realidade é que mesmo passado quase um século da origem do campo do currículo no Brasil, quando os escolanovistas inspirados nas teorias progressistas dos americanos Dewey e Kilpatrick anunciaram a boa nova de uma organização curricular centrada no domínio do saber sistematizado e nas experiências da criança, que se propôs a superar as limitações da antiga tradição enciclopédica jesuítica; quando paradoxalmente, já se fala na superação da pedagogia crítico-social dos conteúdos, da educação popular e da teoria crítica do currículo

⁴⁸ Sobre esta temática ler SNYDERS, George. *A Alegria na Escola*. São Paulo: Manole, 1988 - LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Contra*Bando, 1998 e ESTHER, Pillar Grossi (org). *Paixão de Aprender*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1992.

pelos desconstrutores pós-modernos, ainda insistimos numa prática curricular onde se fragmenta dimensões indissociáveis na aprendizagem como cognição e afetividade.

Esther Grossi (1992), em seu artigo *Só ensina quem aprende*, defende que a aprendizagem é resultado da combinação de quatro elementos básicos: ORGANISMO, CORPO, INTELIGÊNCIA E DESEJO. Porém, como será possível tornar a escola um espaço de desejo, sem brincadeira, fantasia e riso impregnando todas as iniciativas? Penso que um dos principais entraves a construção de uma escola viva, que realmente atenda as expectativas de sua clientela está em orientar o fazer pedagógico por um currículo prescritivo elaborado pelos órgãos gestores do ensino com seus consultores que muitas vezes nunca pisaram numa sala de aula-brasileira, e por não considerarem as características culturais do nosso povo, o estruturam de forma que o riso ocupe os espaços delimitados para o ócio e o entretenimento, não se contrapondo assim ao sério, ou seja, ao normativo. Um exemplo muito claro disso são as aulas sisudas de matemáticas e a alegria dos pontuais eventos festivos.

É em Dioniso, filho do grande Zeus, Deus do vinho e da alegria, que a todos encantava com sua característica ambigüidade, que vamos pela primeira vez ler sobre a importância da não cisão de dimensões inseparáveis do ser como alegria/tristeza, corpo/alma, pensamento/linguagem, sagrado/profano e vida/morte. Era a divindade mais querida e admirada do Olimpo, tanto que conseguia reunir em um mesmo lugar, por ocasião de suas pomposas homenagens, atores, poetas, cantores e muitos outros admiradores, dando origem às primeiras manifestações teatrais. Diz a mitologia que este admirado soberano contraditoriamente era também um sofredor. Pois a cada inverno quando as vinhas eram podadas, morria um pouco, e hibernava durante toda a estação fria, para renascer bela e frondosa ao raiar a primavera.

Como Baco, precisamos nos livrar das amarras ditadas pelos currículos "oficiais", que só contribuem para fragmentar e entristecer cada vez mais o nosso fazer pedagógico, antes que as máscaras dionízicas sejam sepultadas para sempre das nossas escolas, enterrando assim a possibilidade de fazermos do currículo ativo um misto permanente de brinquedo/estudo, jogo/trabalho, pensamento/linguagem e ciência/cultura.

Felizmente em minha pesquisa posso registrar uma experiência onde os conteúdos próprios da formação inicial e/ou em serviço buscam misturar-se cada vez mais com a arte, a boniteza e o riso. Em Aracati, a alegria da ação criadora encontra-se estampada nas paredes, através dos belos azulejos portugueses, na arquitetura colonial de casas e igrejas, na areia vermelha das praias e principalmente na atitude das pessoas do lugar. Tenho duas hipóteses para este fato, porém investigá-las não é o meu intuito neste momento. De um lado temos a sua origem histórica, como porto de mar acessível, relativamente próximo a Recife e a Salvador, tornou-se o pulmão da economia colonial da Capitania, cuja riqueza era, em maior parte, por ela transitada, mesmo antes de ser elevada à Vila (já na primeira metade do século XVIII).

Segundo Girão (1989):

Atraídos pelo seu desenvolvimento, logo convergiu para o Aracati um número considerável de forasteiros); população esta oriunda não só da própria Capitania, como também das Capitânicas vizinhas, entre eles colonos portugueses e de outras nacionalidades, que ali passaram a desenvolver suas atividades; "dando lugar a que o comercio, não só de charque, como de couro salgado de boi, vaqueta, couro de cabra e pelicas brancas, se desenvolvesse de modo assombroso, transformando em pouco tempo a face do humilde arraial que tornou um dos mais procurados e populosos daquelas eras da então capitania".

(...) A riqueza e o contato com as gentes mais civilizadas fizeram dos aracatienses os homens mais notáveis da Capitania, não só no trajar, nas artes, nas letras e nas ciências, mas nos negócios. Ser natural de Aracati representava, na época, uma legítima carta de apresentação (1989:65).

Por outro lado temos a recente ruptura política, com uma oligarquia que comandou com mãos de ferro aquelas terras por décadas, que sem dúvidas abre grandes possibilidades de gestação do novo. Hannah Arendt (in Larrosa, 1981) sublinha que o novo sempre aparece na forma de milagre. No caso do Município pesquisado percebemos que este milagre vem sendo construído cuidadosamente por gestores, educadores, artistas, entidades

representativas e demais colaboradores, com a genialidade e cuidado com que as velhas rendeiras tecem suas peças de labirinto.

Ao chegarmos à Aracati deparamos-nos com um povo solidário, lúdico e aberto às dimensões de um mundo em transformação. Logo nos primeiros encontros com o grupo de trabalho da SEMEAR e comunidades educativas, sentimos que têm uma vontade enorme de criar e uma grande determinação em buscar caminhos que gestassem o novo. Nas atividades que propusemos durante o processo de discussão e elaboração do Plano Municipal de Educação, e nos desdobramentos que ocorreram desta etapa, sentimos muito presente nas ações dos aracatienses um gosto especial pelas "artes" e pelo lúdico. Foi surpreendente ver em muitas escolas públicas a rádio escolar, a capoeira, a dança, a flauta, o teatro, o coral, a literatura de cordel, o tênis, que até então me parecia esporte de elite, ensinadas por pessoas da cidade e ou de outras regiões que ali chegaram atraídos pelas maravilhas naturais do lugar, e pelas perspectivas que o novo momento político possibilitava.

Ao sermos convidadas a participar do grupo chamado provisoriamente de *ações complementares*⁴⁹, tivemos contato com os profissionais de todas as áreas acima citadas, bem como, do desejo destes de junto com a equipe do GT Alfa⁵⁰ darem uma conotação diferente à arte e a cultura na educação. Como citei anteriormente, o sentimento de todos é que os artistas tornassem mais educadores e os educadores mais artistas, daí nasceu o sonho coletivo de fazer da *escola um centro de recepção, produção, e irradiação de saber e cultura na comunidade e do processo educativo uma base para o desenvolvimento integral do sujeito*, este conceito serviu de norte para batizarmos o grupo em *Círculo de Desenvolvimento Pedagógico* e em seguida canalizarmos nossas experiências e desejos na direção da elaboração de um grande projeto coletivo, que se integra arte, esporte, cultura e educação. Nasceu então o Projeto Zumbi dos Palmares hoje Zumbi de Aprendizagens⁵¹, que seria apreciado por ocasião do I Seminário Latino Americano promovido pela rede de aprendizagem da Fundação Kellogg, obtendo sucesso entre 300 projetos analisados.

⁴⁹ Grupo que deu origem ao Projeto Zumbi de Aprendizagens, que teve como precursor uma experiência associativa vivenciada em um dos assentamentos do Município de mesmo nome.

⁵⁰ Grupo de Apoio e Acompanhamento Pedagógico da SEMEAR, junto as escolas.

Com os recursos provenientes desta iniciativa, foi possível ampliar para as demais escolas municipais, o Programa de Ações Esportivas e Culturais, o Sistema de Comunicação Escolar, bem como, somar-se a outras iniciativas exitosas como o Projeto Recicriança⁵² e o Programa de Formação de Educadores em Serviço, entre outros.

Na verdade o grande objetivo do Círculo de Desenvolvimento das Aprendizagens é integrar programas, projetos e ações pedagógicas em andamento na rede municipal de educação. Compreendendo educação como atividade intersetorial por excelência, o *círculo*, que tem como símbolo o *espiroíres*⁵³, objetiva ainda propiciar a articulação com todas as áreas do governo municipal, buscando sempre o trabalho conjunto com as demais secretarias da estrutura administrativa.⁵⁴

Como é um projeto que ainda está dando seus primeiros passos, acho precipitado fazer aqui análises de resultados, até porque não é essa a nossa intenção ao citá-lo, porém não poderia omiti-lo já que ele tem entre seus princípios a formação do educador-artista.

Na verdade temos clareza que a arte e a cultura jamais serão servidos compondo os ingredientes do prato principal nas escolas, se os nossos educadores não as compreenderem como um princípio educativo. O Programa de Formação de Educadores em Serviço, já empreendeu significativas iniciativas neste sentido: 1) reorganizando a grade curricular das disciplinas, colocando a Arte Educação e a Produção Textual como abre alas do curso e as demais oferecidas atendendo as necessidades e possibilidades dos alunos-professores e do sistema de ensino local; 2) adquirindo um considerável número de livros, filmes e computadores para que se possa trabalhar nos formandos além dos saberes científicos e da ética, a emoção, a fantasia, a beleza, a harmonia, a estética, enfim a subjetividade. Nossa grande utopia é articular o sujeito epistêmico com o sujeito social, o sujeito que procura conhecer, com o sujeito do desejo; 3) encampando o círculo de palestras e debates que se

⁵¹ Projeto selecionado pela Rede Globo, e apresentado no dia 29 de fevereiro de 2000, no programa *Ação* como uma das melhores experiências em inovação pedagógica da América Latina.

⁵² Projeto de Educação Ambiental realizado em uma oficina pedagógica na Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada por iniciativa do educador paulista Tercio Vellardi que adotou aquele lugar como pátria. Posteriormente escolhido como diretor da divisão de educação ambiental.

⁵³ Uma espiral com o colorido do arco-íris simbolizando justamente a integração da escola com a comunidade, inseridas num movimento de irradiação e recepção de arte e cultura, verdadeiro intercâmbio de conhecimentos, enquanto as cores retratam a alegria que permeia esse processo.

⁵⁴ Sobre este assunto consultar o documento mimeografado do Projeto Zumbi de Aprendizagens.

instalou no Município e que já trouxe educadores e pesquisadores de renome nacional e regional; 4) colaborando com as oficinas de dança, ioga, biodança, argila, literatura infantil, música, bem como, com as trilhas ecológicas e atividades esportivas, que são proporcionadas a todos os educadores municipais, por ocasião das semanas pedagógicas municipais.

No momento o Projeto Zumbi, está organizando uma biblioteca circulante com mil volumes, que será juntamente com uma lona de circo, instalada em um ônibus equipado com telão, alguns computadores e cadeiras e circulará permanentemente pelas comunidades.

Quando ministrei a disciplina de Didática, em duas das seis turmas do curso, com uma clientela de aproximadamente cem alunos, realizei duas atividades visando detectar o impacto que as atividades realizadas no Programa de Formação, tinham na análise que fariam de duas situações educativas. Na primeira solicitei que elencassem as características principais do professor que mais marcou suas vidas, para construirmos o perfil do educador que desejamos ser. Ao final desta atividade, percebi muito forte a presença *da amizade, do lúdico, da alegria e da competência*, porém senti a ausência do *engajado politicamente*, e isso se repetiu na sala dos demais colegas. Obviamente que este dado serve como indicativo para redimensionar algumas linhas de trabalho importantes no que se refere ao político-pedagógico, mas funcionou também como diagnóstico para sentirmos a dimensão que o educativo-cultural ocupa no imaginário dos alunos-professores e no programa em questão.

Já na segunda atividade recorri a um instrumental da microetnografia ou microanálise, tendo o vídeo como fonte primária, que de acordo com Erickson (in André 1998), o vídeo por si só é o documento vivo de uma situação e como tal pode ser visto, analisado, discutido, tornando-se mais público que as anotações de campo. Porém considerando que, para realizar um vídeo da sala observada, exigiria conhecimentos técnicos especiais, e colocar um profissional de fora do contexto na sala, implicaria em alterar completamente o cotidiano das crianças, optei em colocar as turmas para assistirem e analisarem por escrito um filme que retratasse uma trama educativa, para através dos relatos feitos, detectarem suas concepções pedagógicas. Convenci aos demais colegas da disciplina a escolher um filme que tive a oportunidade de analisar criticamente em um dos

encontros do Núcleo de Currículo: *A sociedade dos poetas mortos*, onde o ator Robin Williams incorporará com genialidade um educador irreverente, poético, genial, brilhante e porque não dizer fantasticamente transgressivo, e isto contribuiu significativamente para transformar, mesmo que por tempo definido a seriedade e o conservadorismo de uma escola tradicional americana em um verdadeiro celeiro de vida, arte e criatividade. Com o lema: *Aproveitem o dia! Tornem suas vidas extraordinárias*, conseguiu levar alunos torturados pela tirania escolar e familiar a apostarem na liberdade. Porém, como o roteirista Tom Schulman escreveu esta história influenciado por suas próprias experiências escolares, ela se aproxima por demais de algumas realidades vivenciadas por todos nós educadores.

Utilizei como norte para colher as impressões dos alunos, o seguinte roteiro:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA E A DISTÂNCIA - NECAD
CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARACATI
DISCIPLINA - DIDÁTICA

O filme projetado focaliza uma situação educativa onde o ensinar-aprender ultrapassa os limites da sala de aula. A análise da trama nos fornecerá uma série de elementos para reflexão sobre os fundamentos e prática docente. Neste intuito, assista o filme procurando observar os seguintes aspectos:

1. *O contexto espacial, temporal e político da trama.*
2. *O perfil geral do personagem principal.*
 - 2.1 *sexo, idade, raça, nacionalidade, formação acadêmica, situação familiar, posição social...*
 - 2.2 *principais traços de sua personalidade*
 - 2.3 *influências/experiências que marcaram sua vida*
 - 2.4 *sua visão de mundo e de educação: projetos, valores, "bandeiras defendidas".*
 - 2.5 *razões/circunstâncias da sua "opção" pelo magistério*
3. *A prática docente do professor*
 - *Os objetivos defendidos/manifestados no cotidiano escolar*
 - *A abordagem dada aos conhecimentos e conteúdos escolares*
 - *A caracterização e os fundamentos do "método" de trabalho*
 - *A relação professor/aluno: os mecanismos de sensibilização e da superação das situações de resistência e "indisciplina"*
4. *Que lições o filme acrescentou à sua prática docente ou à sua vida pessoal?*

Após a leitura que fiz dos trabalhos, posso afirmar que:

- Como o filme possibilitou reflexões sobre práticas de professores e suas tentativas de mudanças na estruturação do trabalho escolar, a partir de novas concepções da relação entre sujeitos e destes com o objeto de aprendizagem. A narrativa revelou-se um excelente instrumento de tomada de consciência e de

identificação, com relação principalmente aos momentos de prazer e frustração enfrentados por quem decide (re) construir sua prática pedagógica. Como podemos constatar nos seguintes relatos:

(...) Na realidade eu concordo com o que este professor tentou fazer, pois se não existisse alguém com coragem bastante para enfrentar os arcaicos, nos mestres da atualidade estaríamos com o mesmo pensamento

(Brena, 2000).

Para ele educar é ensinar a pensar sozinho. Amava sua profissão de educador e procurava despertar em seus alunos um novo questionamento, uma nova forma de vida. Aproveitem o dia rapazes! Façam de suas vidas algo extraordinário; com estas palavras, ele estimulou os jovens a viverem cada minuto de suas vidas intensamente. Este filme tem como propósito mostrar a nós educadores que para superarmos as dificuldades devemos ser dinâmicos, criativos e nunca desanimarmos. E que é necessário superar e recusar o "ensino bancário" e manter vivo nos educandos o gosto pela rebeldia. Estimular sua curiosidade e sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se nem que para isto nos custe a rejeição ou a discriminação

(Artur, 2000).

(...) A sua visão de mundo não permitia que visse a educação como um conjunto de regras e normas que deviam ser seguidas a risca. Via na educação um caminho onde cada ser humano podia se descobrir, aprender a pensar sozinho, descobrir suas habilidades e defender seus ideais a qualquer custo. Conformismo era a palavra que não existia para ele.

No magistério optou pela literatura, pois acreditava que a poesia nascia do coração e da pureza dos sentimentos. Em seu trabalho com os educandos objetivava que cada um descobrisse o seu "eu", sua identidade. Explorava o ambiente externo, assim fazia com que estes, sentissem um pouco da liberdade que tanto buscavam, além de inspiração para a poesia. Transmitia segurança a seus

educandos através de um relacionamento fraterno e de companheirismo.

A conclusão que posso tirar do filme é a de que se temos objetivos, nossos esforços devem ser voltados para a conquista dos mesmos, seja na vida pessoal ou profissional. E que, enquanto educadora tenho o dever de promover transformações em meus educandos. Só assim eles serão capazes de Ter autoconfiança e também promover mudanças na sociedade em que estão inseridos.

(Bel, 2000)

- Um fato que não posso deixar de sublinhar, é que na investigação realizada mais uma vez o caráter político ficou de fora como característica importante para a realização de mudanças na escola. A visão romântica de que o amor a profissão e o compromisso com o educando, por si só são capazes de fazer a sonhada revolução, foi unânime nos discursos dos educadores. Ou seja, mesmo o autor tendo mostrado a existência de uma organização clandestina, que deu o nome ao filme Sociedade dos Poetas Mortos, onde alunos e professores se encontravam para realizar atividades e discutir assuntos proibidos no interior da instituição, ninguém atentou para a função política deste grupo. Vejamos a seguir alguns trechos dos relatos:

O que mais me chamou a atenção no filme é que mesmo numa escola ortodoxa como aquela era, mesmo os pais escolhendo o que seus filhos deveriam fazer na vida, mesmo que eles tivessem hora para tudo, mais a união, o carinho, o afeto, o amor que um professor tem pela sua profissão e o amor e apego que cada um no longo de sua vida docente vai adquirindo é capaz de mudar muita coisa e é capaz de ajudar muito a cada uma das criaturas que passam no longo de uma carreira feita de amor e dedicação

(Tiamat, 2000).

(...) o mesmo fazia parte da Sociedade dos Poetas Mortos e que essa sociedade era formada por amigos que se reuniam em uma caverna para recitar poemas e conversar sobre tudo aquilo que não

podiam na escola, depois disso os alunos também passaram a fugir para uma caverna para fazerem e conversarem tudo o que queriam

(Apsu, 2000).

Finalizando, recorro a Paulo Freire (1998), que mais uma vez nos chama a atenção ao tipo de formação que o educador necessita para realizar o grande projeto de emancipação humana:

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição e da adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las a análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica.

Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós (1998:51).

3. 2 Os projetos político-pedagógicos das escolas

A necessidade de escrever este texto sobre os Projetos Político-Pedagógicos (P.P.P.) das Escolas de Aracati, reportou-me novamente a mitologia grega, mais especificamente aos muitos feitos históricos de Teseu, dentre eles o lendário desafio de vencer o Minotauro. Um monstro metade homem, metade touro que devorava todos os humanos que ousassem adentrar no labirinto em que fora condenado a viver.

Ao Teseu foi designado a tarefa de vencer o Minotauro. Para um herói como ele, talvez a tarefa não fosse tão difícil. No entanto sem a sapiência de Ariadne de colocar um fio para orientá-lo no percurso de volta, todo o esforço teria sido em vão.

Espero que as pesquisas já realizadas sobre esta experiência, sirvam de fio condutor para que não me perca na caminhada. Sem dúvida a maior dificuldade de discorrer sobre

este tema está no meu envolvimento com ele, então, como o Minotauro, passo a possuir a porção humana (que é a possibilidade de fazer uma análise crítica do vivido), e por outro; a porção monstro, que é o risco de ao tentar afastar-me epistemologicamente do objeto e me guiar pelo espírito de pesquisadora, ser tecnicista demais, e comprometer a riqueza da análise.

De acordo com a pesquisadora Nora Rut Krawazyk (1999), do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura e Ação Comunitária - CENPEC de São Paulo, das vinte experiências inovadoras de políticas e gestão do sistema de educação e da escola, no âmbito municipal e estadual, selecionadas no país, Aracati foi escolhido pela construção do *projeto político-pedagógico da escola*, que segundo ela é um projeto extremamente articulado com ao Plano Estratégico da Educação do Município, além ser este seu momento fundacional.

O ponto de partida para a construção do plano de escola foi à percepção das comunidades educativas, de que mesmo tendo como parâmetros para suas ações o Plano Municipal de Educação, este jamais daria conta das peculiaridades e especificidades regionais e locais. Solicitaram, então, a equipe do GT Alfa o apoio para as discussões e elaboração dos planos de suas próprias instituições educativas.

Ao sermos solicitadas a colaborar com esta empreitada, ficamos felizes, pois percebemos que os profissionais das escolas, já tinham clareza que as dimensões organizacionais, instrucionais e sócio-política e cultural das escolas, não podem ser vistas de forma dissociadas, foi então que propusemos uma sessão de estudo sobre a temática, de onde saiu o encaminhamento de uma oficina interna para todos os integrantes da equipe de apoio e acompanhamento pedagógico, para que debatêssemos mais sobre o assunto e buscássemos uma sintonia em nossos discursos.

Como no Plano de Estratégico, propusemos uma metodologia reflexivo-vivencial, utilizando nos círculos de debate uma linguagem acessível a todos da comunidade, e possibilitando uma análise do cenário externo e interno da escola, para que o grupo pudesse compreender a interrelação entre fatos que ao nível de senso comum não parecem ter conexão com questões educacionais, mas que influem diretamente nos acontecimentos

cotidianos enfrentados por eles, tais como: prostituição infantil, drogas, violência, degradação ambiental, entre outros.

Não podemos deixar de sublinhar que o Aracati é a cidade com maior potencial turístico no estado do Ceará, depois da capital Fortaleza. Conhecida como "Terra de Bons Ventos", possui uma população de aproximadamente 65.000 habitantes, além de inúmeras riquezas culturais e naturais, mas sem dúvida seu maior potencial é o humano. Um povo orgulhoso se sua história, de suas belas praias e de seu carnaval, preocupado com a preservação do seu patrimônio e dotado de uma alegria contagiante que encanta e seduz os que por lá chegam.

Por ser um local procurado por pessoas de todas as partes do mundo, tornou-se não só um belo palco do multiculturalismo, como também; um triste cenário de degradação ambiental e humana. Por isso o envolvimento das comunidades educativas no projeto de trabalho das escolas tornou-se imprescindível.

A primeira oficina constituiu-se num espaço de elaboração/confecção das demais, por ser interna nos permitiu debates leves e descontraídos. No final elaboramos o roteiro que norteou os demais encontros, a princípio do GT Alfa com representantes de todas as escolas, e posteriormente destes com suas comunidades educativas. Nos encontros das escolas a secretaria entrou com o suporte material e com a assessoria do GT Alfa quando se fez necessário.

A seguir veremos a síntese das oficinas preparatórias para a elaboração dos projetos pedagógicos nas comunidades educativas do Município:

OFICINA DE ELABORAÇÃO DO P.P.P.

1. *Acolhida:*

- *Introdução ao motivo do encontro*
- *Vivência do Nó*

2. *Sensibilização:*

- *Discussão sobre a função social da escola, contemplando a escola como reprodutora, redentora e transformadora.*
- *Construção do conceito de P.P.P em grupos, através de um jogo de encaixe.*

3. *Música: Eu não nasci para viver só (Lú Chamusca)*

4. *Debate seguido de uma atividade de desenho sobre os sinais de vida e os sinais de morte presentes no Mundo, no Brasil e em Aracati.*

5. *Discussão sobre a visão de futuro:*

- *Que sociedade desejamos?*
- *Que homem construirá esta sociedade?*
- *Que educação deverá receber?*
- *Que escola contribuirá com a formação deste cidadão?*

6. *Diagnóstico:*

- *Qual a distância existente entre o REAL e O DESEJADO?*
- *Expor os indicadores educacionais do Município e da Escola.*

7. *Desafios:*

- O que faremos para diminuir a distância entre o real e o desejado em nossa comunidade educativa?*
- *A nível pedagógico*
- *A nível administrativo*
- *A nível comunitário.*

8. *Detalhamentos dos níveis, contemplando os objetivos por área de atuação (cópia nos anexos).*

9. *Discutir e definir o processo de avaliação do projeto.*

10. *Avaliar o dia e encaminhar outros encontros para dar forma ao documento.*

Obs: No documento de cada escola sugeriu-se que a comunidade pesquisasse com os moradores mais antigos e escrevesse a história da escola contada por eles.

Estes trabalhos ocuparam todos os encontros regionais e a hora de encontros para estudo na escola, do primeiro semestre de 98, mas com certeza foram compensados. Inclusive ao sermos convidadas a colaborar com o mesmo processo no Município vizinho de Icapuí, sugerimos que uma equipe de professores de Aracati coordenasse os trabalhos, por estarmos muito envolvidas com o mestrado e não dispormos de tempo, e foi um sucesso. Tanto nos resultados, como para a auto-estima dos professores locais.

Freire (1998) nos lembra com propriedade que autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

A educação escolar é uma construção histórico-social, portanto, deve ter como referencial um projeto político-pedagógico construído coletivamente pelos que dela usufruirão.

Arroyo (1999) afirma com lucidez que:

o pensamento crítico supõe que a inovação chegará ao sistema escolar quando as políticas educacionais e curriculares estiverem orientadas por novos interesses sociais e políticos; quando

escolhermos outros conteúdos e a escola cumprir outras funções; quando os professores se conscientizarem desses processos seletivos e quando adquirirem uma consciência crítica que permita escolher e transmitir outros saberes. (...) Logo inovar consiste então, em um permanente embate político-programático (in Moreira, 1999:142).

Segundo Nora Krawazyk (1999), no projeto político pedagógico os problemas pedagógicos deixam de ser vistos como problemas individuais e são compreendidos como problemas institucionais, como problemas políticos-pedagógicos, questões da política educacional a serem enfrentados com políticas públicas. Ele propõe uma melhor organização social do trabalho escolar, ou seja, a construção de um processo crescente de autonomia escolar. Primeiro pensa na escola, depois na sala de aula. Isso dá uma dimensão coletiva. Ainda na análise da autora, o objetivo não está colocado no produto, mas na revisão da organização social do trabalho escolar. Essa revisão acontece nos diferentes espaços de atuação e produção da política educativa.

Na sua fala em palestra conferida ao coletivo dos professores de Aracati⁵⁵, a pesquisadora Nora Krawazyk, reafirma o que disse em sua análise para o CEMPEC,

que entre os aspectos mais importantes do caráter pedagógico do processo, estão: - romper com a dicotomia entre o pensar e o fazer, entre o planejar e o executar; - outorgar legitimidade à produção autônoma da escola; - reconhecer a diferença entre os tempos formais e reais para a materialização dos projetos. A estratégia que o projeto político-pedagógico de Aracati propõe para a elaboração do plano de ação e do perfil é a participação efetiva de toda a comunidade escolar, por um lado, e por outro, discussão conjunta com o GT Alfa. Esse grupo tem um antecedente importante, nasceu do processo de elaboração do plano estratégico que envolveu a participação de toda a comunidade escolar e é constituído por educadores que estão na escola, portanto, não distanciados do fazer do dia-a-dia. Isto quer dizer uma coisa que eu chamo de diferença entre autonomia negativa e a

⁵⁵ Palestra realizada durante a IV Semana Pedagógica do Município de Aracati, no período de 24 a 29 de janeiro de 2000.

autonomia positiva. De autonomia escolar hoje se fala no país inteiro. Eu duvido que exista algum secretário de educação que não diga: nós estamos propondo ou nós queremos a autonomia das escolas. Mas ainda está na LDB. Porém, nós precisamos qualificar essa autonomia. A autonomia negativa eu chamo aquela autonomia que a instituição consegue pelo abandono da Secretaria de educação, ou seja, a criança de rua é autônoma, ela está abandonada, ela se vira por si próprio. E eu chamo autonomia positiva ao processo coletivo de construção onde a proposta de todas as escolas tenham espaço nas propostas político-educacionais do Município, e não onde cada proposta escolar seja uma, independente da proposta político-educacional do Município. Eu diria que a autonomia das escolas será uma conquista quando o Município encontrar espaço para a proposta de todas as escolas em seu projeto político-educacional. A intencionalidade disso fica muito claro na proposta do Projeto Político-Pedagógico de Aracati (...)

(Janeiro, 2000)

Penso que uma das contribuições mais significativas destes projetos para a educação municipal consiste no repensar a divisão social do trabalho escolar.

Ao elegermos a educação escolar como objeto de intervenção, não podíamos deixar de sublinhar que a forma como esta vem se organizando socialmente tem influenciado diretamente no dia-a-dia das nossas salas de aula. A divisão de papéis entre os que planejam e dirigem as escolas e os que executam as tarefas (herança taylorista-fordista) ainda é uma constante nas relações de trabalho nos espaços escolares.⁵⁶ Colocar o educador na posição de mero receptor e transmissor de conhecimento e fórmulas produzidos por outros, é no mínimo desumanizante e desprofissionalizante. Não é por acaso que educar deixou de ser uma profissão prazerosa para muitos, como nos lembra Rubem Alves (1984)

⁵⁶ Apesar de todo o movimento das Universidades Federais Brasileiras, incluindo a UFC, no sentido de tirar as habilitações específicas em supervisão, orientação educacional e administração escolar da graduação, estas foram ratificadas pela LDB de Nº 9.394/96.

Educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos (...) (Alves, 1984:14).

A racionalidade capitalista que fragmenta o trabalho vem transformando nossas escolas em empresas sociais sob a justificativa de aumentar a eficiência e a produtividade.

Nega-se o educador como ser ominilateral, ou seja, com múltiplas determinações e, acima de tudo, produtor de um saber fazer próprio constituído quotidianamente.

O almejado trabalho como poiésis sonhado desde a redenção da máquina na Revolução Industrial, vem sendo negado mais uma vez na Revolução Tecnológica, analisa Nosella (1987). Se, na primeira, o trabalhador foi submetido ao ritmo das máquinas ao invés de ter tempo para se dedicar a outras criações, agora ele vem sendo totalmente substituído pela automatização.

Na educação infantil, talvez por não ser obrigatória e por isso não haver um currículo pré-determinado, já que os referenciais curriculares nacionais ainda não foram incorporados pelos sistemas de ensino, percebe-se que há uma maior liberdade de trabalho por parte dos profissionais, apesar de já existirem cobranças, principalmente dos pais, por resultados.

No ensino fundamental, especialmente no nível público, não podemos deixar de reconhecer que muitos avanços vêm ocorrendo, se bem que, reflete Frigotto (1984), com o processo de globalização da economia, a teoria do “conhecimento como um bem” defendida pela teoria do capital humano, ressurgiu com muita força. É que o mercado não comporta mais os analfabetos, nem mesmo como mão de obra barata, por isso o estado precisa investir na educação básica e, para isso, conta com ajuda da iniciativa privada e de bancos internacionais.

Redefinir a organização dos papéis dentro das escolas é condição *sine qua non* para que os educadores possam realizar seu papel político-pedagógico com mais autonomia, criatividade e por que não dizer com mais qualidade. Sendo autores de suas práticas, tendo

momentos de aprofundá-las junto com seus companheiros de jornada, sem dúvida, teremos escolas mais vivas, alegres e eficientes.

Foi acreditando nisto que fizemos esta experiência num Município que conseguiu dar um rumo diferente à formação em serviço dos seus profissionais, na forma de relacionar-se de todos os membros da comunidade educativa e, principalmente, na concepção da criança e de ensino-aprendizagem. No intuito de instrumentalizar os educadores para esta redefinição de papéis dentro da comunidade educativa, tivemos o cuidado de oferecer a Disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico, logo no segundo semestre do curso de formação, os assuntos tratados nesta, seriam de fundamental importância para os profissionais da educação em um momento em que o Plano de Cargos e Carreira do Magistério Municipal estava sendo discutido e votado na Câmara Municipal. E apesar da equipe gestora da educação afirmar que este havia sido previamente discutido nas escolas, percebemos algumas insatisfações quanto a este processo. O fato da nova LDB e do FUNDEF apresentar novidades com relação a ascensão funcional e a remuneração dos professores dos diferentes níveis de ensino, suscitou diferentes interpretações entre os envolvidos no processo, inclusive um grupo resolveu questionar a validade dos cursos de licenciaturas breves, e isso causou uma enorme confusão entre os alunos-professores. Mas após alguns debates e esclarecimentos os ânimos se acalmaram. Mas não posso deixar de frisar que vejo com muita satisfação estes movimentos questionadores por parte dos educadores. Lamento no entanto, que ainda não tenham encontrado uma forma de organização que envolva a categoria como um todo, apesar da APEOC se mostrar bastante ativa no Município.

3. 3 As narrativas como espaço-tempo de ensinar e aprender

Ao longo das últimas décadas, tem-se percebido uma crescente produção acadêmica à respeito da análise teórica e metodológica da história de vida pessoal e profissional e da memória do professor. Demonstra-se um interesse progressivo pelo "processo identitário", realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor (Nóvoa, 1995).

Procurar compreender como se dá o processo educativo em sua cotidianidade, tendo o olhar e a voz do educador como fios condutores, é o meu propósito analisando os primeiros relatórios reflexivos da disciplina ADS do curso de formação contínua. Este trabalho tem como pano de fundo o conceito de professor reflexivo desenvolvido por (Schön, in Alacção:1996) e a convicção de que a reconstrução escrita da experiência profissional imbricada na história de vida permite ao educador compreender como o seu ofício estrutura-se social, histórica e pessoalmente.

Comungo com autores que defendem que a formação do educador em *ação* deve ter como um dos suas principais pilares a permanente interlocução com as representações que estes possuem de suas práticas.⁵⁷ O trabalho dos professores-orientadores em relação aos diários reflexivos consiste em levar o aluno-professor a se reencontrar com a imagem que têm de si mesmo como aluno e como educador, através do fascinante mundo das narrativas, buscando não só prepará-lo para a elaboração do Memorial que lhe permitirá concluir seu curso, mas principalmente promover um exercício em que possa através da autoria de seus contos ressignificar a sua autonomia. É fundamental para passar da condição de espectador para a de protagonista, que o educador seja formado quotidianamente para ser sujeito/autor/produtor de conhecimento!

Vislumbrando proporcionar uma modalidade de estágio docente que além de promover a reflexão do fazer pedagógico do educador, através dos encontros de mediação entre o aluno-professor e o professor-orientador, tendo como subsídios às observações da sala de aula, a análise dos planos de ensino e de relatórios de fragmentos de situações significativas da prática de sala de aula, como vimos no capítulo inicial, constitui-se num espaço-tempo de produção escrita de histórias relacionadas com a sua própria vida pessoal e profissional, concomitantemente imprimindo novos significados à experiência passada e restabelecendo suas perspectivas futuras.

Como tivemos o privilégio de contar com um diagnóstico feito durante a caminhada de dois anos junto aos professores, para quem tivemos a responsabilidade de pensar e coordenar a disciplina de ADS que sem dúvida é o carro chefe deste curso, já que o permeia

⁵⁷ Esta reflexão pode ser encontrada em Ivor Goodson (1996), que enfatiza a importância da inclusão da voz dos professores, na pesquisa in BUENO, Belmira. (1998).

durante os quatro anos, a organizamos respondendo tanto as expectativas da clientela como as suas necessidades de aprendizagem.

No relatório inicial, do diário reflexivo, pedimos a todos os alunos-professores (285), através de seus professores-orientadores, que discorressem sobre a sua trajetória escolar antes do curso de formação, seguida da leitura que fazem das teorias estudadas com a realidade de suas práticas profissionais, bem como das suas expectativas futuras. Complementando esta atividade realizaram um diagnóstico da sua escola, orientado por um roteiro previamente preparado pela universidade, onde tivemos o cuidado acrescentar um item, onde pudessem analisar o programa de apoio e acompanhamento pedagógico destas, realizado pela equipe do GT Alfa da SEMEAR, e que se constitui parte da primeira etapa da formação em serviço que analiso na pesquisa de mestrado que ora relato.

Após xerografar, ler e catalogar todos os relatos, os distribuí por temas para facilitar a análise. É importante ressaltar que os eixos articuladores foram organizados na busca de assuntos recorrentes no grupo e que pudessem ser, de algum modo, significativos enquanto expressão de questões pedagógicas e de ensino.

Abaixo apresento os eixos articuladores elencados.

- Eterno-*vir-a-ser-cada-vez-mais-capaz de ação/reflexão*⁵⁸

A concepção de um ser humano inacabado em um contínuo fazer-se, tanto profissional como pessoalmente, tendo a aprendizagem escolar e a cultura como importantes mediadores deste processo de construção/(re) construção, esteve presente na maioria dos relatórios, a título de representação elegi alguns extratos que cito a seguir:

Em primeiro lugar é um humano, e como tal é construtor de si mesmo e da história através da ação; para mim para ser educador não basta Ter contrato de trabalho em uma escola. É preciso competência, habilidade e comprometimento. Ninguém se faz professor do dia para a noite sem aprendizagem e preparação satisfatórias.

⁵⁸ Expressão encontrada em SOUZA, 1994:120.

Para ser educador é preciso compromisso político e competência técnica (...).

(Hator, 1999)

Hoje no ano 2000 trabalho com pré-escolar e 1ª série ⁵⁹, estou cursando a Faculdade de Pedagogia em Aracati. Está sendo maravilhoso, pois além de querer Ter um curso superior é excelente a convivência com outros professores, experiências vividas por cada um, o que podemos aproveitar. Sem falar dos conhecimentos adquiridos com nossos professores e que podemos trabalhar na nossa sala de aula. Além da gostosa sensação de ser estudante.

(Néftis, 1999)

(...) Através das aulas, compreendemos a importância de se manter um bom relacionamento entre professor-aluno, e que o professor não é o senhor da razão, mas também que além de ensinar pode aprender junto com o educando, pois este tem idéias próprias, detém um conhecimento de vida que deve ser valorizado e explorado, tornando assim mais fácil o processo de ensino-aprendizagem.

(Tefnut, 1999)

- Formação inicial

Outro eixo importante no tocante à direção da atenção dos relatos dos professores é com relação à formação inicial. De que modo meninos e meninas na sua infância desenvolveram suas experiências iniciais com a instituição escolar. Quais os sentimentos que guardam dos primeiros tempos de escola e quais as marcas que ficaram desta experiência: alegria/choro, prazer/desprazer, conforto/desconforto, passividade/atividade. A escola inicialmente combina ou repele esses sentimentos? Vejamos o que nos contam alguns professores-alunos em extratos de seus diários reflexivos:

Sempre morei na zona rural onde as escolas geralmente funcionavam na casa do professor. As turmas eram sempre

⁵⁹ Classe multisseriada

multisseriadas e por esse mesmo motivo, aqueles que maior aprendizagem ajudavam aos que estavam iniciando.

Dessa maneira fui descobrindo minha vocação e acabei optando por ela.

Iniciei na profissão em 1990, e pude ver então como teoria é diferente da prática. De início assusta, pois temos que nos adaptar a cada realidade. Por outro, essa adaptação nos ajuda a adquirir experiência.

Depois de nove anos de trabalho é que tive oportunidade de fazer um curso de nível superior.

(Hera, 1999)

Para eu chegar onde estou passei por muitas dificuldades. Tive inclusive que morar longe dos meus familiares, onde cursei até a 7ª série. Por motivo justo retornei a minha comunidade. Como a vida era difícil não tinha condições financeiras para terminar os meus estudos, foi através do Logus II que concluí o magistério. Antes de conseguir. Já lecionava numa classe multisseriada de alfabetização a 3ª série primária.

Fiquei muito feliz de Ter realizado o meu sonho. Pois sempre desejei ser professora. No início tive algumas dificuldades, as quais foram superadas. Com o tempo tinha orgulho de passar para os educandos o que aprendi. Também sabia que logo viria a recompensa. Pois somos nós que ajudamos na formação e no desenvolvimento do ser humano.

Durante o tempo que ensino, tenho aprendido muito com os meus alunos. Pois existe, uma troca de experiências entre eu e eles. Sempre sonhei com uma faculdade, mas achava difícil por conta das condições financeiras. Mas nunca baixei a cabeça. Sempre tive esperança. E aqui estou cursando. (...).

(Posêidon, 1999)

(...) Iniciei os meus estudos aqui mesmo na comunidade. Fiz até a 4ª série, e fiquei mais dois anos como ouvinte por não Ter condições de ir estudar na cidade. Naquela época não existia as facilidades de hoje, que muitos não sabem dar o devido valor.

Em 1982 fui para Fortaleza e lá cursei a 5ª série no Colégio Martins Aguiar. De lá segui para o interior de Russas, onde

concluí o meu primeiro grau, em Flores no Colégio Edilson Mendes.

No ano de 1986, voltamos à terra natal. Comecei a dar aulas na falta de algum professor. Porém certo dia chegou em minha casa um chamado de Francisca Rodrigues, conhecida como Fransquinha, (ex-professora da escola), para ir a secretaria de educação, pois havia surgido duas vagas na escola. Devido o grande problema de transporte à mesma estava dando prioridade às pessoas existentes na comunidade, que tinha pelo menos o primeiro grau.

Só em 1988 iniciei minha carreira pedagógica, ultrapassei barreiras que a vida me impôs ao longo do caminho. Mas cada dificuldade surgida servia como novo desafio.

Por não Ter o segundo grau, tive que concluí-lo através do Logus II, onde estudava nas horas vagas e fazia as avaliações na sede do Município.

(Réia, 1999)

(...) Com a falta de educadores na Escola de Ensino Fundamental Antonieta Cals em Majorlândia, recebi o convite formulado pela diretora (...) conhecida por Betinha, convite esse que recebi com muito orgulho, pois fui um dos primeiros alunos a concluir o 1º grau menor naquela entidade, isso me envaideceu.

Aceitei o desafio, mas com certo receio de não dar conta do recado, pois me faltava experiência no processo de ensino-aprendizagem que eu tinha.

Comecei de cara com uma classe de 3ª série do ensino fundamental; no segundo semestre desse mesmo ano à professora da 4ª série não quis mais assumir a classe que trabalhava, com isso tive que trocar minha 3ª por esta classe, pois tinha feito um trabalho satisfatório e com isso conquistei a confiança da diretora da escola. Mas tarde concluí o LogusII via ensino supletivo no ano de 1992.(...).

(Eros, 1999)

(...) Educacionalmente a minha jornada inicia-se aos 10 anos de idade. Comecei um pouco tarde os meus estudos, isto porque naquela época não teve quem informasse aos meus pais.

Colocaram-me numa escola particular da professora Nilza. No início começamos os nossos estudos com a carta de A.B.C grande e a tabuada. Ela era muito rígida, levávamos "bolo de palmatória régua e íamos de castigo de joelhos de braços abertos. Assim fiz o 1º ano fraco e o forte como se adotava na época.

Apesar de tudo senti muitas saudades dos bons tempos que não voltam mais.

Parti então a me submeter ao teste de seleção no Colégio marista de Aracati, referente a 2ª série primária. Fui aprovado e comecei uma nova etapa da minha vida. Educacional.

Os meus professores ficaram admirados. Perguntaram qual a escola de onde eu vinha.(...).

(Prometeu, 1999)

- O ingresso na carreira do magistério

É uma riqueza para nós pesquisadores compreender através do método auto biográfico as inúmeras e inusitadas razões que levaram nossos professores-alunos a esta profissão. E, principalmente, como foram no decorrer de suas peregrinações se encantando/desencantando com a mesma, como se vê nestes fragmentos de seus relatórios reflexivos:

No decorrer da minha caminhada busquei algo diferente, quis ser religiosa, enfrentei muitos obstáculos, tudo porque não queria ser professora.

Viajei em busca de emprego, encarei muitos problemas. Resolvi voltar e percebi que o que eu estava procurando jamais poderia encontrar; estava tão próximo e eu não estava querendo ver.

Depois de tantas caminhadas voltei novamente ao Aracati e pessoas convidaram-me para ensinar particular, aonde ia as suas casas e ajudava as crianças nos seus deveres, fazia substituições, etc.

Diante destas pequenas coisas fui surpreendida comigo mesma, onde me convidaram para ensinar em um colégio o interior, mas a mudança de prefeito fez com que eu ficasse novamente sem emprego.

O tempo passou e houve o concurso público e consegui a nomeação e estou trabalhando até hoje.

Chegar onde estou, foi difícil, mas os conteúdos estudados no decorrer da minha vida refletiram bastante, todos os ensinamentos foram básicos; (...). Todos os teóricos foram importantes, mas se não tivessem levado para a minha prática de sala de aula, tinha ficado só na teoria e com certeza não seria uma profissional.(...).

(Métis, 1999)

Comecei a lecionar em 1984, sem, sequer Ter concluído o 2º grau. Sem nenhuma experiência e muito menos vocação.

Enfrentei uma turma do MOBREAL. Eram todos adultos e sedentos para compreender. A faixa etária variava entre 18 e 56anos. Eu coitada, muito mais por fora do que cinturão de soldado. E pra melhorar, os pais desejavam que abrissem a sala pela manhã para os filhos estudassem, pois na classe que funcionava havia muitos conflitos políticos.

As condições da escola eram precárias, não havia luz elétrica e nem água. A iluminação era feita através de um lampião a gás (...). A merenda escolar era feita num fogão a lenha, a água era retirada de um poço. Outro problema era o percurso até a escola, pois quando chovia ficava tudo alagado.

Foram muitos os obstáculos, mas não desisti. Teoria eu não tinha, mas entre erros e acertos, terminei o ano. No ano de 1985 fui transferida, para outra comunidade, conhecida como Córrego dos Rodrigues. Lá a escola era bem melhor e mais organizada. Fiquei durante quatro anos, exatamente no ano que terminei o 2º grau de pedagogia.

Em 1990 mais uma vez fui transferida, só que desta vez para a sede. Vibrei de alegria achando que seria melhor. Qual nada. Fui trabalhar numa escola sem estrutura, sem material didático, com quase nada. Decepcionei-me, mas continuei na batalha.

Em 1991 tive o privilégio de ser convocada para trabalhar no Colégio Municipal de Aracati, onde estou até hoje. No início também não foi as mil maravilhas. Era um troca-troça de diretor, vice-diretor, coordenador. Enfim uma verdadeira confusão.

As melhorias vieram aparecer a partir do momento em que o Irmão Eduardo D'amorim assumiu como diretor. Com ele o nosso

Colégio se transformou. Chego a comparar até com o processo de metamorfose. Diante de tantas mudanças de realidade, passou também por transformações a minha visão de educadora.

O tempo passou, adquiri novos conhecimentos e por último, realizo mais um sonho. Sonho que há anos venho acalentando. Cursar uma Faculdade.

(Atena, 1999)

Minha caminhada de trabalho com a educação começou muito cedo, até mesmo antes de fazer o magistério eu já tinha na minha casa uma salinha de aula com 12 alunos.

Eu estudava pela manhã e ensinava na parte da tarde. Sempre tive muito carinho pelo que fazia. Ensiná-los a ler e ajudá-los nas atividades de alguns era motivo de muita satisfação.

Quando entrei no curso normal e conclui em 84, fiquei muito feliz, mas não comecei a lecionar. Aconteceram outras coisas em minha vida, mas não morreu minha vontade de trabalhar na educação.

Fiz concurso público em 90 onde não fui aprovada, tentei novamente em 91, onde fui aprovada e logo comecei a trabalhar.

Na minha jornada de trabalho encontrei muitas dificuldades. Deparei-me com vários tipos de situações. O ser humano é imprevisível e muito difícil de se trabalhar, mas não impossível. Tive que me adaptar as situações para vencer essas dificuldades, mas no meio de tudo isso é muito gratificante o que aprendemos com eles, enquanto crescem conosco e nós mais ainda crescemos com eles. Educação é, portanto uma troca espontânea de conhecimentos, amizade que tem como tempero à humildade.

Mas tinha um grande sonho, concluir uma faculdade de pedagogia, até pensei que nunca ia conseguir, pois só havia esse curso em Mossoró. E o que ganhava era pouco, pois só tinha um horário e sabia que as despesas eram grandes.

Hoje, portanto vejo esse sonho realizar-se, pois em Aracati já temos um Curso de Licenciatura Plena em pedagogia do qual sou aluna. Tenho muito a agradecer a todos que muito desempenharam para essa realização e todos que fazem parte dessa entidade. (...).

Concluo portanto dizer que a Educação é a minha vida e sinto que muito tenho a fazer ainda para formar esses cidadãos tão

indefesos que são colocados em nossas mãos, em cidadãos críticos, responsáveis e bom caráter para transformarem a nossa sociedade.

(Minerva, 1999)

- Momentos de ruptura profissional

Algumas experiências revelam-nos com muita propriedade como vem se organizando historicamente o sistema educacional, inclusive anunciando e denunciando práticas que muitos desconhecem ou pensam não existir no interior das escolas, e que marcam profundamente a formação da identidade de um profissional, como no caso da violência. Outro fato que merece relevo, e a reprodução inconsciente de práticas autoritárias, e a ruptura que se dá quando enfim percebem o papel que estão exercendo. Como veremos nos fragmentos dos relatórios reflexivos a seguir:

Quando comecei a ensinar seguia o mesmo processo pelo qual tinha apreendido, ou seja, o método tradicional, achando que daquela maneira estava correto.

Só que depois que eu comecei a participar dos treinamentos e capacitações para professores, seminários e semanas pedagógicas é que fui tendo uma visão melhor. Porque através desses ensinamentos, palestras, debates e oficinas pude adquirir conhecimentos que não conheci na minha preparação para educadora.

Depois desse aprendizado é que comecei a perceber que o método que eu usava não estava correto, porque tinha uma visão mais aberta do que é ser educador nesse novo método de ensino. Então procurei desenvolver melhor o meu trabalho e entendi também que o aluno quando chega a escola já traz uma bagagem e que a mesma deve ser aproveitada da melhor maneira possível.

Hoje com outra postura de educador tenho outra visão, pois participo de um curso de nível superior que me dá oportunidade de reflexões proporcionando-me assim melhor compreensão do que é ser um bom educador. Somando-se ainda as inovações adquiridas como educador-educando.(...).

(Io, 1999)

Durante esses dez anos de magistério tive que rever a minha prática pedagógica várias vezes, pois cada experiência levava-me a refletir e com isso crescia meus conhecimentos e percebia que tinha que mudar. Aqui estou mais uma vez analisando, refletindo sobre o que fiz ou deixei de fazer durante esses anos.

Logo que comecei a ensinar foi difícil, pois tinha acabado de sair de um curso pedagógico, onde hoje consigo analisar que não me preparou em nada. Minha primeira sala de aula foi em um jardim II, seguia o modelo dos professores que tive ao longo da minha vida estudantil. Era totalmente tradicional, estava ali apenas para repassar conteúdos e os alunos para aprenderem, sem poder questionar e muito menos falar ou dar opiniões nas aulas. Tinham que ficar calados apenas ouvindo e concordando com o professor.

Hoje ao lembrar de tudo isso tenho vergonha de Ter agido dessa maneira.

(...) tive oportunidade de participar de vários cursos, onde aos poucos fui ganhando experiência e mudando a minha maneira de ensinar. Desde então comecei a perceber qual o papel do educador em sala de aula, mas mesmo assim sabia que não era só isso que precisava para ser um bom educador. (...).

Outra experiência importante foi em 1995, quando comecei a participar da GT (Grupo de Trabalho) da Secretaria da Educação. O grupo fez um projeto para montar as salas de aceleração (...). Ministramos o curso e ficamos fazendo o acompanhamento das salas. O resultado das salas foi médio, mas nossa aprendizagem e a dos professores que assumiram essas salas foi valiosa. Pena que não tivemos oportunidade de der continuidade no trabalho. Em 1998 desenvolvi esse mesmo projeto na cidade de Palhano.

Depois de passar por essas experiências percebi que ainda não estava conseguindo caminhar para a pedagogia do sucesso. Analisei novamente a minha trajetória até ali, e recomecei novamente. (...).

(Crisna, 1999)

(...) Nos dois primeiros anos de trabalho agia da mesma forma que muitos dos meus professores conteudistas, que tinham uma única preocupação: concluir o livro, sem se importar com o aprendizado.

A partir dos cursos e palestras, comecei a Ter uma nova visão de que os conteúdos são importantes, mas além deles existe uma série de outras coisas mais importantes como desenvolver a criatividade, a solidariedade, o respeito e uma série de outros valores. Hoje essa visão vem se ampliando cada vez mais também em relação às formas de avaliar.

Esta nova visão está se dando também graças a este curso de pedagogia.

(Cibele, 1999)

(...) O professor precisa de uma atividade de reflexão contínua com o objetivo de fazer análises para crescer profissionalmente. Isso faz com que eu lembre de um episódio lamentável que aconteceu na minha prática pedagógica.

Foi no final do ano de 1999 um estudante do turno da manhã, pulou o muro e entrou na escola na hora do recreio para brincar. Um outro aluno do turno da tarde o insultou. Brigaram e o menino da manhã bateu bastante no outro, até que ele sangrasse. Os demais vieram nos chamar, a nós professores, porque os dois estavam quase se matando. Eu corri na frente, e a cena que vi me chocou muito. Fiquei extremamente nervosa. O garoto do horário oposto estava com o pé em cima do outro, com uma pedra de paralelepípedo nas mãos, mirando na cabeça do aluno da tarde. Desesperada gritei: "larga essa pedra marginal!" Esta última palavra me doeu muito, quando me acalmei, me fez refletir demais, que jamais, em momento algum, o educador tem o direito de fazer tamanha barbaridade. Errei e muito. Nós não devemos julgar, mas sim manter o DIÁLOGO SEMPRE!

(Geia, 1999)

- O misto de sonho e dor no retorno aos bancos escolares

Jamais poderia sequer imaginar que este curso de formação, ocuparia um espaço tão significativo no imaginário dos educadores-alunos. Quase que a totalidade dos trabalhos refere-se à realização de um sonho há muito acalentado por eles, e que mesmo com as dificuldades provenientes do acréscimo de mais um turno, em uma jornada já tão

atribulada, tem valido a pena pela satisfação e realização tanto pessoal como profissional. Foi isso que constatei nos seguintes registros.

Ao chegar na primeira aula eu senti uma satisfação tão grande que não é capaz de se expressar assim em folhas de papel, só quem estava ali nos primeiros minutos foi capaz de registrar a olho nu a alegria de muito colegas assim como eu.(...).

O primeiro ano foi muito difícil, pois a minha vida mudou totalmente. Logo me deparei com a primeira dificuldade, que eu considero a maior: a falta que eu faço a meu filho, pois por ser muito pequeno, foi a quem mais sacrifiquei tirando as poucas horas que eu o dedicava.

Outra dificuldade e conciliar a profissão, a família e as aulas noturnas e quase diárias. Pois se tornam cansativas de pois de um longo dia que se inicia as 5:00h da manhã.(..)Porém no campo profissional já me sinto um pouco mais segura.

(Selene, 1999)

O meu ingresso à Universidade foi um acontecimento na minha vida, que desejava há muito tempo. Mas a oportunidade era muito remota. Quando chegou, ainda tive que passar por muitas dificuldades, isto porque ensinava na educação infantil. Mas graças a Deus consegui me inscrever, fiz o vestibular e tive resultado satisfatório.(...).

A ansiedade era grande diante do tempo que vinha sem freqüentar uma sala de aula, como estudante, mas a certeza de que ali iria conhecer novos métodos de ensino para repassar aos meus educandos com mais firmeza e coerência, pois quando aprendemos mais, nos sentimos mais seguros, podendo assim construir com os mesmos um elo de informações e aprendizagem que no futuro, eles se sintam capazes de viver em cidadania tendo oportunidade de questionar seus direitos.

(Pirra, 1999)

(...) Enfrentei muitas dificuldades para chegar até aqui. Minha licença estava acabando e o que era antes ansiedade estava se transformando em angústia, pois a noite meu bebê não tinha com quem ficar e isso me deixava muito preocupada e confusa. Será que valeria a pena tentar? Trabalhar os dois expedientes e Ter que

estudar, aumentava ainda mais a minha angústia. Pensei várias vezes em desistir. Mas cheguei a conclusão que só conseguiremos vencer na vida com muito esforço e sacrifício.

Vivemos uma nova era: a da revolução das comunicações e temos que acompanhar esses avanços, se não corremos o risco de ficarmos para trás. Temos que viver em constante renovação. O professor hoje, acima de tudo tem que ser um profissional com competências e habilidades.

Somente acreditando, comprometendo-se, compartilhando e reconstruindo a educação é que seremos capazes de transformar gerações. (...).

(Diana, 1999)

- A relação teoria-prática na formação continuada

Considero este um dos eixos mais importantes deste processo de formação, principalmente porque já havíamos constatado na primeira fase do programa que apesar do esforço dispensado pelo coletivo dos professores tanto no fazer pedagógico diário, quanto nas leituras em que buscavam os fundamentos para a sua prática cotidiana, sentíamos que era necessária uma formação mais consistente e duradoura, onde pudessem não só compartilhar seus saberes com os demais e analisá-los a luz das teorias atuais, assim como se apropriarem do que os pesquisadores das diversas áreas do ensino-aprendizagem estão produzindo.

Senti-me bastante gratificada ao ler os depoimentos dos professores-alunos, principalmente quando conseguem fazer a relação entre a teoria e as suas práticas de sala de aula, ou quando o que aprendem está contribuindo para aprimorar o seu que fazer docente. Pincei alguns depoimentos, entre os muitos registrados, mas todos estão fantásticos:

Logo que terminei meu segundo grau trazia comigo um grande sonho: ingressar em uma faculdade.

Isso para mim era quase impossível, pois além de não ter condições financeiras para pagar uma faculdade particular, a mais próxima ficava a 95 Km de distância em Mossoró-Rio Grande do

Norte. Não podia ir até lá por falta de transporte e a falta de tempo, pois, trabalho o dia todo.

Muitas vezes pensei que meu sonho não fosse se realizar, mas graças a Deus um dia ouvi falar que o nosso prefeito José Hamilton Saraiva Barbosa teria conseguido junto a UECE implantar aqui na cidade da Aracati uma faculdade de pedagogia para os professores da rede pública, melhorando assim o nível de cada um. Nossa! Isso foi como receber um presente, ter a chance de realizar meu antigo sonho já estava quase sem esperanças de tornar-se realidade.

Das disciplinas pagas até hoje com certeza tirei muita coisa que consegui aplicar em sala de aula e que também me auxiliou na vida pessoal, como por exemplo: em arte e educação aprendi a importância de resgatar as antigas canções de roda, as brincadeiras, o nosso folclore, a dramatização e as histórias para os alunos e aplicando essas atividades na minha sala de aula, vi os bons resultados que consegui (...).

Hoje, graças a Deus, estou cursando a Faculdade sendo um curso de Formação de Professores do Ensino Fundamental em áreas específicas - licenciatura plena. A cada dia fico mais empolgada por saber que as informações recebidas irão me ajudar tanto como educadora e como educanda que sou no momento:

- Arte Educação: através dela aprendi como introduzir a arte na sala de aula e no meu próprio dia-a-dia. Foi uma disciplina aonde vimos diversos setores artísticos como música, teatro, dança, artes plásticas, dentre outras. Todas voltadas para o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade (...);

- Produção Textual: esta disciplina para mim que tenho sede de aprender foi um momento árduo e de grande valor. Pois o professor Nelson além de ser altamente capacitado, soube como nos mostrar métodos de como utilizarmos os diversos tipos de textos dentro da nossa sala de aula;

- Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico: os professores nos apresentaram a nova LDB incluindo a trajetória, limites e perspectivas; e como não poderíamos deixar esquecidos o financiamento da educação;

- Introdução ao Estudo da História: trouxe novas idéias, novas descobertas, pois o professor rameres nos mostrou que não

devemos concordar com tudo que lemos nos livros de história, devemos ser críticos e pesquisar sobre o que está escrito, para sabermos se o que está sendo contado está realmente completo e escrito de maneira imparcial;

*- Introdução a textualidade: foi através das aulas de Lúcia Mizuê, a qual utiliza-se dos métodos de Faveiro, que aprendemos os elos de coesão dentro da formação de um texto. Achei estas aulas de muita ajuda, porque foi através delas que passei a Ter mais cuidado na estrutura de meus textos. Nesta disciplina trabalhávamos com traços de textos de Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo; de revistas como *A Isto é e a Veja*; notícias de jornais como o *Diário do Nordeste* e a *Folha de São Paulo*; músicas de Caetano Veloso e Djavan;*

- Redação Científica: essa disciplina me mostrou o quanto este curso tem a nos oferecer de sabedoria. A professora Cibele Gadelha nos ensinou a fazer fichamento, resumo crítico, e artigo acadêmico (...);

- Filosofia: aqui foi uma aprendizagem bastante significativa, porque aprendemos a sermos mais críticos e a não aceitarmos o que já é senso comum. O professor Eudes Baima fez questão de nos salientar o que é o educador e o educando, através do senso comum e do senso crítico;

- A ADS no início me deixou um pouco apreensiva (...). Contudo, depois que a professora-orientadora explicou como seria realizada, fiquei mais tranqüila e cheia de expectativas. Expectativas que através dos encontros eu possa adquirir mais experiência e métodos de como trabalhar em sala de aula, ou seja, de como retornar cada vez mais profissional de qualidade para auxiliar os meus educandos.

As aulas parte por vez do professor Romeu (Reia, 1999)

As disciplinas oferecidas são significativas na nossa vida pessoal e profissional, pois os professores são preparados e qualificados oferecendo condições para que nós absorvamos os conteúdos transmitidos.

Levamos a nossa sala de aula muito do que aprendemos no curso, as vezes até partes do conteúdo. Porém que sejam de acordo com o nível e a realidade dos nossos alunos.

Neste período que passou tivemos várias disciplinas, e estas de várias maneiras influenciaram em minha vida, pessoal e profissional.

A 1ª disciplina foi Produção textual, foi significativa para mim pois aprendi a selecionar e melhorar o meu tipo de leitura. Pois o professor Nelson, é extremamente capacitado, nos deu dicas valiosas e nos ensinou de maneira que pudéssemos usar em nossa sala de aula os diversos tipos de textos, como bulas, artigos, notícias, etc. Pois mesmo o professor que não ensina português pode usar a produção textual em outras matérias.

Arte e educação foi um rodizio entre vários professores, onde ensinavam: dança, música, atividades folclóricas, expressão corporal, teatro e até trava-língua e parlendas. Eram aulas divertidas, interessantes e participativas. Essas foram as aulas que mais usei na minha classe na matéria de educação artística. Os alunos gostavam muito, porque eram aulas alegres e diferentes, onde os alunos gostavam de participar.

Estrutura,⁶⁰ as aulas desta matéria foram dadas em ritmo intensivo e cansativo, pois eram pela manhã e pela tarde durante uma semana. O conteúdo era importantíssimo para o nosso conhecimento e o tempo curto para um aprofundamento maior. Porém o material foi riquíssimo e podemos ter em casa uma fonte de pesquisa sobre assuntos dados nesta matéria principalmente sobre a história da educação e sobre o FUNDEF.

Introdução a textualidade uma matéria difícil mas, que a calma e a competência da professora Lúcia Mizuê fez com que compreendéssemos a importância dos elos coesivos nos textos e que desde de cedo eles sejam observados nos textos dos nossos alunos.

História, as aulas participativas do professor Rameres através de pequenos seminários sobre os textos apresentados, fez com que os professores de história percebam que também têm condições de realizar pequenos seminários de acordo com o nível de cada série, e que eles não devem ser sempre incentivados e elogiados.

Redação científica, fichamento assustava, resumo crítico também, só a aptidão para ensinar da professora Cibele para fazer

⁶⁰ A disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico

com que professores-alunos abrangêssemos uma matéria tão complicada e necessária a todas as outras disciplinas em trabalhos que serão realizados no decorrer de todo o curso.

Fundamentos filosóficos e epistemológicos da educação percebemos através do professor Eudes Baima a importância e a presença da filosofia em nossa vida e na vida de nossos alunos. O talento deste professor nos fez compreender e aceitar de uma maneira mais tolerante o modo de ser e de ver a vida de cada pessoa principalmente de nossos educandos, pois a filosofia na pedagogia faz com que compreendamos os valores de uma maneira que a prática educacional seja crítica e consciente.

Diante de tudo isso ainda temos a prática da ação docente supervisionada que de início nos deixa apreensivos e temerosos desta matéria que é acompanhada por uma professora com habilidade e experiência que vai estar junto dos professores-alunos para orientar nas dificuldades que irão surgir ao longo do curso.

(Dánae, 1999)

Através da faculdade buscamos a nossa formação superior, procurando, também, formar pessoas críticas, sujeitos protagonistas para atuarem na sociedade.

No momento em que nos tornamos conscientes do nosso trabalho de educador é a sociedade na qual estamos inseridos que vai se beneficiar, pois aprenderá a lutar por seus direitos, buscando a construção dos seus conhecimentos e o entendimento de sua própria realidade.

(Sémele, 1999)

Relatos como os sobrescritos me fazem acreditar que fizemos correto ao irmos de encontro ao estabelecido pelas agência formadora e buscarmos nas contradições que se revelaram nas mesas de discussões sobre a proposta oficial, um espaço para avançarmos rumo a formação de educadores que verdadeiramente almejávamos. Penso que agindo assim estamos contribuindo significativamente para à superação da enorme dívida social que este país tem com relação a formação da nossa classe.

3.4 O perfil das escolas aracatienses traçado por sua comunidade educativa:

O professor gera-se na confluência do pessoal, com o profissional e o organizacional. Sem dúvida a infra-estrutura física, as condições materiais e a organização social do trabalho escolar, como citamos anteriormente, influenciam diretamente na prática pedagógica do educador. É certamente em consequência das últimas pesquisas que se vem privilegiando o cotidiano da escola, e que a preocupação com o espaço físico das escolas se encontra na ordem do dia. Penso que o crescimento da rede de ensino ocorrido nos últimos anos principalmente após a grande campanha nacional "Toda Criança na Escola" deveria ter sido precedida de uma política séria de planejamento físico da rede escolar, garantindo, assim os recursos para atender as necessidades e demandas físico-pedagógicas resultante do aumento considerável da clientela.

Um outro motivo para se rever a estrutura física e organizacional das escolas e a concepção de ensino-aprendizagem que norteia a prática dos educadores⁶¹, numa escola que se pretende construtivista, a distribuição dos espaços faz um a significativa diferença, especialmente por que grande parte das atividades são realizadas em grupos, e estes necessitam de cantinhos, laboratórios naturais, cozinha, áreas livres, entre outros. Nos diagnósticos que os professores-alunos fizeram da sua escola eles elencaram uma série de dificuldades enfrentadas por eles em seu dia-a-dia que tem relação direta com o processo de ensino-aprendizagem, como podemos ler nos diagnósticos das escolas citados a seguir:

- Uma escola de pequeno porte

A Escola de Ensino Fundamental Edmar Sena, está situada no distrito de Cabreiro, às margens do Rio Jaguaribe, há 12km da Sede. É uma comunidade carente que vive da agricultura, da pesca, de olarias de tijolos e telhas e do artesanato de palha, que é exportado através do CEART (ponto de apoio para o Artesão). Seu primeiro nome era Escola de 1º Grau Abelardo Costa Lima, foi

⁶¹ Para aprofundar o assunto ver o texto Projeto Arquitetônico para a Escola Construtivista de Raul Macadar, in GROSSI E BORDIN (1992:198).

fundada em 4 de julho de 1984, teve o nome alterado em 1997 em homenagem ao aluno que nela estudava e o mesmo prestava serviços no dia em que faleceu. (...).

A escola recebe recursos que são administrados pelo conselho escolar, para compra de materiais de consumo, que são provenientes do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Seu volume é definido pelo número de alunos existentes na escola e a prestação de contas e feitas pelas notas fiscais e relatórios junto à secretaria de educação.

A escola dispõe dos seguintes níveis: Educação Infantil (pré I e II), Ensino Fundamental (1ª a 8ª) totalizando 143 alunos. Sendo o seu quadro pessoal composto por 7 professores com nível de 3º e 4º pedagógico e um nível superior, 3 auxiliares de serviços e um monitor de esportes com o Ensino Fundamental incompleto.

A estrutura física abrange cinco salas, não arejadas e não acústicas, pátio ao ar livre, uma secretaria, dois banheiros, cantina e um depósito. As ações previstas para a superação das necessidades são, reforma e quadra de esportes.

A escola dispõe de equipamentos como: freezer, mimeógrafo, televisores, parabólica, vídeo, máquina de escrever, som, liquidificador industrial, armários, estantes, carteiras e mesas, etc. Contamos ainda com material didático e de consumo.

A escola tem como filosofia a integração do aluno no convívio social, tendo como principal objetivo formar cidadãos dignos, aptos a exercer qualquer função na sociedade.

Sua grade curricular de 1ª a 4ª série é composta por cinco disciplinas fundamentais: (português, matemática, história, geografia e ciências naturais), já de 5ª a 8ª série além destas cinco disciplinas são acrescidas inglês, religião, arte-educação e física.

O programa em desenvolvimento na escola é o projeto político-pedagógico elaborado pela escola e a comunidade no ano de 1988. São feitas ainda reuniões com os pais, mestres e conselho escolar, com o objetivo de integrar a comunidade à escola.

O acompanhamento pedagógico feito pela SEMEAR através do GT Alfa deveria ser mais presente nas escolas, para ajudar no

desempenho dos professores de acordo com o surgimento das dificuldades encontradas, tentando assim solucionar o problema de imediato.

O planejamento da nossa escola é feito semanalmente e mensalmente com o GT Alfa, podendo ser em grupo ou individual e registrado no caderno de cada professor.

(Leda, 1999)

- Uma escola de médio porte

A Escola de Ensino Fundamental Zé Melancia, localiza-se na praia da Canoa Quebrada a 14km da sede do Município. Funciona na rua Dragão do Mar S/N.

Canoa Quebrada é muito visitada pelos turistas, que vem atraídos por sua beleza natural. É cercada de coqueiros, cajueiros e outras árvores frutíferas, têm um clima tropical e vive sempre ensolarada, o mar é exuberante, belas dunas, falésias, lagoa de águas cristalinas e refrescantes, bem como outras atrações que fazem da praia um lugar de diversão.

No entanto nem sempre foi assim (...). Antes só podíamos chegar a Canoa nos lombos dos burros e subíamos os morros a pé.(...) Canoa Quebrada não podia ser sempre aquela vila de pescadores isolados do mundo, a comunicação se fez necessária com a chegada de grande quantidade de hippis vindos de todo o mundo.

(...) hoje conta com Serviço da Rádio FM Malazarte, teleceará, telefones públicos, serviço de som comunitário e transportes intermunicipais, mantendo assim um pleno contato com o mundo.

Na saúde conta com um posto de atendimento (...) e agentes de saúde para acompanhar as crianças e gestantes. (...).

A segurança (...) ainda é precária, pois não existe um posto policial fixo, vindo esse a funcionar apenas nas férias.

Quanto à infra-estrutura, ainda não contamos com rede de esgoto, mas temos luz elétrica, água encanada e coleta de lixo regular realizada pela PMA.

Na parte da educação temos esta escola, onde funciona da Educação Infantil a 8ª série, o Pé-de-moleque, que é um projeto esportivo para adolescentes (...) que recebe o apoio de empresários da comunidade, a escola do Estevão onde funcionam turmas

multisseriadas, o Projeto infância feliz que tem o apoio da Fundação Bernardes Vanleer e a escola Golfinho, esta última particular.

Com relação às atividades econômicas predominam a economia pesqueira: lagosta, camarão e peixes variados; o artesanato belíssimo: trabalhos em palhas, labirintos, rendas, bijuterias, cerâmicas, areia colorida, etc. Do comércio e do turismo vive grande parte da população de Canoa Quebrada, onde existe as lojinhas, sofisticadas pousadas e luxuosos restaurantes.

Os eventos sociais, religiosos e culturais fazem parte dos atrativos do lugar: o forró, o festival Canoarte realizado em julho com desfiles e apresentações culturais; a festa junina que tem como padroeiro São Pedro, festinhas sociais das mães, das crianças, dos pais, do ancião, o natal das crianças que é feito pelos veranistas. Em comemoração a lua cheia as pessoas se vestem de branco e vão para as dunas ou para a beira da praia tocar violão, fazem uma festa e em troca recebem energia, força e paz de espírito.

Canoa Quebrada é uma praia maravilhosa, aconchegante onde qualquer um que queira pode levar uma vida saudável, com seu trabalho digno e honesto, com educação e lazer.

De acordo com opiniões de antigos moradores, a primeira escola funcionava numa casa simples sem paredes laterais, só com telhado, na colônia dos pescadores. Todas as crianças estudavam com a mesma professora, D. Rosa, até aparecer outras leigas vindas das comunidades vizinhas.

Na gestão do Sr. Abelardo Filho, foi construído um prédio com uma sala de aula que funcionava os dois turnos. Até que uma trágica noite o prédio desabou, deixando as crianças sem escola.

A comunidade inconformada com a situação, se organizou em uma comissão e foram ao prefeito reivindicar uma nova escola.

A comunidade doou o terreno então foi construída a Escola Zé Melancia, que recebeu esta nome em homenagem a um poeta popular da terra, um sem estudos mas que ficou famoso nacionalmente com seus versos maravilhosos (...). Esta era composta de 4 salas de aula, uma cantina, uma secretaria/coordenação, uma dispensa e 3 banheiros. Foi inaugurada em 1986, no mesmo ano em que foi construída. (...).

Os professores eram o mesmo da escola anterior, e continuavam leigos. Com o tempo a escola ganhou mais duas salas e as professoras foram substituídas num concurso por outras mais qualificadas, porém tinham que ser transportadas todos os dias da sede de Aracati.

Hoje a nossa escola conta com 6 salas internas e 1 outra funcionando num prédio externo para atender toda a demanda da localidade, com 13 turmas, onde se distribuem 395 alunos.

O regime democrático é exercido habitualmente na escola, pois discutimos e decidimos nossos problemas e o que queremos realizar durante o ano, através de reuniões com alunos, pais, pessoas da comunidade e a associação comunitária que junto com a escola desenvolve atividades que só vem enriquecer o desenvolvimento da comunidade. Portanto o dinheiro da escola é utilizado na compra de material didático, material para consumo e permanente, etc.

Escola não é uma das menores, compara a de outros distritos, as salas dentro do possível de bom tamanho acústicas e arejadas. Mais vale ressaltar que existe algumas coisas que devem ser feitas, pois o telhado encontra-se estragado e precisa ser reparado com urgência na medida que nos aproximamos do inverno. Quanto a outros espaços, não existe da escola sala de leitura e vídeo, biblioteca, laboratório ou quadra. Precisamos também de mais duas salas e de um pequeno auditório ou um galpão onde possamos realizar festinhas e reuniões ou até mesmo para as recreações dos alunos, já que não dispomos de local apropriado para esse tipo de atividade.

No que se refere aos equipamentos, vale ressaltar que nossa escola dispõe de três televisores, um vídeo cassete, uma máquina de escrever, um mimeógrafo e uma antena parabólica (...), que já se encontram alguns com defeitos possíveis de conserto e outros que já nem servem mais. Temos também um som comprado com um movimento junino que fizemos na escola.

Assim como a escola precisa de espaço físico como já citei, necessita também de material e equipamento didático para se dá melhor qualidade ao ensino.

Nossa proposta pedagógica, bem como as atividades planejadas para serem exercidas no decorrer do ano estão presentes no

Projeto Pedagógico que elaboramos professores, direção, alunos, pais e membros da comunidade. (...).

O acompanhamento pedagógico da SEMEAR junto à escola, ficou um pouco a desejar, foram poucos os Encontros Regionais, nos planejamentos só em dois houve a participação do GT. Treinamentos não houve um, esperamos corrigir essas falhas para o ano seguinte.

(Alcmena, 1999)

- Uma escola de grande porte

O Colégio Municipal de Aracati situado à rua Duque de Caxias S/N, (...) num bairro da periferia onde recebe o impacto social de uma comunidade carente. (...).

Criado em 12/12 de 1979. A origem do nome foi pelo fato de acreditar que aquela comunidade carente era carente, em varios aspectos, daí foi construído uma escola que atendesse a demanda de escolaridade de tantas crianças. Tornando-se então um dos colégios com maior clientela estudantil do município.(...). De acordo com o organograma possui os seguintes serviços: Serviço de Orientação Pedagógica, Serviço de Orientação Educacional, Serviço de Orientação Religiosa, Serviço de Educação Física e Esporte, Serviço de Arte e Cultura, Serviço de Informática Educacional, Serviço de Apoio Pedagógico, Serviço de Comunidade Escolar e Serviço Técnico Administrativo.

O corpo diretor do Colégio Municipal compreende: Diretor Geral, vice-diretor, duas supervisoras, três coordenadoras de turno.(...).

As famílias dos nossos educandos participam do nosso processo educativo, através da Associação de Pais que tem como finalidade promover o intercâmbio entre as famílias dos alunos e as demais famílias e entre estas a direção, professores, orientadores, supervisores, coordenadores e funcionários da escola. Contamos ainda com o Conselho escolar que colabora na assistência, na formação do educando por meio da aproximação entre os pais, alunos e professores integrando poder-público e comunidade-escola-família. Significa dizer ainda que a comunidade participa dos eventos sociais e culturais promovidos pelo colégio.

Os recursos financeiros disponíveis são aplicados de acordo com as carências materiais e físicas, buscando a solução para os principais problemas urgentes da escola.

Quando a escola necessita realizar trabalhos em suas instalações físicas e equipamentos busca recursos materiais na Prefeitura Municipal, na Secretaria de Educação ou faz parcerias com comerciantes ou voluntários da cidade.(...).

Quanto aos níveis e modalidades de ensino oferecidos pela escola citamos: Educação Infantil (uma turma de pré), 1º grau convencional de 7as e 8as, 1º grau (Fundamental II - telensino de 5ª a 8ª e telecurso 2000)...() temos 75 educadores e 35 funcionários. Desses últimos 17 são pessoal técnicos (bibliotecárias, secretarias, datilógrafos, mecanógrafos, etc. 18 são de apoio (limpeza, cantina, vigilância, portaria, jardineiro, carpintaria, etc.(...)).

O quadro atual de matrículas no ano 2000 é o seguinte:

- Turno Manhã: 648 alunos
- Turno da Tarde: 637 alunos
- Turno Noite: 495 alunos

Telecurso 2000: 90 alunos Este total de 1780 alunos matriculados foi até o dia 31 de janeiro de 2000. (...).

O Colégio Municipal tem uma área de 3.180 m², que compreende: 24 salas de aula, sala dos professores, sala de leitura, biblioteca, sala de Karatê, sala de teatro, sala de dança, sala de artes plásticas, sala de flauta, videoteca, informática, mecanografia, auditório, cantina, banheiros, sala do grêmio, secretaria, supervisão, diretoria e gabinete odontológico Dispomos também de um Ginásio poli esportivo que desenvolve na comunidade uma educação do corpo, tirando os jovens das drogas e das ruas. Como ações previstas para o ano 2000, temos a ampliação da cozinha e o revestimento das paredes (...), a construção de uma praça esportiva, (...) com pista de atletismo, dois campos de voleibol, um campo de handebol e um campo de futebol.

Quanto ao material didático, chega ao colégio em quantidade razoável, proveniente da verba que o Conselho escolar recebe. Participa ainda do Programa Nacional do Livro Didático. Onde todo aluno é contemplado.

O projeto pedagógico do Colégio (...) contém o levantamento do aspecto físico da escola, estatísticas, inovações, conquistas, implantação dos extra-classes, etc. este projeto tem objetivo desempenhar uma tarefa que prime pelo intercâmbio escola/comunidade, a fim de que as necessidades e dificuldades dos nossos educandos sejam diagnosticadas e sanadas. Dessa forma a participação dos jovens na sociedade será atuante, positiva e transformadora, colocando a educação pública a serviço do público, isto é oferecendo uma escola de boa qualidade, moderna e democrática.

Quanto à proposta pedagógica (...) tem uma concepção de homem integral. Tudo na escola deve visar a educação, que é mudança de atitudes e comportamentos, participação efetiva, conscientização dos problemas sociais, diante aquilo que afligem as populações que enviam seus filhos a esta escola. Neste sentido, necessário se faz que a escola tenha o conteúdo programático como meio de educar, devemos instruir o educando. A educação deve ser mais do que nunca integral, procurando atingir o homem todo e todos os homens.(...).

(Corónis, 1999)

Citei o diagnóstico dos três tipos de escola, elegendo como critério seletivo apenas o a quantidade de alunos e a localização praia, sertão e cidade para caracterizar melhor os espaços onde se faz a educação institucional no Município, além da escola que observei, descrevi e analisei anteriormente.

Os depoimentos registrados objetivam ressaltar que a prática do educador recebe influência tanto da sua formação quanto das suas condições materiais de trabalho. Portanto as propagandas governamentais sobre a má formação dos profissionais em inúmeras universidades deste país, não podem ser levadas a sério porque não consideram o outro lado da moeda. O mesmo ocorre com os indicadores divulgados nos meios de comunicação de massa sobre os resultados do rendimento dos alunos da escola básica, obtidos apenas pelos testes do SAEB, sem considerar mais uma vez a estrutura física das escolas, bem como as condições materiais e humanas de trabalho. Isso é no mínimo uma tentativa de camuflar a realidade educacional do país. Penso que mais uma vez estão apenas tentando colocar a responsabilidade das mazelas do sistema educativo nas costas dos educadores e dos alunos,

que na minha óptica são os únicos e verdadeiros heróis desta história. Porque apesar de possuírem governantes que se preocupem menos com a educação e mais com as estatísticas, estão tentado cotidianamente, com o apoio de suas comunidade, fazer/refazer-se como pessoa/profissional deixando as suas marcas na história e na vida dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de ter a sapiência de Zaratustra⁶² e a grandeza de Zeus⁶³ para expressar a alegria que sinto ao concluir, temporariamente, este estudo, o qual foi realizado com a finalidade de documentar e analisar o papel que um Programa de Formação de Educadores em Ação ocupa *no chão da sala de aula*, ou seja, na natureza das ações pedagógicas desenvolvidas pelos educadores - digo temporariamente por compreender a provisoriidade do conhecimento produzido. Posso afirmar que não obtive respostas prontas, porém, posso dizer, também, que foi por demais gratificante constatar que, o Programa em estudo representa uma grande conquista dos educadores de Aracati, na abertura de espaços para a realização de uma fazer pedagógico em que teoria e prática tornem-se indissociáveis, lhes possibilitando constituírem-se em verdadeiros mediadores da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças das séries iniciais. Colaborando para que estes pequenos cidadãos construam-se cada vez mais críticos, competentes, criativos e felizes.

A meta traçada por ocasião da confecção do Plano Estratégico de Educação do Município, de oferecer um ensino básico de qualidade social para os Aracatienses, não só garantindo nas instituições educativas recursos didáticos, mas principalmente profissionais qualificados, se consubstanciando no Programa de Formação dos Educadores em Serviço, vem gerando bons frutos nos mais longínquos recantos daquele lugar. Porque além de abalar certezas e posturas de professores que concluíram o segundo grau há décadas, e que na grande maioria só tiveram oportunidade de reciclar-se por ocasião da implantação do Programa em curso; por outro lado elevou por demais a auto estima do coletivo dos educadores, que sonhavam em fazer um curso superior, e se viam impossibilitados pelas condições econômicas e pela distância dos campos universitários, como vimos nos depoimentos citados anteriormente, e reafirmados no primeiro relatório reflexivo da professora Vênus (1999), que nos disse:

(...) assim no ano de 1998, enfrentei o vestibular para a

⁶² O mais célebre mago e profeta da Pérsia.

⁶³ O maior e mais poderoso Deus do Olimpo. Considerado o pai de todos os Deuses Gregos.

Universidade Estadual do Ceará, (...) abriu a partir daí uma realidade diferente para mim nunca vivida, pois ao mesmo tempo estudando e pondo em prática o que estou aprendendo nas disciplinas em minha sala de aula, tirando dúvidas em relação ao ensino aprendizagem. Tanto na minha vida pessoal como profissional a Faculdade veio abrir-me novos conceitos ainda adormecidos. Conclui então que ser professor é muito mais do que um, repassador de conteúdos, como também um ser consciente, de seu papel para uma construção melhor da sociedade.

No tocante à interseção dos trabalhos realizados pela equipe de supervisão da SEMEAR (GT alfa) e a Disciplina da ADS, que são ações intimamente interligadas apesar de possuírem em seus objetivos um fim em si mesmas, tem possibilitado não só o enriquecimento das mediações dos professores-orientadores junto aos seus alunos-professores, como também a ampliação tanto do campo do estágio supervisionado e de sua função social, como do trabalho de formação permanente realizado pelo serviço de supervisão. Vejamos o que nos disse a respeito deste assunto a professora Vênus (1999):

Nos encontros pedagógicos que participava ficava atenta as explicações, as novas mudanças e procurava praticá-las em minha sala de aula, havia também a troca de experiências. Fiz minhas pesquisas e leituras, para me aperfeiçoar, buscando idéias e tentado solucionar alguns problemas tais como, dificuldades na leitura e na escrita.

A forma como construiu-se o projeto pedagógico em cada escola, somado a realização dos minicursos nas comunidades educativas, tem contribuído para o enriquecimento da prática dos profissionais da escola, como também para a interação destes com a comunidade em seu entorno. Além de instrumentalizar os alunos-professores para exercerem atividades educativas que vão além da prática de sala de aula. Na escola Alto da Cheia tivemos um exemplo típico desta rica contribuição:

Com a chegada do inverno a nossa comunidade está vivendo preocupada com inúmeros casos de dengue. As crianças chegam à escola fazendo comentários que os pais estiveram doentes etc. Nós professores e a coordenadora resolvemos fazer um movimento no

combate a dengue. Daí fizemos comentários na sala de aula, levantamos alguns problemas sobre a doença, como por exemplo a grande quantidade de lixo nas ruas. Passamos um vídeo onde mostrava a importância da reciclagem para o meio ambiente, daí fizemos debates e deixamos que os alunos fizessem perguntas para acabarem com as dúvidas.

Foi um dia diferente onde pudemos observar um grande interesse dos alunos pelo movimento.

Assim pude perceber como os alunos podem se envolver e participar de movimentos extra classe na escola, como também aproveitar e trabalhar leitura e escrita com confecção de panfletos, cartazes e paródias. (ibidem)

Os resultados da pesquisa revelam-nos também que a Ação Docente Supervisionada, ao permear todo o curso, possibilitando uma permanente "reflexão na e sobre a ação", tendo como norte principal a realidade e as necessidades do aluno-educador em seu *locus* de atuação que é a sua escola, bem como ao dar-lhe oportunidade de elaborar narrativas sobre a sua vida pessoal, social e profissional vem constituindo-se um espaço de autoria, de autonomia e porque não dizer de autoridade para os professores-alunos que iniciam um processo de (re) elaboração de sua prática pedagógica e da sua própria história. As palavras de Sônia Kramer (1994) soam como um alerta quando nos diz que:

os professores querem ser vistos como sujeito social que são. Pois como professores temos diferentes experiências, conhecimentos, valores, religiões, raízes culturais, sexos, classes sociais, etnias, e essa heterogeneidade oferece ao trabalho pedagógico uma grande fertilidade. Somos professores, mulheres e homens, mães e pais, filhos, guerreiros-pela-sobrevivência; tantos papéis que por vezes nos arriscamos a perder algo que temos de mais precioso: nossa humanidade. E sabemos que não é nada fácil exercer essa humanidade num contexto social que animaliza o homem, expropria bens materiais e culturais, premia a corrupção e a falta de ética, exalta a impunidade, dilacera as relações estabelecidas nas mais diversas dimensões da vida de cada dia. E esse aspecto nenhuma política, nenhuma proposta de formação de professores

ou de mudança no cenário educacional pode desconsiderar, sob pena de agravar a desumanização crescente (1994:11);

Paradoxalmente, parece-me que os dados apresentados confirmam que o acompanhamento pedagógico realizado pela SEMEAR nas escolas, (GT Alfa) garantindo assessoria e apoio as mais diversas iniciativas escolares, bem como os encontros regionais e momentos de estudo na escola, se por um lado foi estimulado em função da ADS, por outro foi bastante desarrumado nos últimos dois anos no tocante as condições materiais. Como razões emergentes percebi a falta de condições materiais tanto para executar os trabalhos como para responder as demandas das escolas, tais como: a) transporte para o deslocamento entre as escolas, material de expediente para os encontros, alimentação para os professores presentes as atividades fora da sua localidade, o difícil acesso a algumas comunidades, entre outras; b) questões políticas e de poder interno dentro da própria SEMEAR, que fizeram com que muitos dos componentes da equipe se evadissem; c) a visão distorcida de parte do grupo que imagina que a ADS, substitui o trabalho do GT Alfa. Principalmente porque no primeiro, o transporte e o material de apoio são garantidos por fazerem parte do convênio com a Universidade; d) que a preocupação com a postura do educador e com a metodologia que ele utiliza para socializar o conhecimento, tem provocado muitas vezes uma negligência com relação a garantia do acesso ao acervo científico e cultural produzido e acumulado historicamente pela humanidade, haja visto a ausência de bibliotecas e/ou salas de leituras na grande maioria das escolas básicas. Enfim, apesar dos gestores da educação terem lutado para garantir que alguns componentes do GT Alfa participassem também da equipe da ADS, justamente com a função de fazer a interseção entre ambos, para funcionem em sintonia, ainda há necessidade de afinarem melhor os instrumentos para que a composição coletiva resultante desta, atenda realmente as necessidades de todos os envolvidos no processo.

Outro aspecto notado nas conversas de explicitação sobre o trabalho da equipe do GT Alfa nas micro-regiões e que pareceu-me ser consenso entre os educadores com quem conversamos, diz respeito ao fato de que há um esforço do coletivo dos supervisores em trabalharem dentro de uma perspectiva reflexiva e interacionista, porém fica bastante claro que existem inúmeras limitações, inclusive teóricas e de conteúdo por parte de muitos

componentes da equipe. No entanto, a prática demonstrou que existe um esforço no sentido de reverter este quadro, pois tanto os integrantes do GT que ainda estão "em ação", como os evadidos, que ainda não tinham o curso superior, estão fazendo a faculdade. Constata-se que a vontade de melhorar a qualificação profissional e conseqüentemente a prática, foi incorporado pela totalidade do grupo. E isso por si só já demonstra que com paciência histórica, trabalho e mais investimentos neste setor, chegaremos em breve ao futuro desejado;

O estudo permitiu-me, também, recolocar no centro das atenções a sala de aula, pois os seis meses de convivência com a escola observada, especialmente com uma turma multisseriada, possibilitou-me destacar algumas conclusões: a) que não só o Programa de Formação de Educadores em Serviço influencia no cotidiano da turma observada. Existem como já esperávamos diversos fatores e orientações que convergem para constituir a identidade profissional e o fazer pedagógico de um educador, porém o que experienciamos naquele lugar, autoriza-me a afirmar que o Programa em questão ocupa um lugar todo especial no processo de ensino-aprendizagem daqueles grandes e pequenos cidadãos; b) que não basta formar o educador, é urgente organizar um programa educativo que envolva todos os profissionais da escola, principalmente se ela esta aberta receber crianças com necessidades especiais; c) é mister que se divulgue junto aos dirigentes municipais, estudos sobre o papel que a merenda escolar ocupa na aprendizagem do aluno, obviamente que isso deve se dar concomitante a nossa luta para que as crianças tenham o direito de receber em casa uma alimentação adequada; d) necessário se faz incluir no currículo de formação além dos saberes científico, tecnológico e cultural, estudos de temas específicos da escolarização inicial como a formação da autonomia na criança, desenvolvimento e aprendizagem infantil, afetividade, entre outros; e) por fim, penso ser muito importante descortinar as turmas multisseriadas que estão espalhadas pelas periferias e zona rural dos Municípios Cearenses, e dedicá-las estudos e atenção sérios, até porque desconfio que ali estão as precursoras da organização das turmas em ciclos de aprendizagem.

Tecendo ainda algumas considerações sobre a realidade analisada, sob o marco referencial do interacionismo sócio-histórico e da abordagem crítico reflexiva do professor em ação, resumi abaixo algumas constatações:

- a decisão de realizar um Programa de Formação de Educadores, tendo como carro-chefe um projeto político-cultural, foi por demais acertada. Percebemos que responde a uma antiga demanda da comunidade educativa, principalmente considerando as dimensões do Município, as peculiaridades regionais com relação à infra-estrutura, o lazer, o tempo e os recursos que dispõem professores de escola pública para investir em atividades culturais.
- quando fiz no diário de bordo uma retrospectiva histórica de todo o processo vivido, das interações iniciais entre as pessoas, das lutas, dos embates teóricos, do apego aos feudos dentro da escola, inclusive nas de formação de professores, enfim de todos os envolvidos e beneficiários desta fabulosa estrutura educacional, pude então compreender porque se torna tão difícil mudar em educação, e como denunciou Romanelli (1978) quando nos faz a seguinte alerta,

o êxito da inovação pedagógica está condicionada a variáveis que fogem ao controle da experiência em si (...) os fatores externos acabam falando mais alto. (...) Essas variáveis podem sintetizar-se a grosso modo, na forma como se estrutura a sociedade. Dentre elas, sobressaem as referentes à forma como se organiza e se estrutura o sistema educacional(1978:13)

Com este estudo espero ter contribuído não só para destacar a importância de repensar o Curso de Formação em Serviço do Município de Aracati a partir da análise da prática do educador em "ação", mas espero ter colaborado, também, para incentivar o debate a respeito dos cursos que as Universidades Cearenses estão ministrando nos "quatro cantos" do nosso estado. Não pretendo ter esgotado as matérias em questão. Esta foi à síntese possível neste momento.

E como "o tempo não para" temos pela frente o desafio de socializar as informações até aqui obtidas principalmente com os envolvidos no processo analisado, e de continuar colaborando e lutando para dar respostas as demandas da escola pública, para que ela torne-se realmente de qualidade social para todos que dela precisem.

E assim prossigo vivendo e escrevendo minhas narrativas, e ao ler a escrita que fiz, percebo que a minha própria história se entrecruza com essas e muitas outras. Descubro que nela há também diferentes trajetórias e distintos momentos em cada uma das trilhas percorridas.

Escrever conserva pedaços de vida e nesses percursos de formação e de transformação, nesse fazer/refazer-se permanente, vamos também tecendo uma nova escola e uma nova história que pode não ser a ideal, mas é a que fomos capazes de deixar registrada para os que virão.

Despeço-me com o grande poeta Mário Quintana que nos presenteou em seu *Espelho Mágico* com um magnífico verso sobre as utopias:

Se as coisas são inatingíveis...ora!

Não é motivo para não querê-las.

Que tristes os caminhos, se não fora

a presença distante das estrelas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (Org.). *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de Supervisão*. Lisboa: Porto Editora, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza D. *Etnografia da Prática Escolar*. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. *Questões Metodológicas na Investigação dos Saberes Docentes*. (mimeog.).

_____. *O Diário Reflexivo, Avaliação e Investigação Didática*. Revista Ensaio. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio - v.1, n. 1, (out./dez. 1993)

ALVES, Rubem. *Conversa com quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.

AZENHA, Maria das Graças. *Construtivismo de Piaget e Emília Ferreiro*. São Paulo: Ática, 1994.

BECKER, Fernando. *O que é Construtivismo*. in *Idéias*, nº 20. São Paulo, FDE, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

BRANDÃO, Zaia. *A Formação dos Professores e a Questão das Crianças das Camadas Populares*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: 1982.

BUENO, Belmira Oliveira & CATANI, Denice Barbara & SOUSA, Cynthia Pereira. (orgs.). *A Vida e o Ofício dos Professores*. São Paulo. Editora Escrituras, 1998.

CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *Gestão da educação: registro de experiências político-educacionais no Brasil*. São Paulo, SP, volume 1, 1999 (mimeog.).

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

- _____. *Etnometodologia e Educação*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. e outros. *Cahiers de Recherche Ethnométhodologique*. No 1, Laboratoire de Recherche Ethnométhodologique, Université de Paris VIII, 1993.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. Reflexões Acerca da Formação do Educador Infantil, In *Cadernos de Pesquisa* no 97. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FERREIRO, Emília. *Os Filhos do Analfabetismo*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.
- _____. *Reflexões sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1987.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FORQUIN, Jean-Claude. As abordagens sociológicas do currículo: orientações teóricas e perspectivas de pesquisa. In *Revista Educação e Realidade*, jan/jun. 1998.
- FREITAS, Luis Carlos. *Ensino de 1^o Grau: instrumentos de recuperação econômica*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- _____. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. Tese de Livre Docência. São Paulo: UNICAMP, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A Produtividade da Escola Improdutiva*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GERMANO, José Willington. *Estado Militar e Educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1987.

GROSSI, Esther Pillar & BORDIN, Jussara (org). *Construtivismo Pós-Piagetiano: um novo paradigma sobre aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Paixão de APRENDER*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HAMILTON, Edith. *A Mitologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1979.

KRAMER, Sônia. *A Política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

_____. *Com a Pré-Escola nas Mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Por entre as Pedras, Armas e Sonhos na Escola*. São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Contra*Bando, 1998.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez (orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. *A Hora da Prática: reflexões sobre o Estágio Supervisionado e Ação Docente*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha e UECE, 2001.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília, 1997.

MENEZES, L.C.(org.). *Professores: Formação e Profissão*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1996.

MORAES, Betânia M. e MOREIRA, Joana A.C. *Programa de Formação de Educadores em Serviço*, Fortaleza, 1997 (texto mimeog.).

MOREIRA, Antonio Flávio (org). *Currículo: Políticas e Práticas*. São Paulo: Papirus, 1999.

MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995.

NOSELLA, Paolo (org.). *Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo, SP: Cortez, 1997.

NÓVOA, Antônio. *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

_____. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

PERRENOUD, Philippe. *Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. *O Estágio na Formação de Professores: unidade entre teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, Samuel. *Deuses da Mitologia*. Lisboa: Editorial Minerva, 1969.

SAVIANI, Dermeval. *Política e Educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *A Nova Lei da Educação: LDB Trajetórias, Limites e Expectativas*. Campinas: Editora Autores Associados, 1997

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo uma Reflexão sobre a Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEMEAR - Secretaria Municipal de Educação de Aracati. *Plano estratégico da secretaria de educação*. Aracati-CE, 1997 (mimeog.).

_____. *Projeto Zumbi dos Palmares*. Aracati-CE, sd. (mimeog.).

SHÖN, Donald. *Educating the Reflexive Practioner*, San Francisco, Josseyy – Bass Publishers, 1986.

_____. *Formar Professores como Profissionais Reflexivos*. In: Nóvoa. *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Por uma Semiótica do Currículo*.(mimeog.)

SNYDERS, George. *A Alegria na Escola*. São Paulo: Manole,1988

SOUSA, Simone (org.). *História do Ceará*. Edição conjunta da UFC e Fundação Demócrito Rocha. Fortaleza, 1989.

SOUZA, Luis Oswaldo S. M. *Educação e Felicidade*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 1994.

VENTURA, Montserrat e HERNÁNDEZ, Fernando. *A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho*. São Paulo: Artmed,1998. Tradução Jussara Haubert Rodrigues.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fonte, 1994. Tradução José Cipolla Neto e outros.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Nilda. Formação do Jovem Professor para a Educação Básica. Cadernos CEDES. São Paulo:CEDES, 1985.

_____ (org.). *Formação de Professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez,1993.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1978.

BAQUERO, Ricardo. *Vygotsky e a Aprendizagem Escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BARROS, Célia Silva Guimarães. *Psicologia e Construtivismo*. São Paulo: Ática, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A Criança e o Brinquedo a Educação*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1991.

CANÁRIO, Rui. *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, 1997.

CANDAU, Vera Maria & LELIS, Isabel Alice. *A Relação Teoria e Prática na Formação do Educador*. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional, 1983.

CHAVES, Idália Sá. *Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional*. Porto: Porto editora, 1997.

COSTA, Marisa C. Vorraber. *Trabalho Docente e Profissionalismo*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O Currículo nos Limiares do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.

DROVET, Ruth Cauí da Rocha. *Fundamentos da Educação Pré-Escolar*. São Paulo: Ática, 1992.

DAMASCENO, Maria Nobre. *Questões Teóricas e Práticas na Pesquisa Social e Educacional*. In Em Aberto, ano V, nº 31.

ESTRELA, Maria Teresa (Org.). *Viver e Construir a Profissão Docente*. Porto: Porto Editora, 1997.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e Cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Madalena. *A Paixão de Conhecer o Mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FURTADO, E.D. Relação entre Saberes na Prática Educativa. In: Relatório do CNPq da Pesquisa: Saber e Prática Social do Educador. Mimeo. Fortaleza, 1996.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Organização do Trabalho na Escola: alguns pressupostos*. São Paulo: Ática, 1993.

GARAKIS, Solange C. *Divulgando Piaget: exemplos e ilustrações sobre epistemologia genética*. Fortaleza: Gráfica da UNIFOR, 1993.

GARCIA, Regina Leite (org.) *Revisitando a Pré-Escola*. São Paulo: Cortez, 1993.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HELLER, Agnes. *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Barcelona, Península: 1987.

KRAMER, Sônia e LEITE, Maria Isabel (org.). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. São Paulo: Papirus, 1997.

_____. *Infância e Produção Cultural*. São Paulo: Papirus, 1998.

_____, NUNES, Maria Fernanda e GUIMARÃES, Daniela (org). *Infância e Educação Infantil*. São Paulo: Papirus, 1999.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1998.

LUCKMANN, Thomas e BERGER, Peter L. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LIMA, Adriana Flávia S. O. *Pré-Escola e Alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Piaget*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MATUI, Jiron. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. *Aprendizagem na Mediação Social do Aprendido e da Docência*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995.

_____. *Educação/Interlocução, Aprendizagem?Reconstrução de Saberes*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1996.

MARRE, Jaques. *Histórias de Vida e Método Biográfico*. Porto Alegre: UFRGS.(mimeo), 1990.

MELLO, Guiomar Namó. *Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio*. São Paulo: Cortez, 1993.

MOREIRA, Antonio Flávio (org.). *Currículos e Programas no Brasil*. São Paulo: Papirus, 1997.

_____. *Currículo: Questões Atuais*. São Paulo: Papirus, 1997.

NÓVOA, Antônio e APPE, Michael W. (orgs.). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto: Porto editora, 1998.

- OLIVEIRA, Ana Cristina B. *Qual a Sua Formação, Professor?* São Paulo: Papirus, 1994.
- OLIVEIRA, Juarez (org.). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1988.
- PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Funções Sócio-Históricas da Formação de Professores de 1ª a 4ª Séries do 1º Grau: idéias*. São Paulo: Cortez, 1988.
- ROSA, Sanny S. *Construtivismo e Mudança: questões da nossa época*. São Paulo: Cortez, 1994.
- SERBINO, Raquel Volpato, RIBEIRO, Ricardo, BARBOSA, Raquel Lazzari leite e GEBRAN, Raimunda Abou (org.). *Formação de Professores*. São Paulo: UNESP, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Liberdades Reguladas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- _____ *O Sujeito da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SOUZA, Solange Jobim. *Infância e Linguagem*. São Paulo: Papirus, 1997.
- TAILLE, Yves e OLIVEIRA, MARTA Kohl e DANTAS, Heloisa. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo, Summus Editorial, 1992.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude & LAHAYE, Louise. Os Professores Face ao Saber: esboço de uma problemática de saber docente. In *Teoria e Educação*, nº 4, Porto Alegre, 1991.
- TAVARES, Leandro S. Almeida (org.). *Conhecer, Aprender, Avaliar*. Porto: Porto editora, 1998.
- TIRIBA, Léa. *Buscando Caminhos para a Pré-Escola Popular*. São Paulo: Ática, 1992.
- UNESCO/MEC. *Gestão da Escola Fundamental*. São Paulo: Cortez, 1993.
- UNICEF (org.). *A Experiência de Icapuí - Ce 1989/1992*.

WOODS, Peter. *Creative Teachers in Primary Schools*. London, Open University Press, 1995.

VERMERSCH, P. *L'entretien d'explicitation en la formation initiale et en formation continué*. Paris: ESF Éditeur, 1994.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

1. Plano Estratégico da Educação Municipal de Aracati
2. Programa de Formação de Educadores em Serviço de Aracati
3. Questionário Aplicado com Todos os Professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I
4. Grade Curricular do Curso de Formação de Professores para o Ensino Fundamental do NECAD - UECE
5. Quadro com a Estrutura da Ação Docente Supervisionada - NECAD
6. Proposta de Execução da ADS em Aracati
7. Quadro Demonstrativo da Estrutura Funcional da ADS em Aracati



GOVERNO MUNICIPAL DO
ARACATI
MUDAMOS PARA MELHOR
ESTADO DO CEARÁ
MUNICÍPIO DE ARACATI
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

“O DIREITO É APRENDER”

Prefeitura Municipal de Aracati

Plano Estratégico da Secretaria da Educação

Maio de 1997

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	169
INTRODUÇÃO.....	170
VISÃO PANORÂMICA DO MUNICÍPIO DE ARACATI: História e Dados Educacionais.....	171
IDENTIDADE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.....	173
MISSÃO.....	173
VISÃO DE FUTURO.....	173
PRINCÍPIOS ÉTICOS.....	173
ANÁLISE DO AMBIENTE.....	9
AMBIENTE INTERNO.....	175
AMBIENTE EXTERNO.....	176
CENÁRIO MUNICIPAL.....	176
AÇÕES ESTRATÉGICAS QUE POSSAM POTENCIALIZAR AS OPORTUNIDADES E PONTOS FORTES E NEUTRALIZAR AS AMEAÇAS E PONTOS FRACOS.....	179
ÁREAS DE ATUAÇÃO E SEUS OBJETIVOS.....	181
DETALHAMENTO DAS METAS.....	182
SIGLAS UTILIZADAS.....	40
DIRIGENTES MUNICIPAIS.....	41
PARTICIPANTES DOS PLANEJAMENTO.....	42

Aracati, 15 de maio de 2011
José Hamilton Saraiva Barbosa

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresento aos aracatienses o Plano que norteará as ações do Governo Municipal de Aracati com relação à educação. Sua elaboração é decorrente de um processo político pedagógico participativo e democrático que sem dúvidas está permeado de compreensões, sentimentos, valores e sonhos dos que comigo desejam realizar uma *“mudança para melhor”* neste município, tendo como alicerce a educação básica de qualidade para todos.

Para construirmos uma sociedade com mais justiça social, e nos livrarmos definitivamente desta herança secular de assistencialismo, exploração e dominação política, necessitamos de um projeto de governo claro com ações estrategicamente planejadas para que possamos realizá-las de forma eficaz, efetiva e transparente. Para tanto, esse esforço coletivo que deu origem ao Plano Estratégico Participativo da Educação para Aracati nos dá a certeza de que com um diagnóstico da situação real e com a projeção do futuro desejado, juntos, Governo e sociedade, trabalhando em parceria, conseguiremos resgatar a dívida com a educação pública.

Certamente com a vontade de acertar, com determinação política e com o compromisso que temos com o nosso povo, tornaremos realidade o sonho de *“acesso, permanência e sucesso”* escolar de todos os cidadãos deste município.

Universalizar o ensino fundamental e erradicar o analfabetismo em Aracati é o desafio posto. Contamos com você!

Prefeito Municipal de Aracati
José Hamilton Saraiva Barbosa

INTRODUÇÃO

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro se acham sempre concluídos em densas tramas, tocadas por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido, de que outras mais visíveis enquanto razão de ser.

Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si".

(Paulo Freire pg18-1994)

Nosso interesse pela elaboração de um planejamento estratégico participativo decorre da concepção de que a organização social do trabalho em educação precisa ser revista pois interfere diretamente no dia-a-dia das nossas salas de aulas. A divisão de papéis entre os que planejam e os que executam as tarefas (herança taylorista-fordista) ainda constitui-se uma presença forte nas relações de trabalho nos espaços escolares. Colocar o educador na posição de mero receptor e transmissor de conhecimentos e informações é no mínimo desumanizante.

Por entender que fazer uma educação de qualidade para todos, passa pela valorização do potencial humano, especialmente dos educadores que a anos a fio produzem um fazer/saber próprio, construído cotidianamente nas suas inúmeras relações socioculturais, foi que decidimos iniciar a nossa administração convocando não só o colegiado da Secretaria Municipal de Educação de Aracati, mas coordenadores, supervisores, diretores e educadores para juntos traçarmos a visão do futuro desejado para a nossa educação e definirmos os caminhos para chegarmos lá.

Objetivando tornar a nossa caminhada mais segura procuramos fazer uma análise do cenário interno e externo, para que já vislumbremos saídas para as variáveis que concorrem para a vulnerabilidade do nosso projeto, definindo ações estratégicas para fortalecer pontos fortes e potencialidades e neutralizar pontos fracos e ameaças.

A definição das áreas de atuação da secretaria, bem como dos objetivos e metas de cada uma delas possibilitou visualizarmos os passos que daremos nessa caminhada rumo a educação desejada para o nosso município.

Porém o cuidado de ao construir o novo não perder o respeito ao velho, nos acompanhou durante toda a trajetória de elaboração desse Plano.

Por fim quero registrar que concordamos com Vivaqua e Junior (1996) quando ressaltaram que: *“o principal produto de um planejamento estratégico desenvolvido com a utilização de uma metodologia participativa não é o planejamento estratégico em si, mas a mudança organizacional proporcionada pelo processo”*.

VISÃO PANORÂMICA DO MUNICÍPIO DE ARACATI

HISTÓRIA

Revisitando a história do município de Aracati nos reportamos ao início do século XVIII e nos reencontramos com a Capitania do Ceará dividida em meia dúzias de vilas, entre estas destacando-se a de Santa Cruz de Aracati por ser a maior em área e em população. Seus edifícios impressionavam pelo estilo Colonial com azulejos trazidos de Portugal . A Vila ostentava considerável riqueza haja visto as 170 lojas de tecidos já existentes naquela época.

Denominada como “Terra dos Bons Ventos” o seu povo ficou embalado e adormecido por muito tempo e hoje em Aracati sopra a esperança de uma “Mudança para Melhor” tendo como referencial a herança cultural deixada pelos grandes homens aqui nascidos e que sobrevivem aos anos servindo de legados para as gerações seguintes.

A terra de “Dragão do Mar”, também conhecida como “Terra dos Apelidos” possui inúmeras riquezas culturais e naturais, mas seu principal potencial é o humano. Um povo orgulhoso de sua história, de suas belas praias - Majorlândia, Canoa Quebrada, Quixaba - de seu Carnaval, preocupado com a preservação do patrimônio cultural e ambiental e possuidor de uma alegria contagiante que encanta e seduz a todos que por aqui passam.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

É o município vasto em território com uma área de 1.428 km², 6m de altitude e uma população aproximada a 65.000 habitantes.

Limita-se ao norte com o Oceano Atlântico e o município de Icapuí; ao sul com os municípios de Itaiçaba, Jaguaruana e Palhano; ao leste com o Estado do Rio Grande do Norte; a Oeste com os municípios de Fortim e Beberibe.

O município de Aracati é cortado de norte a sul pelo rio Jaguaribe, o maior do Estado, cujo nome na linguagem indígena significa “rio das onças”.

O terreno do município é, em geral, plano; na costa arenoso; e ondulado de morros movediços em diversos pontos, formando um bailado de areia colorida que se sobressai entre dunas falésias e mangues embelezando a natureza da terra aracatiense.

INDICADORES EDUCACIONAIS

A Secretaria da Educação do Município de Aracati, numa matrícula inicial, tem um número significativo de 13.444 alunos.

A Educação infantil conta com 961 educandos na Zona Urbana e 463 na Zona Rural nas 12 creches funcionando no município.

1.909 crianças são orientadas por 153 professores na Pré Escola.

Já o Ensino Fundamental atende 9.392 alunos das zonas rural e urbana com 273 professores em 84 escolas. Neste Grau de ensino 31 escolas trabalham pelo sistema de Telensino.

Duas de nossas escolas oferecem o ensino médio que conta com 642 jovens e 43 professores. Ao professor com nível médio está sendo oferecido um cursinho Pré-vesibular promovido por esta secretaria visando sua habilitação para o magistério como determina a nova LDB. Setenta comunidades no Município são beneficiadas pelo sistema de transporte escolar atendendo a 1.450 alunos.

Preocupada com a qualidade e o aperfeiçoamento de seus professores e alunos a Secretaria da Educação apóia 9 alunos que recebem, cada um, uma bolsa de estudos no valor de 1 salário mínimo para fazerem o Curso de Tecnologia no CENTEC (Centro tecnológico) de Limoeiro do Norte; 15 alunos têm passagem gratuita para freqüentarem o Curso Tecnológico de Pacatuba e à Associação dos Universitários de Aracati (ASSUA) no transporte dos universitários, garantindo assim, o acesso à universidade do Rio Grande do Norte, em Mossoró - RN.

Realizamos mensalmente o encontro de diretores e coordenadores das escolas públicas, com o intuito de procedermos a unidade da prática educativa de nossas escolas, através de cursos de aperfeiçoamento, estudos e avaliação da praxis educacional.

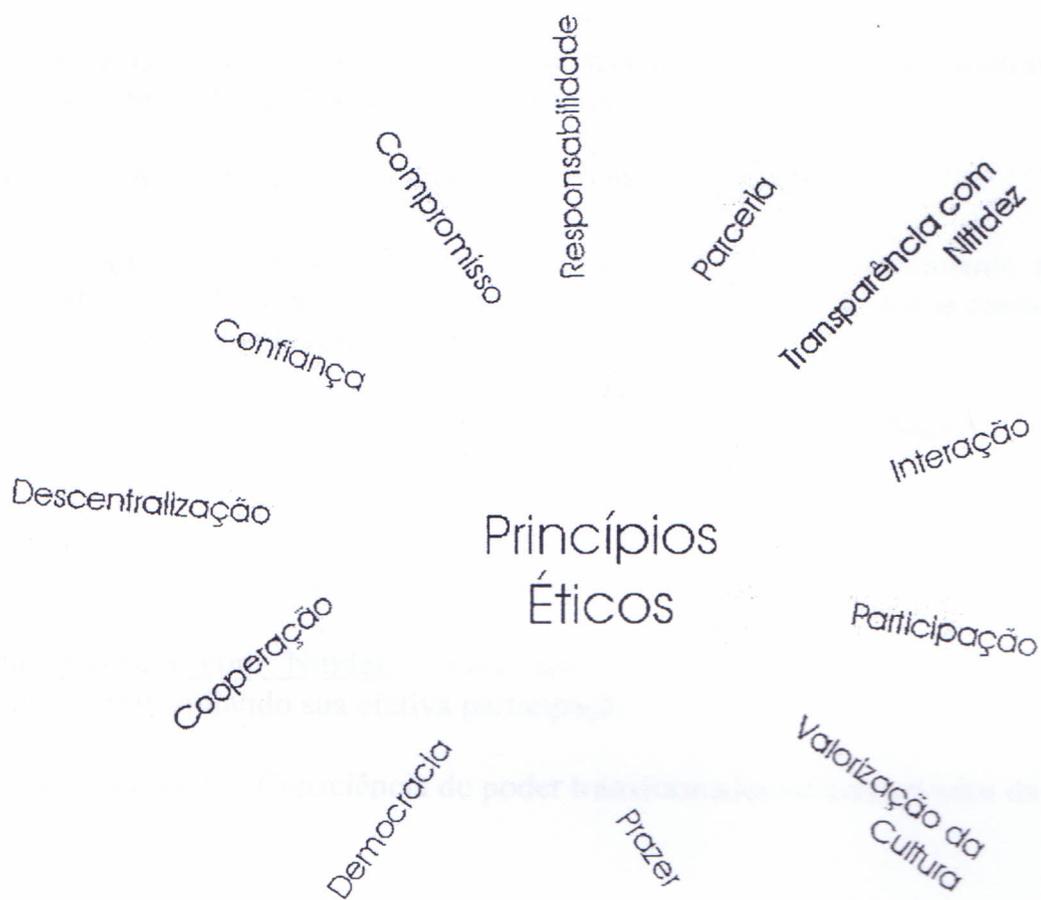
IDENTIDADE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

MENSAGEM

Garantir o direito de aprender com qualidade, a partir dos valores culturais e contribuir para a construção da cidadania

VISÃO DE FUTURO

Todos juntos construindo a cidadania e a educação de qualidade para TODOS



PRINCÍPIOS ÉTICOS

Compromisso - com a construção de um novo mundo, socialmente justo e ecologicamente equilibrado, e um novo homem - solidário e feliz

Confiança - em si, no outro e na capacidade de todos aprenderem com qualidade.

Descentralização - Escola como centro do Sistema Educacional

Cooperação e Parceria - “Todos pela educação de qualidade para todos”

Democracia - Princípio universal que se aprende também na Escola através de atitudes e posturas assumidas pelos atores educacionais

Prazer - “Aprender e ensinar é uma paixão plena de prazer.”

Valorização da Cultura - O processo de construção do conhecimento parte sempre do contexto cultural. Interessa-nos saber o que nossa clientela lê, o que canta, o que conta, o que conversa, o que produz, e como brinca.

Participação - Estímulo à intervenção da comunidade educativa no processo de universalização e melhoria da qualidade do ensino para o exercício pleno da cidadania.

Interação - Interação com a realidade e com o outro. Compreensão de que o sujeito modifica e de como é modificado permanentemente pelo contexto social.

Transparência com Nitidez - Para aproximar a gestão educacional da comunidade educativa subsidiando sua efetiva participação.

Responsabilidade - Consciência do poder transformador ou conservador da educação.

ANÁLISE DO AMBIENTE - MARÇO DE 1997

AMBIENTE INTERNO

PONTOS FRACOS	PONTOS FORTES
Insuficiência de recursos financeiros para uma educação de qualidade;	Compromisso e responsabilidade da maioria com o trabalho;
Deficiência na estrutura física de escolas e da Secretaria de Educação;	Vontade coletiva de oferecer, com amor, paixão e prazer, uma educação de qualidade para TODOS;
Carência de material didático e equipamentos nas escolas;	Postura democrática e ousada do Secretário de Educação no município;
Pouca integração no âmbito da Comunidade Educativa	Grande número de profissionais competentes e qualificados no quadro da educação;
Baixos salários ;	Abertura para parcerias;
Falta de segurança em algumas escolas;	Descentralização do poder de decisão;
Deficiência na comunicação da secretaria com a comunidade educativa;	Consciência dos problemas que envolvem a educação no município;
Descompromisso por parte de alguns funcionários da educação;	Vontade política do Governo Municipal em priorizar a Educação;
Dificuldades na relação professor-aluno;	Sinceridade na equipe gerencial;
Carência de profissionais habilitados em algumas áreas do conhecimento;	Postura acolhedora dos funcionários da educação;
Excesso de servidores não concursados;	Gestão democrática com transparência;
	Liberdade de expressão;
Baixa qualidade nos transportes de apoio ao trabalho da secretaria;	Acompanhamento do trabalho das escolas por parte da secretaria "in loco";
Interferência de políticos na contratação de pessoal e na lotação das escolas comprometendo a transparência administrativa;	Interesse da Secretaria de Educação e do Governo Municipal em melhorar os salários dos educadores;
Pouca agilidade da secretaria em suprir as necessidades materiais das escolas;	Valorização do educando e educador enquanto ser humano e cidadão;
Falta de uma política de incentivos para alunos-professores-funcionários	Credibilidade da sociedade no Governo "Mudamos para Melhor"
	Encontro mensal entre a Secretaria de Educação e coordenadores de todas as escolas públicas do município.
	Abertura ao novo, com vontade de acertar;
	Planejamento estratégico participativo

AMBIENTE EXTERNO

A reflexão sobre o ambiente externo realizou-se em quatro etapas e possibilitou aos participantes vivenciarem um processo de aprendizagem coletiva sobre a relação existente entre os acontecimentos mundiais (Revolução Tecnológica, Globalização e Intercâmbio Cultural, Conferencia Mundial pela Educação de Qualidade para Todos na Tailândia, O envolvimento do UNICEF com a educação, Criação de blocos: MERCOSUL, Proposta de Unificação da Língua Portuguesa); acontecimentos nacionais (Constituição Cidadã de 1988, Eleições Diretas, Estatuto da Criança e do Adolescente, Criação do CONSED e da UNDIME); Plano Decenal de Educação, Encontro de Cúpula com todos os governadores brasileiros, Parceria com o Poder Judiciário no sentido de assegurar o direito a escolarização básica para crianças e jovens, Plano Real, A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Os Recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) transferidos direto para escolas, Fundo de Valorização do Magistério, Reeleição, acontecimentos estaduais (Política de Desenvolvimento do Estado do Ceará com ênfase nas áreas do Turismo, Industrialização e Geração de Emprego e Renda, Interiorização da UECE, Os encontros regionais de educação, Nomeação do atual Secretário de Educação do Estado, Eleições diretas para diretores das escolas públicas, O apoio à gestão participativa na escola (criação dos conselhos escolares), O ensino a distância pela Televisão (telensino), Os Cursos de Treinamento Profissional promovidos pelo SINE, Secretaria de Ação Social e Secretaria de Cultura (Instituto Dragão do Mar), A Proposta de Concurso Unificado para a Rede Pública de Ensino no Ceará) e acontecimentos municipais (ver registro abaixo), com a educação a nível local.

Em cada etapa dos trabalhos os educadores analisaram as ameaças e oportunidades existentes em cada acontecimento relevante ocorrido no cenário externo, bem como elaboraram ações estratégicas capazes de potencializar as oportunidades e neutralizar as ameaças, especialmente a nível municipal, facilitando consideravelmente a percepção de que a revolução da Educação pensada para Aracati se dará de dentro para fora, a partir da mudança na concepção de indivíduo, de sociedade e conseqüentemente de educação.

Acontecimento	Impacto
Políticas educacionais	<ul style="list-style-type: none">• Fortalece a organização dos trabalhadores em educação;• Estimula a habilitação profissional;• Contribui para melhoria da qualidade do ensino.
Recursos financeiros	<ul style="list-style-type: none">• Fomenta o intercâmbio cultural;• Melhora recursos para a educação;• Cria incentivos e preservação de bens culturais para possibilitar o turismo histórico.
Estrutura física	<ul style="list-style-type: none">• Melhora a renda;• Estimula o intercâmbio cultural.

CENÁRIO MUNICIPAL

FATOS	AMEAÇAS	OPORTUNIDADES
União das oposições do Aracati	<ul style="list-style-type: none"> • Pressões político-partidária por cargos e empregos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Viabiliza a sustentação política; • Gera maior participação nas definições políticas do governo; • Estimula o debate e gera vontade de acertar.
Eleição do atual Governo Municipal		<ul style="list-style-type: none"> • Prioridade à educação; • Possibilita as mudanças necessárias para o Aracati; • Garantia dos recursos financeiros além do mínimo constitucional.
Nomeação do atual Secretário de Educação e de sua Equipe.		<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças na educação; • Democratização do governo; • Quebra de velhas oligarquias na educação; • Possibilidade de educação de qualidade para todos.
Compromisso do Prefeito com a Educação.		<ul style="list-style-type: none"> • Prioridade para a educação; • Fortalece politicamente a secretaria viabilizando o alcance do futuro desejado; • Possibilita maior cobrança da sociedade ao governante, dirigentes e auxiliares.
Planejamento Estratégico Participativo da Secretaria de Educação		<ul style="list-style-type: none"> • Fortalece as pessoas, da equipe e o projeto de EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODOS; • Favorece a compreensão por todos da filosofia da educação do município; • Proporciona troca de experiências; • Dissemina a idéia de Planejamento Estratégico Participativo.
Semana Pedagógica Em JAN/97		<ul style="list-style-type: none"> • Fortaleceu a parceria Estado/Município; • Ampliou conhecimentos; • Iniciou um processo de mobilização da sociedade ; • Iniciou no município um processo de aperfeiçoamento dos trabalhadores em educação.
Atraso Salarial, NOV, DEZ E 13º/96 - Gestão Anterior	<ul style="list-style-type: none"> • Desmotivação dos profissionais em educação, comprometendo a qualidade dos trabalhos; • Abandono do magistério. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ressalta a necessidade de organização dos trabalhadores em educação;
Política de recursos Humanos em andamento na Prefeitura de Aracati.	<ul style="list-style-type: none"> • Excesso de Burocracia 	<ul style="list-style-type: none"> • Favorece à organização dos trabalhadores em educação; • Estimula a habilitação profissional; • Contribui para melhoria da qualidade do ensino.
O Turismo	<ul style="list-style-type: none"> • A prostituição; • A depredação do meio ambiente; • Ameaça a identidade cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gera divisas e intercâmbio cultural; • Mais recursos para a educação; • Pode incentivar a preservação do meio ambiente para possibilitar o turismo ecológico.
O Carnaval	<ul style="list-style-type: none"> • Pasteurização cultural; • A evasão dos recursos públicos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Gera renda; • Estabelece intercâmbio cultural.

Os Encontros Mensais com Coordenadores e Diretores	<ul style="list-style-type: none"> • Não passar de encontros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Democratiza a gestão da educação municipal; • Dá unidade às ações pedagógicas no município; • Facilita trocas de experiências.
A Parceria do Município com o Estado	<ul style="list-style-type: none"> • Universalização forçada do telensino. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode gerar recursos; • Oportuniza a tecnologia na educação; • Fortalece a política de educação do município.
Parceria da Secretaria Municipal de Educação com as de Ação Social, Saúde e Cultura.		<ul style="list-style-type: none"> • Amplia e otimiza a ação da Secretaria de Educação; • Influencia aos demais Órgãos públicos a trabalharem em parceria.
Credibilidade do atual Governo Municipal	<ul style="list-style-type: none"> • As cobranças são maiores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Facilita a mobilização e o engajamento da sociedade; • Abre as portas do município para novas parcerias.
Consórcio Inter-Municipal (Fortim, Icapuí e Aracati)		<ul style="list-style-type: none"> • Fortalece a educação em nível regional; • Favorece troca de experiências; • Pode reduzir despesas.

AÇÕES ESTRATÉGICAS QUE POSSAM POTENCIALIZAR AS OPORTUNIDADES E PONTOS FORTES E NEUTRALIZAR AS AMEAÇAS E PONTOS FRACOS

1. Publicar e divulgar este plano estratégico da educação de Aracati com vistas a fortalecer parcerias nos projetos para universalização e melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas.
2. Propor emenda à Lei Orgânica do Município estabelecendo aumento do percentual de recursos financeiros destinados à educação.
3. Estabelecer um orçamento participativo envolvendo coordenadores e diretores para um atendimento adequado à realidade da escola.
4. Engajar o município na realização do concurso único para o magistério.
5. Realizar uma campanha de combate ao desperdício e de respeito ao bem público.
6. Implementar uma política de recuperação salarial dos educadores e de incentivo profissional articulada com a elaboração participativa do plano de cargos e carreiras e reestruturação do estatuto do magistério.
7. Constituir um grupo de estudo permanente com a participação do colegiado da Secretaria de Educação e de um representante de cada Secretaria Parceira.
8. Estabelecer e cumprir um calendário de reuniões do colegiado da secretaria com pautas pré definidas.
9. Realizar um trabalho de relações humanas com o colegiado da Secretaria.
10. Organizar e divulgar relatórios periódicos das escolas Públicas de Aracati.
11. Implantar um campus avançado da UECE no município, oferecendo cursos de acordo com as reais demandas do Aracati e municípios de nossa Região.
12. Fortalecer a comunicação da Secretaria de Educação com toda a sociedade aracatiense.
13. Montar e viabilizar a veiculação em rádio de um programa periódico dedicado à educação.
14. Realizar mensalmente prestações de contas o mais pormenorizada possível das ações desenvolvidas e dos recursos utilizados, através de um jornal mural mensal e seminários nas escolas abertos à participação da comunidade.
15. Incentivar a autonomia escolar apoiando a criação ou o fortalecimento de Conselhos e Fundos Escolares.
16. Incentivar através das coordenações das escolas a criação de grêmios estudantis ou outras formas de organização do aluno.
17. Estabelecer um processo participativo de escolha das direções escolares.
18. Oportunizar encontros de convivência com a comunidade educativa para viabilizar união, confiança e sinceridade.
19. Realizar colóquios para interação entre a educação e os diversos segmentos sociais organizados do município.
20. Implementar um programa de controle social da qualidade do transporte escolar.
21. Renovar frota de veículos de acordo com as possibilidades financeiras do fundo de educação.
22. Elaborar projetos visando o aperfeiçoamento permanente dos educadores, aquisição de material didático e equipamentos, bem como, a melhoria das condições físicas das escolas.
23. Fortalecer o curso supletivo para habilitar professores e oportunizar aos jovens fora de faixa etária o acesso à educação.

24. Realizar estudos de impacto e viabilidade financeira, envolvendo o sindicato dos servidores públicos, para a isonomia entre educadores infantis e do ensino fundamental quando da implantação do fundo de valorização do magistério.
25. Estruturar um programa de acompanhamento pedagógico regionalizado, centrado no aperfeiçoamento permanente dos diretores e coordenadores de escolas e creches.
26. Elaborar e implementar um programa de incentivo ao aluno, às escolas e aos profissionais de educação.
27. Lançar bases para oportunizar a profissionalização de jovens e adultos no âmbito da educação pública no município.
28. Estruturar e implementar um sistema de avaliação multidirecional e processual incluindo a avaliação externa das escolas.
29. Editar um livro didático resgatando, de forma acessível a todos, a história do Município.
30. Difundir a consciência ecológica na sociedade aracatiense através de atitudes e ações concretas nas escolas.
31. Realizar encontro anual com toda Comunidade Educacional do município.
32. Implementar um curso Pré - Vestibular, para oportunizar o ingresso de professores na Universidade.

Gestão educacional participativa

Implantar processo de descentralização do sistema educacional criando canais de efetiva participação popular e de planejamento das ações educacionais do Município.

Educação especial

Realizar estudos e projetos de recuperação, expansão e melhoria da rede educacional para atender às necessidades educacionais especiais das crianças e jovens.

Educação de jovens e adultos

Organizar cursos de alfabetização e de formação profissional para jovens e adultos, visando a melhoria da qualidade de vida e a inserção no mercado de trabalho.

Ensino médio

Organizar cursos de formação de professores e de aperfeiçoamento de docentes em serviço, visando a melhoria da qualidade do ensino médio.

Ensino superior

Organizar cursos de formação de professores e de aperfeiçoamento de docentes em serviço, visando a melhoria da qualidade do ensino superior.

ÁREAS DE ATUAÇÃO E SEUS OBJETIVOS

Cultura, esporte e recreação

Difundir no âmbito da comunidade escolar conceitos e práticas que contribuam para o desenvolvimento dos valores culturais, humanos e sociais, tornando a educação mais prazerosa e atraente.

Ensino fundamental

Garantir o ensino fundamental de qualidade para todas as crianças de 07 a 14 anos, visando desenvolver suas potencialidades, seus valores culturais e sua integração com o meio ambiente.

Gerenciamento administrativo

Gerenciar o Orçamento da Educação de forma participativa e transparente para administrar as atividades meio garantindo uma educação de qualidade para todos.

Educação infantil

Garantir o acesso, a permanência e o sucesso da criança no processo de alfabetização que se inicia na creche e se estende às 1^{as} séries do Ensino Fundamental para formarmos leitores e escritores críticos e criativos.

Avaliação institucional

Criar mecanismos capazes de estabelecer uma nova cultura de avaliação processual, multidirecional e permanente.

Educação ambiental

Reeducar o homem para a utilização e a preservação do meio ambiente, buscando o necessário equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e conservação dos recursos vivos e renováveis.

Mobilização social e comunicação

Estabelecer uma mobilização permanente da sociedade pela educação de qualidade para todos centrada na participação da comunidade, no cotidiano da escola, na realização de eventos e comemorações de datas significativas.

Gestão educacional participativa

Implementar um processo de descentralização do sistema educacional criando canais de efetiva participação popular com a comunidade no gerenciamento das ações educacionais do Município.

Educação especial

Possibilitar às crianças portadoras de necessidades especiais a integração no ensino regular, oferecendo um acompanhamento que atenda às demandas específicas

Educação de jovens e adultos

Oferecer oportunidade de habilitação de professores para o magistério e de alfabetização, profissionalização e aceleração da escolaridade para jovens e adultos.

Ensino médio

Cooperar com a SEDUC no Acompanhamento Pedagógico do Ensino Médio no âmbito do Município, no sentido de garantir a qualidade da oferta, capacitando o jovem aracatiense para o mercado de trabalho, acesso ao Ensino Superior e o exercício pleno da cidadania.

Ensino superior

Estabelecer parceria com instituições de ensino superior, para implementação de cursos de acordo com a demanda dos Municípios da região, visando o seu desenvolvimento.

DETALHAMENTO DAS METAS

Metas de longo prazo: 1. Desenvolver e implementar programas de intervenção em áreas prioritárias;

2. Criar e desenvolver

programas de intervenção

em áreas prioritárias;

3. Criar e desenvolver

programas de intervenção

em áreas prioritárias e implementar programas de intervenção em áreas prioritárias;

4. Criar e desenvolver programas de intervenção em áreas prioritárias;

5. Criar e desenvolver programas de intervenção em áreas prioritárias;

6. Criar e desenvolver programas de intervenção em áreas prioritárias;

Formar o Comité de Acompanhamento do Projeto Municipal e realizar o diagnóstico de recursos disponíveis para a implementação do projeto;

Elaborar o plano de intervenção do projeto;

Realizar o diagnóstico de recursos disponíveis para a implementação do projeto;

Elaborar o plano de intervenção do projeto;

Realizar o diagnóstico de recursos disponíveis para a implementação do projeto;

Elaborar o plano de intervenção do projeto;

Realizar o diagnóstico de recursos disponíveis para a implementação do projeto;

Elaborar o plano de intervenção do projeto;

Realizar o diagnóstico de recursos disponíveis para a implementação do projeto;

2007/2008

2008/2009

2009/2010

2010/2011

2011/2012

2012/2013

2013/2014

2014/2015

2015/2016

2016/2017

2017/2018

2018/2019

2019/2020

2020/2021

2021/2022

2022/2023

2023/2024

2024/2025

2025/2026

2026/2027

2027/2028

2028/2029

2029/2030

2030/2031

2031/2032

2032/2033

2033/2034

2034/2035

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Cultura, Esporte e Recreação

Objetivo: Difundir no âmbito da comunidade escolar conceitos e práticas que contribuam para o desenvolvimento dos valores culturais, humanos e sociais, tornando a educação mais prazerosa e atraente.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVELS		
		1997	1998	1999	2000						
Levar às escolas a história e o folclore de Aracati	<ul style="list-style-type: none"> Realizar pesquisas e entrevistas Buscar patrocínios Elaborar e confeccionar livro didático e vídeo Gincana cultural sobre o livro Criar grupos teatrais. Realizar excursões aos locais históricos e a manifestações folclóricas 		•					Secretarias de Cultura Ação Social e de Turismo	Universidades IDACE Museu Jaguaribano IPHAN SECULT UNICEF	Humanos, financeiros e materiais	DAE e um conselho formado por representantes das Secretarias envolvidas Comissão de defesa do patrimônio.
Formar o Coral do Município e realizar curso de musicalização para professores.	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de projeto Captação de recursos Implementação do projeto 	•	•	•	•	•	•	Secretaria de Cultura e Desporto	Empresas SECULT	Financeiros, Humanos e Materiais	DAE e DEN - Secretaria de Educação do Município
Equipar as escolas com materiais e áreas esportivas, de recreação e de lazer comunitário.	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento das prioridades de cada escola Buscar convênios e/ou patrocínios para a aquisição de material 		•	•				Secretarias de Ação Social e de Cultura e Desporto	SECULT FADEC Empresas	Materiais, Financeiros e Humanos	Secretarias Municipais: de Educação e de Cultura e Desporto
Proporcionar o aperfeiçoamento dos profissionais da área de esportes e recreação.	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer convênio com a FADEC e/ou Universidades Definição de calendário Realização de cursos 	•	•	•	•			Secretarias Municipais de Cultura e Desporto Ação Social	Universidades SECULT	Humanos, Financeiros e Materiais	DAE e um Conselho formado por representantes das Secretarias envolvidas.
Garantir a prática esportiva, de recreação e de lazer constante nas Escolas	<ul style="list-style-type: none"> Criação de um GT de Educação Física Aquisição e distribuição às Escolas de materiais esportivos. 	•	•	•	•	•	•	Secretarias de Saúde e de Cultura e Desporto	SECULT FADEC LAD	Humanos Materiais e Financeiros	DAE GT Educ. Física

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL			
		1997	1998	1999	2000							
Realizar Olimpíadas escolares	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento de praças esportivas Definição das competições Escolha das modalidades Inscrições Premiações 	•	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Cultura, Ação Social e Saúde	Universidades SECULT FADEC	Humanos, Materiais e Financeiros	DAE, um Conselho formado pelas Secretarias envolvidas e GT de Educ. Física.
Oferecer oportunidade de capacitação para bibliotecários municipais	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento dos bibliotecários municipais Fazer acordo com os Diretores das escolas que possibilitem o estágio de capacitação 	•	•						Secretaria Municipal de Cultura	SECULT SEDUC		DAE, DEN E DAF - Secretaria da Educação do Município
Atualizar o acervo cultural das bibliotecas públicas municipais	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento do atual acervo Mobilizar a sociedade para doações e patrocínios Solicitar doações das diversas editoras existentes no Estado Compra de livros de suma importância para atender as pesquisas solicitadas Catalogar e selecionar o acervo: 	•	•	•	•	•	•	•	Secretaria Municipal de Cultura	Sociedade local, Editoras, Colégios SECULT SEDUC EMPRESAS MEC	Humanos, Materiais e Financeiros	DAF, DAE e DEN - Secretaria da Educação do Município

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Ensino Fundamental

Objetivo: Garantir o ensino fundamental de qualidade para todas as crianças de 07 à 14 anos, visando desenvolver suas potencialidades, seus valores culturais e sua integração com o meio ambiente.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Garantir o acesso, a permanência e o sucesso, na escola, de todas as crianças de 7 a 14 anos.	<ul style="list-style-type: none"> Fazer levantamento de todas as crianças fora de sala de aula através de visitas domiciliares. Sensibilizar os pais a respeito da importância da criança na sala de aula Garantir a presença do professor, do espaço e dos recursos didáticos Monitoramento da evasão escolar 	•	•	•	•	•	Todas as Secretarias Municipais	Poder Judiciário, Gov. Federal, Estadual, Conselho Tutelar, ONGs, Meios de Comunicação	Financeiros, Humanos e Materiais	DEN - Secretaria Municipal de Educação
Aperfeiçoar o quadro de educadores nas diversas áreas do conhecimento.	<ul style="list-style-type: none"> Promover cursos de Aperfeiçoamento Implantar Campus Universitário Avançado. 	•	•	•	•	•	Secretarias Mun. de Administração e Saúde	Universidades SEDUC, MEC, UNICEF, SAS.	Humanos, Financeiros e Materiais	DEN e DAF - Secretaria de Educação do Município
Ampliar a oferta de salas de aula próprias ao Ensino para atender toda a demanda.	<ul style="list-style-type: none"> Fazer um levantamento do número necessário de novas salas de aula Fazer orçamento Buscar parcerias e recursos financeiros. 	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Administração Saúde, Cultura e Obras.	FNDE, SEDUC e Comunidade.	Humanos, Financeiros e Materiais	DEN e DAF - Secretaria de Educação do Município.
Prover todas as escolas de recursos didáticos, pedagógicos e materiais para o seu pleno funcionamento, no início de cada ano letivo	<ul style="list-style-type: none"> Previsão do número de alunos; Pré-Matricula nos meses de novembro. Solicitação de recursos junto às Instituições afins Distribuição equitativa junto às escolas 	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Cultura e de Saúde	SEDUC MEC FNDE Outras Instituições	Humanos, Financeiros e Materiais	DEN, DAF e DAE - Secretaria de Educação do Município

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL						
		1997	1998	1999	2000										
Acabar com a evasão escolar, reduzir o índice de reprovação e de distorção idade/série.	<ul style="list-style-type: none"> Melhorar a qualidade do Ensino Tornar a Escola atraente e prazerosa Implantar um Sistema de avaliação Institucional contínua e multidirecional Acompanhamento e fortalecimento por parte dos Coordenadores Escolares e equipe da Secretaria de Educação aos planejamentos dos professores. Garantir eficiência e eficácia do Programa de Merenda Escolar. 	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	Comunidade Escolar e todas as Secretarias Municipais.	SEDUC Poder Judiciário Conselhos constituídos no âmbito da Educação Municipal, FNDE Comunidade FAE	Humanos, Financeiros e Materiais	Secretaria de Educação do Município

METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI

Área de Atuação: Gerenciamento Administrativo

Objetivo: Gerenciar o Orçamento da Educação de forma participativa e transparente para administrar as atividades meio, garantindo uma educação de qualidade para todos.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL			
		1997	1998	1999	2000							
Prestar contas mensalmente à comunidade educativa, dos recursos movimentados no Fundo Municipal de Educação.	<ul style="list-style-type: none"> Publicar prestação de contas nas escolas, repartições públicas e locais de grande fluxo de pessoas 	•	•	•	•	•	•	•	Assessoria de comunicação da P. M. A	Meios de Comunicação e Comunidade.	Humanos, Financeiros e Materiais	DAF - Secretaria Municipal de Educação.
Decidir conjuntamente com Diretores, Coordenadores e Conselhos Escolares o orçamento anual e a aplicação dos recursos financeiros da Secretaria de Educação	<ul style="list-style-type: none"> Reuniões mensais com os Diretores, Coordenadores e Conselhos Escolares Decidir as prioridades do mês subsequente Levantamento dos gastos fixos da Secretaria e da estimativa dos repasses ao Fundo Municipal de Educação. 	•	•	•	•	•	•	•	Secretaria Municipal de Finanças e Comunidades Escolares	Comunidade Sindicatos, Empresários Poder Legislativo do Município	Humanos e Financeiros	DAF - Secretaria Municipal de Educação
Participar da Elaboração do Plano de Cargos e Carreiras dos Funcionários Públicos Municipais.	<ul style="list-style-type: none"> Analisar e atualizar cadastro e documentação funcional de todos os profissionais da Educação. Organizar Grupo de Estudo para gerar subsídios ao PCC no tocante aos interesses dos educadores. 	•							Todas as Secretarias Municipais	SEDUC UECE, Sind. dos Servidores, Instituto Participação,	Humanos e Financeiros	DEN e DAF - Secretaria Municipal de Educação.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL			
		1997	1998	1999	2000							
Reformular o Estatuto do Magistério.	<ul style="list-style-type: none"> Formar grupo de estudo com a representação da categoria para a reformulação do Estatuto do Magistério Submeter uma proposta de reformulação à apreciação da Comunidade Educativa Buscar aprovação das reformulações propostas ao Legislativo, publicar e divulgar o Estatuto Reformulado. 	•	•					Secretarias Municipais de Administração e de Finanças Assessoria Jurídica	SEDUC Organiza Instituto participação Sindicato dos Servidores.	Humanos	DEN e DAF - Secretaria Municipal de Educação	
Participar da Realização do Concurso Público Municipal.	<ul style="list-style-type: none"> Definir a carência de pessoal da Educação. Firmar convênio com a SEDUC e UECE para a operacionalização do Concurso para o Magistério Nomeação dos selecionados. 	•						Todas as Secretarias Municipais.	SEDUC UECE	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN e DAF - Secretaria Municipal de Educação	
Monitorar o cardápio da merenda escolar considerando as características regionais	<ul style="list-style-type: none"> Colher sugestões para o cardápio junto a Comunidade Educativa Contratar serviços de profissionais da área de Nutrição Realizar Cursos de aperfeiçoamento para as merendeiras envolvendo as coordenações e Conselhos Escolares. 	•	•		•		•	Secretarias Municipais de Ação Social, de Saúde, de Cultura e de Agricultura	SEDUC FNDE Comunidade	Humanos, Materiais e Financeiros	DAE - Secretaria Municipal de Educação.	
Equipar e conservar todo patrimônio público Escolar gerando condições adequadas de funcionamento	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver campanhas educativas Elaborar Projetos de captação de recursos 	•	•	•	•	•	•	•	Todas as Secretarias Municipais	SEDUC FNDE Meios de Comunicação	Humanos, Materiais e Financeiros	DAF e DAE - Secretaria Municipal de Educação.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Implementar e gerenciar o Sistema de Informações Educacionais.	<ul style="list-style-type: none"> Definir chefia e equipe da Sub-unidade de Informações Educacionais Oferecer infra-estrutura e Informatizar a Sub-unidade. Aperfeiçoamento de pessoal Coletar, organizar e publicar os Indicadores Educacionais do Município. 	•	•				Secretarias Municipais de Ação Social e de Saúde	IBGE SEDUC Conselhos Escolares Agentes de Saúde	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação
Renovar e ampliar a frota de veículos da Secretaria de Educação.	<ul style="list-style-type: none"> Avaliar a frota e leiloar os carros sem condições de uso. Elaborar projetos de captação de recursos 	•	•				Secretarias Municipais de Administração e de Finanças	FNDE Empresas	Financeiros	DAF - Secretaria Municipal de Educação

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Educação Infantil

Objetivo: Garantir o acesso, a permanência e o sucesso da criança no processo de alfabetização que se inicia na creche e se estende às 1^{as} séries do ensino fundamental para formarmos leitores e escritores críticos e criativos.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL		
		1997	1998	1999	2000						
Construção de campinhos e parques infantis alternativos em todas as instituições infantis	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do espaço físico • Elaboração do projeto para sensibilizar parceiros e captar recursos. 	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Obras e de Ação Social e Comunidade	Instituições afins Comunidade	Humanos, Financeiros e Materiais	DAE- Secretaria Municipal de Educação e GT Alfa.
Criar grupos de estudos permanentes sobre educação infantil em Instituições escolares.	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a idéia • Sensibilizar os grupos • A mobilização dos grupos 	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Ação Social, Saúde e de Cultura	UNICEF SAS SEDUC	Humanos, Financeiros e Materiais	GT Alfa. Coordenação das Creches
Atualizar anualmente o Censo educacional comunitário para compatibilizar a oferta e a demanda na área de Educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Coleta de dados • Análise dos dados • Providências cabíveis 	•	•	•	•	•	•	Comunidades escolares	SEDUC Agentes de Saúde Comunidade	Humanos, materiais e Financeiros	Secretarias Municipais de Educação e de Ação Social
Curso de aperfeiçoamento para educadores envolvidos no processo de alfabetização, bem como de relações Humanas	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer um levantamento, entre os educadores, dos temas relevantes • Contratar instrutores ou firmar convênio com instituições afins. 	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Ação Social, de Cultura e de Saúde	SEDUC SAS Universidades ONGs UNICEF	Humano, Materiais e Financeiros	Secretarias Municipais de Educação e de Ação Social.
Analisar e divulgar a proposta pedagógica para a Educação Infantil no Município.	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição de cópias à Comunidade Educativa • Seminários para os profissionais de educação infantil estudarem a proposta 	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Ação Social e de Cultura	SEDUC SAS UNICEF	Humanos Materiais e Financeiros	Secretarias Municipais de Ação Social e de Educação.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Ampliar no prazo emergencial uma sala de aula nas creches: Zilda Alexandre Gondim, Renato Caminha, Armando Dias Simões e Majorlândia.	<ul style="list-style-type: none"> • Buscar financiamento para a construção • Realização da obra 	•	•				Secretarias Municipais de Ação Social e de Obras.	FEBEMCE	Financeiros	Secretarias Municipais de Ação Social e de Educação.
Construir uma Brinquedoteca que atenda a todas as Instituições Infantis do município	<ul style="list-style-type: none"> • Comprar brinquedos educativos • Organizar a sala de empréstimos de brinquedos • Organizar o fichário • Agilizar funcionamento da Oficina de Brinquedos 	•	•				Secretarias Municipais de Ação Social e de Cultura.	Comunidade UNICEF ABRINQ	Financeiros, Materiais e Humanos.	Secretarias municipais de Ação Social, de Cultura e de Educação
Encontros Regionais dos profissionais da área de educação infantil para repasse de experiências e aprofundamentos teóricos	<ul style="list-style-type: none"> • Efetivação do consórcio intermunicipal • Elaborar um calendário de encontros 	•	•				As Prefeituras Consorciadas	SEDUC UNICEF ONGs	Humanos e Financeiros	Secretarias Municipais de Educação e de Ação Social dos municípios envolvidos
Ampliar o atendimento de creche na zona urbana e rural baseado no censo educacional	<ul style="list-style-type: none"> • Atualização do Censo • Montar diagnóstico real da situação da educação infantil no município • Construir e equipar as instituições necessárias para atender às demandas 	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Ação Social, de Obras e de Saúde	FEBEMCE, SAS, Agências financiadoras	Financeiros, Humanos e Materiais	Secretarias Municipais de Ação Social e de Educação

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Avaliação Institucional

Objetivo: Criar mecanismos capazes de estabelecer uma nova cultura de avaliação processual, multidirecional e permanente.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Realização de Seminários com os diversos Conselhos instituídos no âmbito da Educação Municipal	<ul style="list-style-type: none"> Organização estrutural dos Seminários Divulgação Realização 		•	•	•	•	Todas Secretarias Municipais.	SEDUC Universidades Instituto Participação	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN, DAE e DAF - Secretaria Municipal de Educação
Aperfeiçoamento para Diretores, Coordenadores e Professores	<ul style="list-style-type: none"> Organização estrutural Divulgação Encontros 	•						SEDUC Universidades CEC Instituto Participação.	Humanos, Materiais e Financeiros.	DEN e DAF - Secretaria Municipal de Educação.
Abolir a tradicional Semana de Provas.	Sensibilização da Comunidade Educativa		•				Secretaria Municipal de Cultura	SEDUC CEC	Humanos	DEN - Secretaria Municipal de Educação.

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Educação Ambiental

Objetivo: Reeducar o homem para a utilização e a preservação do meio ambiente, buscando o necessário equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e conservação, dos recursos vivos, e dos renováveis.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA								PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL
		1997	1998	1999	2000	1997	1998	1999	2000				
Reciclar todo lixo limpo das escolas de Aracati	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientização da comunidade escolar através de folhetos, palestras . . . • Seleção do lixo na Escola • Coleta do lixo e Reciclagem 		•	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Cultura, Turismo, Saúde e Obras	Industrias de Reciclagem de Universidades SEMACE	Humanos, Financeiros e Materiais.	Coordenação da Educação Ambiental no Município.
Aperfeiçoar todos os Educadores para a "Educação. Ambiental"	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de Cursos • Elaboração de Projeto Participativo 	•	•	•	•	•	•	•	Secretarias Municipais de Cultura, Turismo e Agricultura	IBAMA SEMACE MEC SEDUC Universidades	Humanos, Financeiros e Materiais.	Coordenação da Educação Ambiental no Município	
Promover a Arborização das Escolas	<ul style="list-style-type: none"> • Preparação da área para o plantio. • Obtenção de mudas. • Organização dos cuidados permanentes e necessários. 	•	•						Secretarias Municipais de Obras, de Agricultura e de Cultura.	IBAMA EMBRAPA	Financeiros, Humanos e Materiais	Coordenação da Educação Ambiental no Município.	

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL			
		1997	1998	1999	2000							
Explorar o Meio Ambiente próximo às escolas para registro de áreas com potencialidades ecológicas e culturais que possibilitem a formação de trilhas	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientização da Comunidade Escolar. • Registrar trilhas • Interligação de trilhas através de passeios com as Comunidades. 	•	•						Secretarias Municipais de Cultura, de Turismo, de Saúde e de Obras Escolas	IBAMA SEMACE de Comunidade	Humanos, Financeiros e Materiais	Coordenação da Equipe de Educação Ambiental

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Mobilização Social e Comunicação

Objetivo: Estabelecer uma mobilização permanente da sociedade pela educação de qualidade para todos centrada na realização de eventos e comemorações de datas significativas.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Realizar um colóquio com cada segmento social do município para informar, sensibilizar, mobilizar e estabelecer parcerias	<ul style="list-style-type: none"> Definir os segmentos que serão mobilizados Preparar calendário Definir conteúdos, dinâmicas e local Encaminhar convites Proceder relatório e divulgação 	•		•			Todas as Secretarias Municipais e Assessorias.	SEDUC, CDL, Clubes de serviço, Bancos, Empresas, Poder Legislativo, Poder Judiciário, UNICEF, Imprensa local	Financeiros, Humanos e Materiais	DAE - Secretaria Municipal de Educação
Proceder a um Diagnóstico Socioeconômico das famílias residentes em Aracati.	<ul style="list-style-type: none"> Elaborar instrumento de coleta de dados - Ficha Familiar Definir uma premiação atraente para ser sorteada entre os estudantes que colaborarem com a pesquisa Distribuir e orientar o preenchimento da Ficha Familiar Recolher, tabular e divulgar o diagnóstico realizado. 	•					Todas as Secretarias Municipais	Comunidade Educativa, Conselhos constituídos, Imprensa local, Escolas particulares e Estaduais	Financeiros, Humanos e Materiais	DAE - Secretaria Municipal de Educação
Realizar um encontro anual de educação destinados a toda sociedade aracatiense	<ul style="list-style-type: none"> Definir tema, conteúdos, dinâmicas e palestrantes Definir data e local Realizar ampla divulgação (Rádio, TV, Cartazes, etc.) Relatório e publicação 	•	•	•		•	Todas as Secretarias Municipais	CEC, SEDUC, DEMEC, Imprensa local, Colégios Particulares	Financeiros, Humanos e materiais	DAF, DEN, DAE Secretaria Municipal da Educação

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL		
		1997	1998	1999	2000						
Realizar levantamento e divulgação do perfil de professor e de escola que o estudante de Aracati deseja.	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilizar as escolas e, especialmente, estudantes. Elaborar, produzir e distribuir material necessário Recolher e sistematizar (tabular resultados) Elaborar e divulgar cartazes com a síntese do resultado 		•					Assessoria de Comunicação	Grêmios Estaduais, UMES, SEDUC UNICEF, Imprensa local, Empresas e Comunidade.	Humanos, Materiais e Financeiros.	DAE - Secretaria Municipal de Educação.
Montar e realizar exposição itinerante da situação educacional do município.	<ul style="list-style-type: none"> Selecionar material para exposição (fotos, cartazes, relatórios, etc.) Levantar dados educacionais de interesse de toda comunidade Preparar tabelas e gráficos com os indicadores Garantir uma assessoria de comunicação para acompanhar todos eventos da educação Definir cronograma e locais para realizar a exposição 	•	•	•	•	•	•	Todas as Secretarias Municipais e Assessorias	Imprensa local, Igrejas, Bancos e outros segmentos organizados da Sociedade	Humanos, Materiais e Financeiros	DAE - Secretaria Municipal de Educação
Produzir e veicular um programa de Rádio com 1h/semanal.	<ul style="list-style-type: none"> Assegurar uma assessoria de comunicação para produção do programa Buscar patrocínio de empresas Divulgar a idéia às escolas no sentido de que estas inscrevam experiências para serem veiculadas Definir, de forma participativa, os conteúdos e os participantes do programa Firmar contrato com uma Rádio local 	•	•	•	•	•	•	Assessoria de Comunicação e Secretaria Municipal de Cultura	Empresas, Imprensa local, SEDUC UNICEF, FM Universitária, Fundação Roquete Pinto	Financeiros, Humanos e Materiais	DAE - Secretaria Municipal de Educação

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL
		1997	1998	1999	2000				
Elaborar e divulgar Calendário de datas comemorativas no Município	<ul style="list-style-type: none"> Definição de forma participativa das principais datas e formas de comemoração 	•	•	•	•	Assessoria de Comunicação	Comunidade Educativa	Humanos	DAE - Secretaria Municipal de Educação
Elaborar e distribuir mensalmente um Jornal Mural a cada sala de aula e pontos de grande movimento de pessoas	<ul style="list-style-type: none"> Articular com a assessoria de comunicação da PMA ou contratar uma específica para a educação Reservar espaço para as próprias salas de aula veicularem suas notícias Produzir, orçar, empenhar e autorizar confecção em gráfica Distribuir 	•	•	•	•	Assessoria de Comunicação	Escolas Particulares e Estaduais, Grêmios Estudantis, e Patrocinadores	Financeiros, Humanos e Materiais	DAE - Secretaria Municipal de Educação

METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI

Área de Atuação: Gestão Educacional Participativa

Objetivo: Implementar um processo de descentralização do sistema educacional criando canais de efetiva participação popular com a comunidade no gerenciamento das ações educacionais do município.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL
		1997	1998	1999	2000				
Implementação dos Conselhos Escolares	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilização Eleição Legalização 	•	•	•		Secretarias de Ação Social e de Cultura	Comunidade Educativa	Humanos, Materiais e Financeiros	Secretaria Municipal de Educação
Reestruturação do Conselho Municipal da Educação	<ul style="list-style-type: none"> Assembléia dos Conselheiros Avaliação da estrutura de funcionamento do processo eletivo Legalização 	•	•			Secretarias envolvidas	Segmentos Organizados da Sociedade	Humanos, Materiais e Financeiros	Secretaria Municipal de Educação
Implementação do Conselho de Diretores e Coordenadores Escolar	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilização a partir dos encontros mensais Eleição Legalização: 	•	•	•		Secretaria Municipal. de Educação	Escolas Estaduais Escolas Particulares	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação
Criação de Grêmios Estudantis em todas as escolas	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilização Divulgação Eleição Legalização 	•	•	•		Secretarias envolvidas	Comunidade Educativa UMES	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação
Implementação do Conselho Municipal de Estudantes	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilização a partir dos Grêmios Estudantis Eleição Legalização 		•	•		Secretarias envolvidas	Grêmios Estudantis, UJS, UMES	Humanos, Materiais e Financeiros	DAE - Secretaria Municipal de Educação

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Implementar um Sistema de Escolha para as Direções de Escolas e Creches, que combine aferição de competência e de Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão do Projeto de Lei apresentado na Câmara de Vereadores • Encaminhamento de sugestões • Aprovação do Projeto de Lei pela Câmara Municipal • Registro de candidato e de seu Projeto Pedagógico para a Escola • Prova de seleção • Eleição • Posse 		•				Todas as secretarias Municipais	Câmara Municipal, Assessoria Jurídica e Comunidade Educativa	Humanos, Materiais e Financeiros	Secretaria Municipal de Educação

METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI

Área de Atuação: Educação especial

Objetivo: Possibilitar às crianças portadoras de necessidades especiais a integração no ensino regular, oferecendo um acompanhamento que atenda as demandas específicas

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL		
		1997	1998	1999	2000						
Identificar, no âmbito do Município, as crianças portadoras de necessidades especiais.	<ul style="list-style-type: none"> Sensibilizar e fornecer informações aos Diretores Elaborar a ficha cadastral e cronograma Divulgar e realizar o cadastro Triagem dos casos 	•	•					Secretarias Municipais de Saúde e de Ação Social	UNICEF, APAE, SEDUC, CDL e Fundação Regina Siqueira	Financeiros, Humanos e Materiais	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação
Realizar experiência piloto em uma escola municipal para dar início ao atendimento das crianças portadoras de necessidades especiais.	<ul style="list-style-type: none"> Escolher a escola Reunião com a comunidade da escola Definir e capacitar profissionais Equipar a sala Definir a clientela a ser atendida Dar início às aulas Avaliar o trabalho semanalmente 		•					Secretarias Municipais de Saúde e Ação Social	UNICEF, APAE, SEDUC, Fundação Regina Siqueira	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação.
Fazer um trabalho de fortalecer o engajamento da Sociedade com a educação especial.	<ul style="list-style-type: none"> Realizar programa de palestras com especialistas Estabelecer e divulgar calendário e local das palestras Reunião com os encarregados para avaliar os Seminários 		•	•				Secretarias Municipais de Saúde, de Ação Social e de Cultura	UNICEF, APAE, SEDUC e Fundação Regina Siqueira.	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN e DAE - Secretaria de Educação.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL
		1997	1998	1999	2000				
Possibilitar o ingresso, no Sistema Público de Ensino, de crianças portadoras de necessidades especiais.	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar as fichas cadastrais • Estabelecer o total de crianças a serem atendidas • Proceder a Matrícula • Adequar o transporte e o local onde serão atendidas • Receber e acolher as crianças • Acompanhamento de especialistas às crianças e aos profissionais atuantes • Avaliar sempre o funcionamento do Programa. 		•			Secretarias Municipais de Saúde e Ação Social	UNICEF, APAE, SEDUC	Material Humano	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação
Atender as famílias das crianças portadoras de necessidades especiais	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar encontros mensais entre especialistas e os pais das crianças atendidas 		•	•	•	Secretarias Municipais de Saúde e de Ação Social	APAE UNICEF SAS SEDUC	Humanos Materiais e Financeiros	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação
Criar um laboratório instrumentalizado para triagem e tratamento dessas crianças num prazo de 09 meses	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir as prioridades • Elaborar um Projeto • Adequar e instrumentalizar o local • Fazer concurso para seleção de profissionais, mas que irão trabalhar no laboratório • Selecionar os alunos • Começar 		•	•	•	Secretarias Municipais de Saúde e de Ação Social	APAE, UNICEF, SEDUC	Financeiros, Humanos e Materiais	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação

METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI

Área de Atuação: Educação de jovens e adultos

Objetivo: Oferecer oportunidade de alfabetização, profissionalização e aceleração da escolaridade para jovens e adultos e habilitar professores para o magistério.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL			
		1997	1998	1999	2000							
Capacitar até 1998, os professores que não estão habilitados para o magistério	<ul style="list-style-type: none"> Realizar divulgação (Rádio e Boletim Informativo) Inscrições para os professores Conclusão do curso 	•	•	•					Secretarias Municipais de Ação Social e de Cultura	SEDUC, Universidades	Materiais, Didáticos e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação e Agora Eu Sei.
Oferecer salas de aula para os jovens e adultos do ensino supletivo do 1º. grau no período de 97 e 98 de acordo com a demanda	<ul style="list-style-type: none"> Fazer um diagnóstico Sensibilização para que a clientela procure Utilização do Agora Eu Sei para a sala de aula Apoio ao funcionamento 		•						Secretarias Municipais de Saúde, de Ação Social e de Cultura	SEDUC, Universidades	Materiais, Humanos e Financeiros	DEN e DAE - Secretaria Municipal de Educação.
Implementar um sistema modular à distância do ensino supletivo do 2º. grau	<ul style="list-style-type: none"> Realizar um levantamento da demanda Informação e divulgação (Rádio e Boletim) Sensibilização para que a clientela procure Utilização das salas de aula do Agora Eu Sei 		•						Todas as Secretarias Municipais	Empresas SEDUC CEC Universidades	Materiais, Humanos e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação.
Implementar um Programa de Educação de Adultos, priorizando o Ensino Fundamental de 1ª à 4ª séries	<ul style="list-style-type: none"> Realizar um diagnóstico do número de adultos não alfabetizados no município Campanha de sensibilização Aperfeiçoamento de professores Definir escolas para o atendimento 	•							Secretarias Municipais de Ação Social e de Cultura	Universidades SEDUC	Materiais, Humanos e Financeiros	DEN - Secretaria Municipal de Educação.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL
		1997	1998	1999	2000				
Oferecer cursos profissionalizantes no âmbito das comunidades.	<ul style="list-style-type: none"> Realizar sondagem de demanda Definição e Organização dos Cursos a serem oferecidos. Inscrição dos interessados Acompanhamento e avaliação 		•			Secretarias Municipais de Ação Social e de Cultura	SEDUC, SAS SIC, SEBRAE, SINE CVTs, e Empresas	Materiais, Humanos e Financeiros	DAE - Secretaria Municipal de Educação

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Ensino médio

Objetivo: Cooperar com a SEDUC no Acompanhamento Pedagógico do Ensino Médio no âmbito do Município, no sentido de garantir a qualidade da Oferta, capacitando o jovem aracatiense para o mercado de trabalho, acesso ao Ensino Superior e o exercício pleno da cidadania.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL	
		1997	1998	1999	2000					
Cumprir as determinações da nova LDB, repassando os custos com o Ensino Médio para o Estado.	<ul style="list-style-type: none"> Realizar Concurso Público único - Estado e Município. Negociar com a SEDUC e CEC prazos para as definições quanto ao financiamento do Ensino Médio Reorganizar matrículas Implementar um sistema de melhoria pedagógico e /o ensino médio no âmbito do município 		•				Todas as Secretarias Municipais	CEC SEDUC Empresas	Humanos, Materiais e Financeiros	DEN e DAF - Secretaria Municipal de Educação

**METAS DE IMPACTO PARA OS 04 ANOS DE GESTÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
MUNICÍPIO DE ARACATI**

Área de Atuação: Ensino superior

Objetivo: Estabelecer parceria com instituições de ensino, para implantação de cursos de acordo com a demanda dos Municípios da região, visando o seu desenvolvimento.

METAS	PROCEDIMENTOS	CRONOGRAMA				PARCEIROS INTERNOS	PARCEIROS EXTERNOS	RECURSOS	RESPONSÁVEL		
		1997	1998	1999	2000						
Firmar convênio com a Universidade Estadual do Ceará para criação de um Campus Avançado	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer consórcio entre os municípios • Preparar documentação necessária • Reunião com o Reitor da Universidade e Prefeitos envolvidos no processo 		•					Governos Municipais Consorciados	SECITECE Universidades SEDUC AMECE AMUVALE UNDIME	Humanos, Financeiros e Materiais	Secretários de Educação e Prefeitos dos Municípios envolvidos
Oferecer cursos de pós-graduação, especialização e aperfeiçoamento	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento das necessidades através de pesquisa • Estabelecer período de duração dos cursos oferecidos • Viabilizar os cursos 		•					Governos Municipais Consorciados e Campus da UECE-Aracati	SECITECE SEDUC CEC Universidades	Materiais, Humanos e Financeiros	UECE e Parceiros do Consórcio
Integrar o Ensino Superior aos demais níveis de ensino especialmente o fundamental a nível de pesquisa e extensão	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as necessidades para ações integradas • Firmar convênio em Campus Avançado, as Prefeituras e os CREDES da Região 			•				Governos Municipais Consorciados e Campus da UECE-Aracati	SECITECE SEDUC CEC Universidades	Financeiros, Materiais e Humanos	Campus UECE-Aracati e Secretarias Municipais de Educação do Consórcio

SIGLAS UTILIZADAS

- IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- SECULT** - Secretaria de Cultura do Ceará
- UNICEF** - Fundo das nações Unidas para Infância
- FADEC** - Fundação de Assistência ao Desporto do Ceará
- DAE** - Departamento de Apoio ao Estudante da Secretaria de Educação do Município
- G.T** - Grupo de Trabalho
- LAD** - Liga Aracatiense de Desportos
- FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- IDACE** - Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará
- MEC** - Ministério da Educação e do Desporto
- SAS** - Secretaria do Trabalho e de Ação Social do Ceará
- SEDUC** - Secretaria da Educação Básica do Ceará
- DAF** - Departamento de Administração e Finanças da Secretaria de Educação do Município.
- DEN** - Departamento de Ensino da Secretaria de Educação do Município.
- UECE** - Universidade do Estado do Ceará
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ONGs** - Organizações Não Governamentais
- ABRINQ** - Associação dos Fabricantes de Brinquedos
- FEBEMCE** - Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
- CEC** - Conselho de Educação do Ceará
- SEMACE** - Secretaria do Meio Ambiente do Ceará
- IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
- EMBRAPA** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- DEMEC** - Delegacia do Ministério da Educação e do Desporto
- CDL** - Câmara de Dirigentes Lojistas
- UMES** - União Municipal dos Estudantes Secundaristas
- UJS** - União da Juventude Socialista
- APAE** - Associação dos Pais e amigos dos excepcionais
- CVTs** - Centros Vocacionais e Tecnológicos
- SINE** - Sistema Nacional de Emprego
- SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro Empresa

Prefeitura Municipal de Aracati Plano Estratégico

Prefeito municipal	José Hamilton Saraiva Barbosa
Vice-prefeito	José Evaldo Silva
Chefe de gabinete	Marivaldo da Silva Ribeiro
Secretário de Finanças	Paulo Sergio de Oliveira Cardoso
Subsecretário	Rômulo Augusto Brígido Nunes
Secretário de Administração	José Elias Pereira
Subsecretário	---
Secretário de Saúde	José Evaldo Silva
Subsecretário	João Batista Cisne Tomás
Secretário de Obras e Serviços Urbanos	José do Carmo Sales
Subsecretário	José Ozivaldo Rebouças
Secretária de Ação Social	Regina Lúcia Cardoso Barbosa
Subsecretária	Vânia Maria Uchôa do Carmo
Secretária de Agricultura	Maria Isabel Barbosa de Lima
Subsecretário	Francisco de Assis Batista Rocha
Secretário de Indústria e Comércio	Caetano Guedes Rodrigues
Subsecretário	---
Secretário de Cultura e Desporto	José Tarcísio Ramos
Subsecretário	João Batista Sena do Nascimento
Secretário de Turismo e Meio Ambiente	Luiz Régis Azevedo Esmeraldo
Subsecretária	Jandira Diógenes Aquino
Secretário da Educação	Augusto Álvaro Jerônimo Gomes
Subsecretário	José Viana Filho

Participaram deste Planejamento Estratégico:

- Alessandra Uchôa Damasceno
Coordenadora de Creche
- Ana Elizabeth Gondim Diniz
Coordenadora Escolar
- Ariza Batista Valente
Coordenadora Escolar
- Augusto Álvaro Jerônimo Gomes
Secretário de Educação
- Catarina Maria C. Viana
Coordenadora Escolar
- Célia Maria Ferreira da Costa
Coordenadora Escolar
- Claudia Maria de Lima Sena
Diretora do Departamento de Administração e Finanças
- Diana Venâncio de Moura
Coordenadora de Creche
- Edênia Maria Rosa Torquato
Coordenadora Escolar
- Elisângela de Matos Melo Nunes
G.T da Alfabetização
- Francisca Eridene da Silva Barbosa
Coordenadora Escolar
- Francisca Rejane dos Santos Oliveira
Professora
- Francisca Souza Silva
Coordenadora Escolar
- Francisco Ivaldo da Silva
Coordenador Escolar
- Gerlúcia Oliveira Freitas
Coord. das Creches
- Girlândia Gondim da Silva
Coordenadora de Creche
- Ivânia Batista Simões
Coordenadora Escolar
- Ivanilda Viana da Silva
Coordenadora Escolar
- Jacqueline Deodato Lima
Supervisora Escolar
- José Adalberto Vieira da Silva
Coord. do C.T.O
- José Hercílio Silvério Virgínio
Coordenador Escolar
- José Luciano Fulgêncio do Vale
Diretor Escolar
- José Viana Filho
Sub-secretário de Educação
- Jucineide Simões de Sena

Coordenadora Escolar

- Maria Auxiliadora da Costa Nogueira
Coordenadora Escolar
- Maria Auxiliadora Graça Gondim
Coordenadora de Creche
- Maria Auxiliadora Inácio da Silva Costa
Diretora Escolar
- Maria de Fátima de Medeiros Rocha
Diretora do Departamento de Ensino
- Maria Josenilda Virgínia da Costa
Diretora Escolar
- Maria Liduina da Silva Costa
Coordenadora do Telensino
- Maria Liduina da Silva Pinheiro
Secretaria Escolar
- Maria Neuma Barbosa de Lima
Diretora do Departamento de Apoio e Assistência ao Educando
- Marileide Monteiro de Oliveira
Coordenadora Escolar
- Marta do Rego Gurgel
Diretora Escolar
- Nádja Maria Melo de Lima
Diretora adjunto Escolar
- Neuzelinda Maria Marques da Costa
Coordenadora Escolar
- Paulo Ferreira da Silva Filho
Secretário Escolar
- Raimundo Erandir Lucas
Coordenador Escolar
- Rejane Monteiro do Nascimento
Projeto Agora Eu sei
- Sandra Maria Maia Barros de Freitas
Diretora de Divisão de Acompanhamento Pedagógico
- Tércio Valgarcel Vellardi
Coordenador Escolar
- Tereza Maria Caminha Nunes
Diretora Adjunta Escolar
- Vânia Maria Uchôa do Carmo
Subsecretária da Ação Social
- Zenilda Lima Oliveira
G. T. da Alfabetização
- Zulene Rocha Torquato
Coordenadora Escolar

Assessoria técnica: consultoras do Instituto Participação:

Betânia Moraes - psicóloga

Joana Cabral - pedagoga

Anexo 2

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES
EM SERVIÇO**

1997-2000

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM SERVIÇO

APRESENTAÇÃO

Este programa de Formação de Educadores Reflexivos para a Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, constitui-se uma proposta alternativa de aperfeiçoamento dos profissionais da rede municipal de educação que se encontrem em serviço nas 82 escolas.

Este projeto foi elaborado a partir de uma necessidade detectada quando da discussão e elaboração do Plano Estratégico Participativo de Educação no primeiro semestre de 1997. É uma iniciativa que vislumbra contribuir com a melhoria da qualidade da ação docente realizada nas instituições educativas municipais.

Em um país com estatísticas ainda tão desapontadoras no que se refere ao nível de escolarização dos professores, necessário se faz, o investimento de especialistas e gestores municipais em estratégias que possibilitem amenizar num menor espaço de tempo esta dívida social que já se mostrou tão desumana no cenário educacional. Obviamente que paralelo a estas iniciativas, é preciso intensificar a luta pela elaboração de políticas públicas que garantam uma escolarização em nível médio e superior para o já educadores e os futuros.

O referido projeto servirá de referencial para o trabalho de Apoio e Acompanhamento Pedagógico das escolas, realizado pelo departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Aracati - SEMEAR, mais especificamente pelo o GT Alfa.

ÍNDICE

- 1- JUSTIFICATIVA**
- 2- CONCEPÇÃO DO PROGRAMA**
- 3- OBJETIVOS**
- 4- METODOLOGIA**
- 5- ÁREA DE ATUAÇÃO**
- 6- CLIENTELA**
- 7- PERÍODO DE EXECUÇÃO DO PROGRAMA**
- 8- PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA**
- 9- AVALIAÇÃO**

1 - JUSTIFICATIVA

Estamos vivendo sob o signo da “globalização”. Muda o momento histórico, questiona-se paradigmas, mas as desigualdades sociais e regionais permanecem praticamente inalteradas.

Dentro dessa nova ordem, a educação ocupa lugar de destaque nas pautas governamentais e na agenda dos debates que buscam caminhos para um desenvolvimento econômico com justiça social e qualidade de vida para todos os cidadãos. Países realizam reformas em seus sistemas de ensino, de acordo com sua realidade histórica. O Brasil avançou consideravelmente nos últimos anos com relação à legislação que garante direitos a educação para crianças e adolescentes. A princípio com a Constituição Cidadã de 1988, seguida de aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e mais recentemente da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20/12/96 e da implantação do Fundo de Manutenção e de Valorização do Magistério nº 9.424 de 24/12/96.

No entanto entendemos que, estas conquistas legais só se efetuarão se a sociedade organizada e os especialistas em educação tornarem-se parceiros na vigilância permanente e na proposta de alternativas que de fato viabilizem a concretização destas conquistas.

É por acreditar que qualquer tentativa de colaborar com o aperfeiçoamento do fazer pedagógico, só terá resultado se conseguir abrir um canal de diálogo direto com os educadores, *indo aonde eles habitam e realizam suas práticas, para desvelar na cotidianidade “a sua maneira de ser professor”* é que elaboramos a seguinte proposta.

2 - CONCEPÇÃO DO PROGRAMA

O Programa de Formação de Educadores Reflexivos em Serviço visa tornar a formação de educadores uma prática pedagógica interacionista e reflexiva, para tanto busca superar a secular dicotomia teoria e prática.

Do ponto de vista sócio-político e cultural, o programa tem como norte ***à escola como um centro de recepção, produção e irradiação de saber e cultura e o processo educativo uma base para o desenvolvimento integral do sujeito e da comunidade.***

Do ponto de vista pedagógico é um programa que compreende o ensino-aprendizagem numa perspectiva do interacionismo sócio-histórico e objetiva formar um educador processual e reflexivo, capaz de tornar-se “um eterno-vir-a-ser”, pesquisador permanente da ação do seu aluno e da sua própria prática.

Do ponto de vista humano, se fundamenta na indissociabilidade do “*eu pessoal com o eu profissional*”.

3 – OBJETIVOS:

- Desenvolver uma ação pedagógica reflexiva e uma ação supervisionada reflexiva da prática pedagógica dos educadores e educadores/supervisores da rede pública municipal de ensino.
- Favorecer o intercâmbio regional e a troca de experiências pedagógicas e culturais entre as comunidades educativas.
- Possibilitar a interação o estudo e a produção de saber entre os educadores, coordenadores e/ou diretores em cada escola.
- Incentivar iniciativas que possibilitem o fortalecimento da autonomia das instituições educativas municipais e seu envolvimento com a comunidade.

4 – METODOLOGIA:

O programa destacará a relação dialética teoria-prática, trabalhando com a pesquisa, o estudo e a troca de experiências de forma integrada, desenvolvendo no professor/aluno e no supervisor/professor uma permanente *“reflexão na ação e a reflexão sobre a reflexão na ação”*.

Os procedimentos didáticos-pedagógicos serão de natureza dialógica, e os temas abordados nos encontros serão elencados a partir de um levantamento das necessidades feito com todos os professores através de um questionário realizado previamente, bem como, de sugestões que por ventura surjam no decorrer do processo.

As modalidades de trabalho seguirão basicamente duas vertentes: - a local e a regional.

Tanto nos encontros regionais bimensais como nos semanais nas escolas, teremos atividades de arte educação e dinâmicas de grupo, que favorecem o trabalho coletivo e o desenvolvimento pessoal, além do profissional. Por isso sempre que possível contarão com a presença de profissionais especializados nestas áreas.

Os encontros regionais ocorrerão em uma escola central na região e envolverá professores, coordenadores e/ou diretores e o supervisor/educador responsável pela região. Além de convidados para realizar oficinas pedagógicas ou colaborar com alguma atividade específica.

Os encontros semanais de estudo (Hora do Encontro), será realizado em cada escola e deve ser dedicado ao estudo ou debate assuntos de interesse específico de cada comunidade educativa.

O coletivo dos professores se reunirá por ocasião das semanas pedagógicas, onde todos os educadores do município compartilham suas vivências, ou em palestras e seminários promovidos sempre que se fizer necessário.

Esta metodologia pretende entre outras coisas, fortalecer a autonomia das escolas e dos educadores, ao valorizar suas histórias de vida, sua cultura e procurar formá-los em suas múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva e artística.

5 – ÁREA DE ATUAÇÃO:

O programa desenvolver-se-á no município de Aracati –Ce, e abrangerá todas as escolas da rede municipal de educação, que tenham na sua clientela alunos de educação infantil e ensino fundamental.

Será implementado pelo Departamento de Ensino da Secretaria Municipal de Educação e contará com a assessoria das duas especialistas que elaboraram a proposta.

6 – CLIENTELA:

- 280 professores de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental
- 89 professores da Educação Infantil
- 82 coordenadores/ou diretores de escolas de Ensino Fundamental
- 10 supervisores/professores do GT Alfa da SEMEAR

ANEXO II – DOCUMENTAÇÃO:

7 – PERÍODO DE EXECUÇÃO DO PROGRAMA:

O programa deverá ter duração de no mínimo dois anos, para que seja possível avaliar o seu impacto na prática pedagógica dos educadores e conseqüentemente no cotidiano das salas de aula.

8 – PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA:

O orçamento do programa será elaborado pela SEMEAR, a partir do planejamento prévio de cada etapa a ser implementada.

A cooperação técnico-científica de especialistas, que consiste na elaboração, acompanhamento, avaliação e se necessário for redimensionamento do projeto, dar-se-á mediante a celebração convênios institucionais e/ou contratos temporários de prestação de serviços de pessoa física.

9 – AVALIAÇÃO:

O programa será avaliado continuamente, por todos os atores sociais envolvidos no processo, em seminários semestrais.

Será também pesquisado, após dois anos, por ocasião da elaboração de uma dissertação de Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará do Núcleo de Educação, Currículo e Ensino por uma das mentoras intelectuais da referida proposta.

Responsáveis: Betânia Moreira de Moraes
Joana Adelaide Cabral Moreira

Anexo 3

PESQUISA PEDAGÓGICA

Nome:

Localidade:

Escola:

Série que leciona:

1. Na sua opinião, como o aluno demonstra que aprendeu? Como você sabe que ele aprendeu determinado conteúdo?
2. Como você ensina? O que você faz para seus alunos aprenderem?
3. Por onde você começa, quando vai ensinar a ler?
4. Por onde você começa quando vai ensinar a escrever?
5. Na sua opinião, quando você pode afirmar que o aluno já sabe ler e escrever?
6. Como você corrige as atividades escritas dos seus alunos?
7. Quando o aluno erra?
8. Leia o seguinte texto e responda:

ONSA FARCA

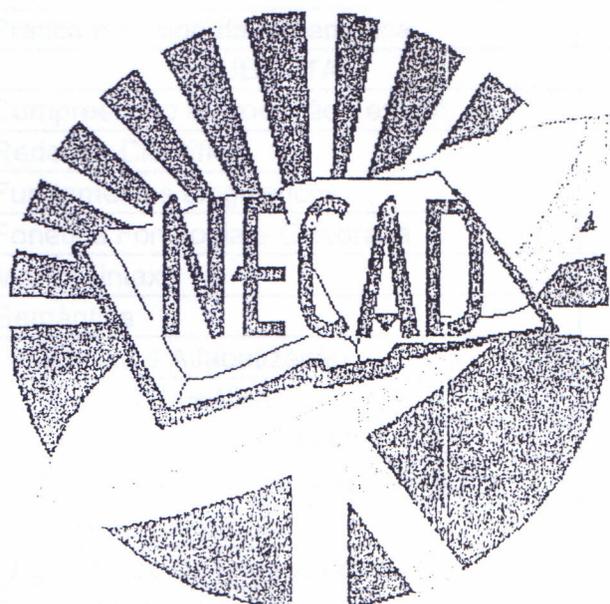
UM CIA AOZA FARCA
TAVANA FORESTA
LANAUMROPA IÉLA TAVA
CUAZI MOREINO
APARECU UMA BORBOLE
TA IMEIZA A OZA FANOU PAR
BORBOLETA CMIAJUDA BU
TO CUAZIMOREINO A BORBOLETA
FALOU PODI FAZE 3 PIPINO
EU QUERO UMA MONTANHA
DE DINHEIRO UM CAZTEZO
DE OURO EU QUEROUIRAR
UMA BORBOLETA

(Liana, Alf. SP).

- a) Quantos e quais erros o aluno cometeu? Por que você acha que ele cometeu esses erros?
- b) Como você faria a correção desses textos?



PROGRAMA DE GRADUAÇÃO



**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO
CONTINUADA E À DISTÂNCIA**

**CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL - LICENCIATURA PLENA**

6. GRADE CURRICULAR/CRÉDITOS/CARGA HORÁRIA

ÁREAS	DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
Fundamentos da Educação	Fund. Fil. E Epistem. da Educação	6	90
	Sociologia da Educação	4	60
	Psicologia da Educação I	4	60
	Psicologia da Educação II	4	60
	Didática	4	60
	Est. e Funcionamento da Educação Básica	4	60
	SUBTOTAL	26	390
Matemática	Fundamentos e Ensino da Matemática I	8	120
	Fundamentos e Ensino da Matemática II	8	120
	Matemática Elementar e Ensino	8	120
	Elementos da Matemática e Ensino	8	120
	Prática e Ensino da Matemática	3	45
	SUBTOTAL	35	525
Linguagem	Compreensão e Produção Textual	10	150
	Redação Científica	4	60
	Fundamentos Lingüísticos	4	60
	Fonética Fonologia e Ortografia	4	60
	Morfossintaxe	6	90
	Semântica	4	60
	Lingüística e Alfabetização	4	60
	Ensino da Gramática	4	60
	SUBTOTAL	40	600
Geografia	Fundamentos do Ensino da Geografia	4	60
	Noções de Cartografia	2	30
	Organização do Espaço no Município	2	30
	Geografia do Ceará	2	30
	Repres. Espaciais no Ensino da Geografia	2	30
	Geografia da Natureza	4	60
	Geografia do Brasil	4	60
	Geografia dos Espaços Mundiais	4	60
	SUBTOTAL	24	360
História	Introdução ao Estudo da História	4	60
	Prática do Ensino da história	2	30
	Tec. E o Emprego de Recursos em história	2	30
	História I	4	60
	História II	4	60
	História III	4	60
	História IV	4	60
	SUBTOTAL	24	360

Ciências	Iniciação ao Estudo da Ciência	2	30
	Biologia I	4	60
	Biologia II	4	60
	Introdução ao Estudo da Química	4	60
	Introdução ao Estudo da Física	4	60
	Ecologia	4	60
	Noções Básicas de Saúde	4	60
	SUBTOTAL	26	390
Modalidades Específicas	Educação Especial	4	60
	Educação Infantil	4	60
	Educação Ambiental	4	60
	Arte e Educação	4	60
	SUBTOTAL	16	240
Seminário	Seminário Introdutório	1	15
Estágio	Estágio	40	600
	TOTAL	232	3480

Anexo 5

ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DA ADS -NECAD

AÇÃO DOCENTE SUPERVISIONADA

600h/a divididas por 4 semestres = 150 h/a por semestre = 38h/a por mês h/a

Distribuição das atividades mensais = 38 h/a:

Aluno	Professor-orientador
24 h/a em sala de aula (04 h/a planejamento + 20 h/a execução) 10 h/a relatório reflexivo 04 h/a mediação	12 h/a mês (08 h/a visitas as escolas + 04 h/a mediação)

Observações:

1. Cada professor-orientador é responsável pelo estágio de 08 alunos, e pelo memorial dos mesmos;
2. Para cada 04 turmas com 40 alunos, 01 coordenador de Ação Docente Municipal;
3. O professor-orientador deve ter graduação e 02 anos de experiência no magistério.

Projeção desta proposta para Aracati:

600 h/a divididas por 8 semestres (04 anos) = 75 h/a por semestre = 19h/a por mês

- Seriam necessários 35 professores-orientadores.

PROPOSTA DE EXECUÇÃO DA AÇÃO DOCENTE SUPERVISIONADA EM ARACATI

Considerando que a Licenciatura em curso, visa formar em nível superior os profissionais que já estão em exercício na rede municipal de educação, no ensino fundamental, buscando associar teorias e práticas pedagógicas numa perspectiva crítico-reflexiva, dialógica e interdisciplinar, vislumbrando obter um avanço na qualidade do trabalho realizado por estes profissionais, colocamos à apreciação deste Conselho Gestor, uma proposta que busca integrar a “Ação Docente Supervisionada” da Universidade com “O Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico” realizado pela SEMEAR.

Tendo como referencial o Plano Municipal de Educação, e o desejo de tornar o curso de Formação de Professores para o Ensino Fundamental de 1^a a 8^a série (NECAD) uma etapa do Programa de Formação de Educadores em "Ação" que o Município já vem realizando há mais de um ano, envolvendo todos os educadores das séries iniciais, tornando assim a nossa realidade específica, propusemos que a equipe responsável pela Ação Docente e Aprofundamento de Estudos se constitua da seguinte forma;

- 01 professor/orientador especialista em prática de ensino (supervisão, currículo, metodologia, didática, psicopedagogia...), permanente, para cada turma de 25 alunos.
- 01 monitor (estudante de pedagogia e membro do GT Alfa) para cada região a ser realizada a Ação Supervisionada “in locus”.
- 01 professor/orientador especialista para cada turma nas áreas de habilitação do curso (português, matemática, ciências físicas e biológicas, história e em geografia).

Obs: Obviamente o ingresso do professor/orientador das áreas de habilitação deve seguir o curso da oferta das disciplinas.

Com relação execução da Ação Docente Supervisionada e o atendimento individual aos alunos, propusemos o seguinte:

- como o professor/formador dará a disciplina e retornará a sua faculdade origem, a avaliação processual e contínua ficará por conta do professor/orientador, por isso entendemos que ao final de cada semestre deverá haver um conselho de classe em que os professores poderão trocar informações sobre os alunos. Uma outra orientação seria o professor/orientador buscar ao máximo manter contato com a sala de aula, bem como, elaborar com os alunos com dificuldades específicas ou que desejem aprofundar temas dentro da sua área de habilitação, planos de estudo individuais, que serão viabilizados através de um calendário de trabalho do professor/orientador das áreas específicas (linguagem, matemática...);

- como o professor/orientador fará o acompanhamento da prática do aluno *in locus*, e o Município de Aracati têm uma área territorial de aproximadamente 1.428 Km² e um universo de 82 escolas de ensino fundamental, e conta com atendimentos específicos para professores de 1^a a 4^a e para o telensino (que no momento passa por reestruturações), entendemos que seja imprescindível contar com os especialistas destas equipes (2) entre os professores/orientadores, bem como, dos alunos/supervisores na função de monitores (6), uma outra contribuição importante seria a de especialistas em educação da rede estadual que compõem o Sistema de Apoio Pedagógico SAP que no momento trabalham em parceria com o município (1);

- que a Ação Docente Supervisionada continue utilizando o mapa regional elaborado pela SEMEAR (7 micro regiões), pois isso facilitará o acesso que já é planejado, bem como fortalecer o apoio que a secretaria já dá, mantendo um profissional em cada região pelo menos sete dias por mês;

- que os encontros regionais, que ocorrem bimensalmente, em cada área, para troca de experiências e reflexões pedagógicas que vem ocorrendo há dois anos, sejam fortalecidos com a presença dos professores/orientadores;

- que a “Hora do Encontro” (momento em que todas as escolas param suas atividades letivas para que professores, coordenadores e/ou diretores possam estudar), seja redirecionada contando com o apoio dos professores-orientadores e com a coordenação em alguns encontros dos professores/alunos;
- que a Semana Pedagógica do Município possa contar com oficinas e mini cursos oferecidos pelos alunos-professores em suas áreas de formação sob a supervisão dos seus orientadores;
- que as experiências dos professores/alunos em atividades de organização do trabalho escolar supervisionadas, monitorias, trabalhos de elaboração de jornais e revistas, publicações, entre outros, seja contado como crédito para o aluno;
- para concluir comungamos com a proposta da Universidade, de que a análise e a síntese da pluralidade dos saberes elaborados e/ou repensados, ao longo da formação teórico-prática do professor-aluno, somado as suas histórias de vida, consubstanciará o Memorial do aluno-professor, que terá o devido acompanhamento do orientador. E será exigido como trabalho final para a conclusão da licenciatura.

Após inúmeros debates quanto aos recursos disponíveis, procedimentos metodológicos e a forma como se daria a ADS, entre ganhos e perdas chegamos ao seguinte acordo, com proposta formalizada por Betânia Moraes e Joana Cabral.

ACÇÃO DOCENTE SUPERVISIONADA

Total de horas do Estágio	Horas de Estágio por 07 Semestres – 3/5 anos	Horas de Estágio por Mês
600 h/a	85.8 h/a	21.5 h/a

OBS: Serão contabilizadas somente **20 h/a/mês**, uma vez que durante o 1º semestre 99.1 os alunos começaram a acção docente apenas com a modalidade estudos orientados com os professores-orientadores das áreas específicas, contabilizando **40 horas**.

Especificação:

Alunos - 20 h/a/mês 02 h/a planeamento 08 h/a execução 04 h/a encontros para mediação 04 h/a estudos orientados 02 h/a relatório das atividades	Professor-orientador (especialista em educação) <ul style="list-style-type: none"> • Planeamento • Mediação • Trabalho nas escolas (observação da prática do aluno-professor) Total: 11 profissionais
	Professor-orientador (por área de formação) <ul style="list-style-type: none"> • Planeamento • Estudos Orientados • Plantões diferenciados por turno Total: 03 profissionais darão 24h/mês estudos orientados e 48 h/mês plantão

Distribuição das 600 horas de Acção Docente Supervisionada:

Atividades	Hora Mês	Total/ 28 Meses
1. Planeamento	02 h	56 h
2. Execução	08 h	224 h
3. Mediação	04 h	112 h
4. Estudos Orientados	04 h	112 h (40h do 1º semestre/99)
5. Relatórios	02 h	56 h
Total	20 h	600h

Detalhamento da Execução - 224 horas da Acção Docente Supervisionada

Modalidades de Práticas de Regência	Horas do Professor-Aluno	Horas do Professor-Orientador
1. Prática de Sala de Aula	200 horas <ul style="list-style-type: none"> • 200h dividido pelos 07 semestres igual à aproximadamente 28h/semestre • 28h/semestre dividido por 04 meses igual a 07h/mês OBS: mensalmente, durante todo o estágio.	<ul style="list-style-type: none"> • Visitar cada aluno na regência em sala OBS: cada aluno será observado a cada 02 meses durante 02 horas
2. Encontro Regional	04 horas OBS: 01 vez durante todo o estágio	<ul style="list-style-type: none"> • 285 alunos dividido por 14 ER dão 21 professores-alunos por encontro, dividido por 07 regiões dá um total de 03 professores-alunos a serem observados a cada encontro. OBS: cada 03 alunos serão observados em cada um dos 14 ER durante 04 horas
3. Hora de Estudo na Escola	04 horas OBS: 04 vezes durante todo o estágio	<ul style="list-style-type: none"> • 25 alunos serão observados coordenando 04 momentos da Hora do Estudo na Escola OBS: cada aluno será observado em cada um das 04 HEE durante 01 hora
4. Mini Cursos, Oficinas, Organização do Trabalho Escolar.	16 horas OBS: 01 vez durante todo o estágio	<ul style="list-style-type: none"> • Grupos de 05 alunos coordenarão uma das modalidades do item 4 OBS: cada 05 alunos serão observados durante a execução durante 04 horas
MEMORIAL	Cada aluno fará um memorial para obtenção do diploma de 3º grau e conclusão do estágio	<ul style="list-style-type: none"> • Cada um dos 284 alunos será acompanhado na elaboração do memorial

OBS: Os professores-orientadores serão distribuídos de acordo com a organização das turmas levando-se em consideração a quantidade de alunos e turnos. Cada professor-orientador acompanhará cerca de 25 a 30 professores-alunos:

Com relação aos professores orientadores por áreas específicas, por se tratar de uma inovação importante, mas, não prevista no orçamento do convênio celebrado entre a PMA e a UECE, contamos com eles no primeiro semestre do curso, selamos um compromisso de só recorrermos aos mesmos em situação extrema e por ocasião da elaboração dos memoriais. Caso contrário teríamos de diminuir ainda mais os professores orientadores da ADS.